

Amar Outra Vez



CAROL MARINELLI

Autora best seller do *USA TODAY*

 **HARLEQUIN**[®]

EDIÇÃO: eBook

Um verdadeiro amor é capaz de resistir ao tempo?

Desejado por todas as mulheres que o cercavam, o doutor James Morrell é um homem atraente, porém com uma profunda cicatriz no coração. Obstinado pelo trabalho em um dos maiores hospitais de Londres, sua vida privada é um mistério difícil de ser revelado. Até que um dia, após um terrível acidente, uma mulher desconhecida dá entrada na emergência seriamente ferida... e precisando ser ressuscitada. Para James, Lorna McClelland era mais do que uma paciente em estado grave. Era a parte mais importante de sua alma... E que agora retornava a ele em busca de vida.

Carol Marinelli

AMAR OUTRA VEZ

Tradução
Maurício Araripe



2013

CAPÍTULO UM

HAVIA UMA atmosfera energizada na sala de plantão da emergência quando James Morrell entrou, trazendo a tão sonhada caneca de café, e sentou-se. Tal atmosfera vinha do excesso de adrenalina e de pessoas falando ao mesmo tempo.

Um acidente sério na rampa de acesso da rodovia M1 deixara caótica a já movimentada tarde de sexta-feira. Um carro deslizara no gelo, o que resultou em um tremendo engavetamento envolvendo um ônibus e vários automóveis.

As condições úmidas e tensas do clima apenas colaboraram para aumentar o infortúnio das vítimas e das equipes de resgate.

Vários dos hospitais de Londres haviam recebido feridos, mas o departamento de emergência do North London Regional Hospital enviara uma equipe móvel para o local e aumentara o número de profissionais de serviço para ajudar. E agora, com o relógio marcando 17h, começavam a dar conta de todo o excesso de pacientes.

A enfermeira chefe da unidade, May Donnelly pedira sanduíches e bebidas para sua equipe. E, como alguns deles estavam de

serviço desde as 7h e continuariam por lá durante um bom tempo, ela insistira para que todos os seus membros parassem por meia hora e tivessem um bem merecido descanso. Em breve o departamento começaria a aceitar novamente que as ambulâncias trouxessem mais pacientes em vez de desviá-las para outros hospitais.

Após cuidar da sua equipe, May fez uma ligação para o adorado marido e lhe disse que, mais uma vez, chegaria tarde em casa. Sentiu-se muitíssimo grata por ele por não contribuir ainda mais para a pressão sob a qual se encontrava. Ele apenas tranquilamente a informou que começaria a preparar o jantar deles e a lembrou de que, àquela hora, no ano seguinte, estariam aproveitando o cruzeiro de aposentadoria dela.

– Bom trabalho, pessoal. – A voz grave de James calou o aposento por um instante. – Conversarei com vocês em grupos ao longo dos próximos dias e repassaremos tudo. No entanto, por ora, basta dizer que fizeram um excelente trabalho. A equipe que me acompanhou é de primeira linha. Tanto os bombeiros quanto os paramédicos comentaram sobre como trabalharam bem e elogiaram também os estudantes.

Ele voltou o olhar para onde as alunas de enfermagem estavam sentadas. May Donnelly sorriu ao ver cada uma das moças corar.

Havia muito May decidira que era um reflexo automático. James Morrell devia achar que todas as mulheres tinham as faces ligeiramente rosadas, pois era como costumavam ficar sempre que ele estava por perto.

May trabalhava como enfermeira fazia quase 40 anos, e já vira muita coisa. Podia contar diversas histórias no seu carregado sotaque irlandês, assim como era capaz de salientar algumas verdades. Mas será que aquelas jovens lhe dariam ouvidos se ela dissesse que estavam perdendo seu tempo com James?

Nem por um instante.

Alto e de porte atlético, ele parecia um centroavante de rúgbi, sem o nariz quebrado e as orelhas amassadas. Com o cabelo castanho liso e os penetrantes olhos verdes, fazia mais do que algumas cabeças se virarem quando caminhava pelo departamento. Com certeza tinha uma presença marcante e, por mais incrível que pudesse parecer, aos 35 anos, ainda era solteiro.

Ele trocara a roupa que ficara encharcada na rodovia pelo pijama cirúrgico azul, que deixava à mostra os braços fortes e um pouco dos pelos do peito, o que não passara despercebido a nenhuma das mulheres no aposento.

May observou uma das alunas, Kristy, tentando parecer casual ao perguntar:

– Você pretende ir à festa de despedida de Mick no próximo sábado, James?

Embora a atitude pudesse ter sido considerada um tanto ousada para uma aluna, todas as mulheres no recinto ficaram infinitamente gratas por ela ter indagado. James era um médico bonitão e definitivamente heterossexual. Quem poderia culpar uma garota por tentar?

– Talvez eu apareça. – James desviou o olhar da televisão.

Vinha tentando desligar o cérebro por um instante, mas sem sucesso. O departamento fizera um recesso para descansar, os destroços começaram a ser retirados, mas mesmo assim não parecia ter acabado. Havia uma sensação de intranquilidade que ele não conseguia explicar.

Claro, poderia facilmente atribuí-la ao fato de ter estado encarregado do local de um acidente com mais de quarenta vítimas. Mas já fizera isso antes... várias vezes. Não, a sensação de inquietude aumentava, e era por outro motivo.

Como se não bastasse, Abby estava prestes a iniciar seu assédio.

– Se você quiser, posso lhe dar uma carona para a festa. – Ela sorriu para ele, mas James não retribuiu, apenas olhou de volta para a TV. – Posso lhe dar uma carona se quiser, James – Abby repetiu, presumindo que ele não escutara o convite.

May se divertia muito com isso. Embora ninguém no departamento suspeitasse, May não gostava de Abby, a nova plantonista um tanto esnobe, que no momento fixava seus olhos azuis no prêmio principal: James Morrell.

– Não precisa se incomodar, Abby – James respondeu, sem se virar. – Ainda nem sei se vou.

– Bem... – Abby ainda insistiu. – Ofereci a carona porque assim você vai poder beber. Seria um prazer para mim. Não é comum nós dois termos a noite de sábado de folga ao mesmo tempo.

Isso! May adorava escutar aquilo: Abby falando como se fossem casados havia muito, um casal que não tinha oportunidade de passar tempo suficiente junto.

– Tenho planos para o próximo sábado... – Desta vez, James olhou para Abby e exibiu seu sorriso “dá um tempo”, que May adorava.

A cor apossou-se do rosto de Abby quando, com firmeza, como costumava ser o jeito de James, ele a colocou de volta em seu lugar.

– Como eu disse, talvez eu apareça. Gostaria de me despedir de Mick – acrescentou James, para que todos no recinto entendessem que o motivo de seu comparecimento, se acontecesse, seria despedir-se do porteiro que servira o departamento por 20 anos. – Quem está administrando a caixinha para ele?

– Sou eu – informou May –, mas você já deu a sua contribuição.

– Tem certeza? – indagou James.

– Tenho. – May assentiu, ainda sorrindo.

Quando as garotas perceberiam que James Morrell não misturava negócios com prazer? A bem da verdade, se May fosse 30 anos

mais nova, teria feito sua tentativa. Não que fosse adiantar de alguma coisa. Em todos os anos que trabalhara com ele, James jamais se envolvera com alguém do trabalho, e nunca, nem mesmo uma única vez, aparecera acompanhado a algum evento do hospital.

Havia um ar de desinteresse em James que May jamais fora capaz de entender bem. Era cortês, gentil, simpático, e também um livro fechado. Ele comentava sobre as notícias, as atualidades e os pacientes, conhecia bem toda a equipe e não tinha problemas em conversar com os colegas. Apenas não se abria.

Sem dúvida era sexy... Com certeza gostava de sexo!

Como enfermeira chefe da unidade, era comum para May ter de telefonar para a casa dos chefes de departamento. Algumas vezes, quando ligara para James, fora atendida por algumas moças, ou até mesmo flagrou suspiros e gemidos ao fundo enquanto um ofegante James atendia à ligação. Contudo, ele sempre se apresentou de imediato, e ninguém teria adivinhado que fora interrompido no meio de uma relação.

A melhor amiga de May, Pauline, era diarista na casa dele. E embora discrição fosse o lema de Pauline, ela só teve de franzir os lábios, certa ocasião, ao ser sondada por May, que queria ter certeza de que James possuía uma vida ativa fora do hospital.

A lembrança de certa ocasião fez com que May enrubescesse um tanto. Ela e James tiveram de se trocar rapidamente para seguir com a equipe aérea, e James aparecera com sangue na camisa. Estavam no saguão enquanto aguardavam o transporte que os levaria ao local do acidente.

Na sala de plantão, todos decerto haviam achado que ela se sentara abanando as faces por ter sido tomada por calores. May ainda conseguia se lembrar da visão daquelas costas largas marcadas por arranhões, e de quando ele se virou de modo que ela ficou a poucos centímetros de um peitoral marcado por mordidas de amor.

Ai, ai...

– Tudo bem, May? – James adorava trabalhar com May e sempre cuidava bem dela.

May sorriu.

– Só um pouco de calor.

– Eles nunca conseguem acertar na temperatura do ar-condicionado. – James olhou pela janela, para o céu acinzentado e para o monte de neve antiga que se empilhava de encontro à vidraça.

O céu já estava escuro, mas um poste de luz na rua mostrava a nova onda de neve caindo.

– Está congelando lá fora, e o aquecimento aqui dentro ficou tão forte que parece até uma sauna.

A inquietação retornara, sua coxa musculosa subia e descia, e, independentemente do quanto James tentasse, ele ainda não era capaz de relaxar.

O interfone na sala de plantão tocou.

– Será que podemos aceitar...? – indagou uma das funcionárias.

– Estamos fora do circuito. – May na mesma hora o desligou, pois sua equipe precisava do descanso.

O acidente significara que, por algumas horas, o North London Regional Hospital iria se manter fechado para novas internações. As ambulâncias seriam automaticamente desviadas para outros hospitais, e, embora fosse uma decisão dura de tomar, precisava ser tomada se quisessem manter os níveis de segurança no trabalho.

De qualquer modo, o departamento já se encontrava em situação difícil no momento. Dois residentes haviam partido no meio de seus contratos de seis meses, e as vagas ainda não tinham sido preenchidas. Abby era boa, porém nova, e um dos plantonistas acabara de entrar em licença médica. Todos estavam trabalhando além do limite, hoje mais do que nunca.

Em breve, voltariam a fazer parte do circuito. May, em comum acordo com James e a supervisão de enfermagem, decidira que a interrupção terminaria em meia hora. Contudo, por enquanto, sua equipe precisava refazer os estoques, não apenas de energia, comida e bebida, mas também dos medicamentos usados, assim como enviar mais alguns pacientes para as alas internas do hospital.

O interfone voltou a tocar, e a voz insistiu:

– Ela acaba de ser encontrada a alguma distância do local do acidente, presa no carro... Identidade desconhecida, na casa dos 30 anos, hipotérmica, parada cardíaca plena...

James já estava se levantando, pegando a metade de um sanduíche e seguindo para a porta. Mas ficara horrorizado ante a ideia de que uma paciente pudesse ter sido deixada para trás e de tudo que ela deveria ter passado.

– Aceite – disseram James e May ao mesmo tempo.

A equipe de plantão iniciou os preparativos para a chegada da nova paciente. A unidade de aquecimento, que era como um grande edredom que podia ser inflado com ar quente e colocado sobre a vítima, estava sendo preparada, assim como soros intravenosos. O anestesista fora bipado e retornava de uma movimentada UTI.

– O que mais sabemos?

– Não muito! – Lavinia, a dona da voz estridente que chegava pelo intercomunicador, uma moça até bonita em carne e osso, tratou de atualizá-los: – O carro foi encontrado em um terreno a algumas centenas de metros do local do acidente. O para-brisa foi estilhaçado, a motorista ficou exposta ao frio por algum tempo. Estava envolta em um cobertor, o que sugere que se manteve consciente após o acidente. Ela sofreu parada cardíaca assim que a libertaram dos destroços.

– Já sabem o nome dela?

– Ainda não. Ela foi entubada e está a caminho. A previsão de chegada é de nove minutos.

– Venha – disse James para May –, vamos esperar a ambulância lá fora.

Posicionaram-se na rampa das ambulâncias. James vestia apenas o pijama cirúrgico azul. Não parecia correto queixar-se sobre o mau tempo... ainda assim, estava *um gelo*.

Ele olhou para o relógio de pulso e desejou que a ambulância se apressasse.

– Ela já está lá há quatro horas. – James não estava puxando conversa, mas sim fazendo os cálculos de cabeça.

Quatro horas exposta a temperaturas baixíssimas, e, sem dúvida, bastante ferida. Em casos de hipotermia, era comum pacientes terem parada cardíaca quando removidos. Apesar da seriedade de uma parada cardíaca, o fato de ter sido testemunhada era um sinal positivo.

– Vai ser uma longa noite.

E seria mesmo. A temperatura corporal da jovem precisaria ser gradativamente elevada até se normalizar, antes que pudesse ser dada continuidade ao processo de ressuscitação. Quando o corpo se encontra hipotérmico, o cérebro requer pouco oxigênio. Portanto, havia a possibilidade de a paciente se recuperar plenamente. E, levando em conta a idade, eram excelentes suas chances de plena recuperação.

– A pobrezinha... exposta a essa tempestade por tantas horas – disse May, tremendo em seu casaco de lã.

– Eu sabia que não tinha acabado – murmurou James. – Foram muitos carros, muito caos. Vamos precisar rever tudo.

– E é o que faremos. – May suspirou. – Mas já estava ficando escuro às 16h, e com a neve e tudo o mais... – Sua voz falhou.

A segurança vinha tendo problemas com um motorista que insistira em estacionar o carro bloqueando o acesso à rampa das ambulâncias. Sua mulher só demoraria dois minutos, ele esbravejava, e, não, não ia tirar o carro.

James já escutara o suficiente. May o observou avançar na direção do motorista. Em condições normais, ele era um homem impressionante, mas pobre daquele que se colocasse entre ele e seus pacientes. May encolheu-se quando James, não muito educadamente, informou ao homem onde ele poderia colocar o seu veículo, e sorriu quando James retornou.

– O sujeito acha que aqui é uma droga de estacionamento.

– Não acha mais – salientou May, vendo o motorista, muito contrariado, engatar a ré e desbloquear o acesso à rampa das ambulâncias. Contudo, seu sorriso logo desapareceu. – Era só o que faltava!

Mais adiante, uma equipe de reportagem da TV, que se preparava para uma transmissão ao vivo para o noticiário noturno sobre o grande acidente, recebera uma dica sobre a história da “paciente esquecida”.

Ao vê-los se aproximarem animadamente com câmeras e microfones, James ordenou aos seguranças que trouxessem divisórias para proteger a paciente de olhos curiosos. A última coisa que ele queria era que algum garoto tomando o seu lanche visse a mãe sendo trazida para o hospital às portas da morte. Estava tenso de fúria contida quando mandou os jornalistas recuarem e ajudou os seguranças a erguerem as divisórias.

Ah, as alegrias de ser um médico chefe da emergência...

– Onde diabos está a ambulância?! – perguntou James para May, que consultou o relógio.

– Ainda faltam alguns minutos. Você está bem, James? – May não pôde deixar de indagar.

Ele parecia uma panela de pressão prestes a explodir. Certo, ele normalmente podia ser brusco, mas havia *algo* nele agora que May não conseguia identificar.

James estava prestes a responder com seu indiferente “Está tudo bem comigo”, mas era May quem perguntava, e ele a respeitava mais

do que a qualquer outra pessoa no departamento. Eles costumavam cuidar um do outro, e, por conta disso, James foi sincero:

– Não sei, May. – Podia escutar a sirene da ambulância, o que significava que ela devia estar a um ou dois minutos de distância. Voltou-se para o rosto sábio e familiar de May, e, mesmo parecendo evasivo, respondeu com a verdade: – Realmente não sei.

– Não está se sentindo bem? – ela perguntou.

– Não é isso...

James exalou um longo suspiro, espalhando uma tênue nuvem branca no ar frio da noite. Tentou encontrar a palavra certa para descrever como se sentia. Nervoso? Ansioso? Nenhuma das duas definições se encaixava direito. Inquieto. Essa era a melhor de todas, mas não estava com ânimo para responder a pergunta de May.

– Sei que está um inferno no departamento neste instante, que estamos desfalcados de muitos membros da equipe, mas... – Ela sondou.

– Também não é isso. Odeio pensar que deixamos alguém para trás. Eu sabia que ainda não havia acabado... – Suas palavras foram abafadas pelas sirenes e pelo barulho produzido pelas equipes de TV.

A segurança abriu as portas traseiras da ambulância antes mesmo de a viatura ter parado. O motorista saltou para a parte de trás e, notando as ávidas câmeras, cobriu o rosto da paciente com um cobertor. Esse procedimento era aceitável, uma vez que já estava entubada, enquanto o outro paramédico lhe comprimia o peito.

A maca foi solta, e James assumiu a massagem cardíaca enquanto May conectava um balão de ar à paciente. Empurraram a maca para fora da ambulância, ergueram-na sobre as rodas e, com movimentos hábeis e bem treinados, seguiram para a área de reanimação.

Contudo, no meio do caminho, James hesitou. O grupo inteiro se deteve por menos de um segundo, e seguiu avante.

James se apressou para alcançá-los.

Ela sempre tivera pés bonitos...

Apesar das roupas simples e do rosto sempre sem maquiagem, Lorna costumava usar um lindo esmalte de unhas cor-de-rosa, exatamente como essa paciente usava. Lorna também tinha uma pinta no dorso do pé direito.

James sentia o peito dela sob as mãos durante a massagem cardíaca, e quis, por um segundo maldito, parar a maca, tirar o cobertor de seu rosto e certificar-se de que não era ela.

Só que, tomado de pavor, James sabia que era ela.

Uma mecha de cabelo ruivo, molhado e escuro, escapou do cobertor. Quando adentraram o centro de reanimação e se prepararam para depositá-la sobre a mesa dura, o cobertor foi retirado. James finalmente obteve a confirmação do que já sabia fazia uns bons 15 segundos. Era Lorna.

Sempre se perguntara se ela não haveria se mudado. Quando esteve em Glasgow para uma conferência, alguns anos atrás, James vasculhara as lojas e os bares atrás de uma mulher com cabelo ruivo e grandes olhos dourados.

Procurara se convencer de que era inútil. Muito tempo se passara. Àquela altura, ela já deveria ter pintado o cabelo. Afinal, sempre detestara mesmo a sua cor. Talvez houvesse engordado. Ou, pior ainda, poderia esbarrar com Lorna empurrando um carrinho de bebê com gêmeos. Estava sendo ridículo, dissera para si mesmo naquele dia. Ainda que ela viesse em sua direção e se postasse diante dele, provavelmente James não a reconheceria.

Soube, na ocasião, que estava enganando a si mesmo, e tivera a confirmação disso hoje.

Dez anos depois a reconhecera em um único instante, só por seu rosto lindo.

CAPÍTULO DOIS

— ELA NÃO estava respondendo quando a encontraram, mas tinha pulsação. Teve parada cardíaca quando a retiramos do veículo – o paramédico informou, ao entrar correndo, com todos os demais, na unidade de reanimação, onde a paciente foi transferida para a mesa.

– Temos identificação positiva? – Foi May quem fez a pergunta, uma vez que James deixou de fazê-la.

Ele ainda massageava o peito da mulher, embora Lavinia já houvesse se oferecido para assumir o procedimento.

– Pela habilitação encontrada no carro temos Lorna McClelland, 32 anos, médica, originária da Escócia.

– Como não a viram? – Era a primeira vez que James falava desde a chegada da vítima, e, no fundo, fora uma pergunta irrelevante.

Lorna fora encontrada, estava mal, e, por ora, tudo que podiam fazer era lidar com a presente situação. May franziu a testa quando James persistiu com o despropositado:

– Como puderam não vê-la?

– Não sei ao certo – o paramédico respondeu. – Só recebemos o chamado há cerca de 25 minutos. Veja bem, está uma confusão lá fora.

Em vez do médico chefe da emergência, era Khan, o anestesista, quem parecia no comando. Ele jogou luz nos olhos da paciente, franziu a testa para James ao verificar as vias respiratórias e pediu medicamentos. Foi então que May resolveu intervir.

Ela não fazia ideia do que havia de errado com James, mas trataria de descobrir isso mais tarde. Ele estava postado ali, massageando o peito da paciente, branco como um lençol, e, em vez de examiná-la e dar início ao tratamento necessário, continuava plantado ali. May sabia muito bem que isso podia acontecer de vez em quando, um membro da equipe chegando a seu limite. Mas talvez o que estivesse ocorrendo fosse outro perigo em se trabalhar na unidade de emergência, May pensou ao notar as gotas de suor brotando na testa de James. Ele conhecia a paciente!

– Abby? – Pressionando o botão do interfone, May chamou a plantonista de seu intervalo. – Precisamos de você na reanimação. Lavinia, assumo a massagem – ordenou.

James ficou parado ali, olhando. Mal escutou quando May disse para Abby que ele não estava se sentindo bem. Tudo que de fato conseguia ouvir era o som pulsante nos ouvidos e o bipe, bipe, bipe do monitor cardíaco, enquanto Lavinia executava a massagem cardíaca.

A blusa de Lorna já estava aberta, o sutiã, cortado e empurrado para os lados. Suas botas ou sapatos foram descartados quando buscaram um ponto para o acesso intravenoso. Estavam cortando as roupas ensopadas com tesouras, rasgando-lhe a meia-calça e as roupas de baixo danificadas.

James pôde ver as cicatrizes da operação dela, e teve vontade de chorar. Em vez disso, porém, simplesmente ficou parado ali, obser-

vando-os erguendo-lhe os joelhos pálidos e inserindo o cateter, sabendo o quanto ela odiaria tudo aquilo, sentindo-se tentado e mandá-los parar, tentado a tomá-la nos braços e sair correndo; contudo, ao mesmo tempo, querendo que continuassem.

– Vá para a sala de plantão – May lhe disse. – James, vá para a sala de plantão. Parece que você está prestes a desmaiar.

– Vou ficar...

Jamais se sentira mais inútil. Como médico chefe da unidade de emergência, estava acostumado com crises, mas tê-la invadindo de novo sua vida daquele jeito o deixara efetivamente paralisado. Ela estava tão branca. Lorna sempre tivera uma tez pálida, no entanto, agora, parecia branca como o lençol sobre o qual se achava deitada. Até mesmo os lábios estavam brancos. A única cor no leito era o seu cabelo, farto, comprido e ainda ruivo.

Bem, então ela não o tingira. Na verdade, não mudara nada. Aquela coisinha frágil e esbelta estava exatamente igual a como ele lembrava, e a Lorna que James conhecera era uma pessoa tão reservada que abominaria a intrusão em seu corpo. A unidade aquecedora fora afastada, em vista da necessidade de se ter acesso irrestrito ao corpo dela.

Abby já chegara, assumindo o comando, pedindo uma lavagem peritoneal, onde uma bolsa de fluidos aquecidos seria despejada na cavidade abdominal de Lorna.

O anestesista solicitou um tubo de aquecimento esofágico, contudo, quando Abby verificou o monitor, a fibrilação ventricular fraca exigiu que Lorna fosse desfibrilada.

Quando o primeiro choque foi dado no corpo frágil, James realmente achou que iria vomitar ao ver o peito dela erguendo-se da mesa de reanimação.

Ela não merecia aquilo.

May não pediu novamente para que ele fosse embora, ela o levou dali. Havia um número mais do que suficiente de ótimos profissionais

com a paciente agora. Assim, puxando-o pelo braço, guiando-o através do departamento como se James fosse um sonâmbulo, ela o conduziu até o seu escritório, onde o sentou diante da própria mesa. Lá, James descansou a cabeça nas mãos.

– Fique lá dentro com ela – James pediu, detestando estar longe, mas sabendo que era melhor assim.

De modo algum conseguiria ser objetivo no tocante aos cuidados de que ela necessitava. Bem, jamais fora capaz de ser objetivo em se tratando de coisa alguma relacionada a Lorna; por que haveria de começar agora? Porém, o simples pensamento de Lorna sozinha, sem que ele estivesse lá para ela quando mais precisasse dele, bastou para que James detivesse May quando ela fez menção de se virar para sair.

– May, se eles pararem...

– Virei buscá-lo.

– Antes que parem – James acrescentou.

– É claro.

Abby ergueu os olhos assim que May retornou à área de reanimação e perguntou:

– Qual o problema com James?

– Ele está aqui desde as 3h. – May deu de ombros. De modo algum iria jogar mais lenha na fogueira. – Disse algo sobre não estar se sentindo bem quando aguardávamos a ambulância.

Contudo, não havia tempo a perder com um médico chefe desaparecido em ação.

Uma hora depois, May ligou para o marido e avisou que chegaria *bem* tarde, e que era para ele ir em frente e jantar.

Bem tarde, disse a ele passadas mais algumas horas, quando teve a chance de ligar de novo.

James acertara nas suas previsões. Fora uma reanimação demorada.

O aquecimento rápido fez seu serviço, e depois tiveram de trabalhar em fazer o coração bater independentemente; contudo, por ora, Lorna estava conectada a um marca-passo externo.

Houve também uma breve tomografia, que mostrou uma leve fratura e um inchaço no cérebro, e, enquanto tudo isso acontecia, a polícia localizou os parentes da vítima e os informou da seriedade de seu estado.

– O que acha, Abby? – May perguntou, ao deixarem a UTI, onde a “paciente esquecida”, como todos os canais de notícias a estavam chamando agora, lutava pela própria vida, com muitos médicos e enfermeiras lutando a seu lado.

Contudo, May escutara os médicos conversando e podia ver muito bem por si mesma. As perspectivas não eram boas.

– Bem, ela recebeu todos os cuidados. E teve parada cardíaca no local, o que é alguma coisa, mas, ainda assim, a coisa não está nada – Abby comentou, seu belo rosto com uma expressão séria. – A pobre mulher tem minha idade, sabe? Só torço para que seus familiares cheguem aqui a tempo.

– Ela pode sobreviver – May retrucou. – Conseguimos trazê-la de volta.

– Mas a que preço para a pobrezinha? – Abby se deteve diante de um bebedouro e encheu um copo de água. – Estamos trabalhando nela há horas, e ela já tem o ferimento na cabeça devido ao acidente. Só me pergunto se lhe fizemos algum favor. Ainda assim... – Amassou o copo de plástico e o arremessou na lixeira. – Pelo menos a família terá a chance de se despedir.

E, agora, May teria de contar para James.

Toda a equipe pensava que ele voltara para casa, doente, por isso não fora perturbado.

Estava exatamente como May o deixara, sentado à sua mesa com a cabeça nas mãos. Nem sequer acendera a luminária sobre o tampo.

Contudo, May jamais esqueceria a angústia estampada em seu rosto quando ele a fitou.

– Ela acaba de ser transferida para a UTI. – May puxou a cadeira para sentar-se ao lado dele. – Teve algumas costelas quebradas e uma leve fratura craniana, mas...

James sabia o que isso acarretava, porém, ainda tinha de ser dito.

– Ela fez alguns movimentos quando a temperatura começou a se elevar, mas Khan temeu que estivesse prestes a entrar em convulsão. Por isso, ele a manterá imóvel e entubada por 48 horas. Ela foi submetida a uma tomografia, que mostra inchaço no cérebro, mas na verdade...

– Por ora, não sabemos – completou James para ela.

– É, não sabemos. Mas, James... – May tomou-lhe a mão, pois gostava dele. E porque ele realmente não precisava de falsas esperanças, forçou-se a dizer: – No momento, realmente é minuto a minuto. O quadro está muito instável. Khan não se mostra muito otimista quanto às chances dela, e Abby também não. Apenas torcemos para que os pais cheguem aqui em breve. De acordo com os documentos no carro dela, Lorna estava em Londres para uma entrevista. A polícia conseguiu entrar em contato com a família, com os pais dela. Ao que parece, estão a caminho.

– Ótimo!

Havia um tom amargo na voz dele que May jamais escutara vindo de James.

– Eu sinto muito, James! – May acariciou-lhe o braço, detestando vê-lo daquele jeito. – É óbvio que a conhece.

– Fazia dez anos que eu não a via... Eu sabia que algo havia acontecido, embora não com ela, é claro, mas desde que retornei do acidente... – Sua mente lógica e analítica simplesmente não conseguiu passar daquele ponto. – Eu sabia que havia algo errado, sabia que algo não estava certo... simplesmente não faz sentido.

– Faz para mim – afirmou May. – Quantas vezes tivemos bebês sendo trazidos a um passo da morte só porque as mães acordaram do nada para ver como estavam? Ou uma filha que resolveu fazer uma visita sem motivo ao pai apenas para encontrá-lo desfalecido no chão?

– Eu apenas *sabia* que havia algo errado.

– E tinha razão. – May não foi capaz de se conter mais. Tinha de saber quem era aquela pálida beldade ruiva. – Já trabalhou com ela?

Ela franziu a testa, pois conseguiria reconhecer a maioria dos médicos que já haviam passado pelo departamento, e certamente Lorna, com seu cabelo estonteante, teria causado uma impressão. Mas May não se recordava dela.

– Eu a conheço da época da faculdade de medicina.

– É verdade... Você fez faculdade na Escócia. Ela era da sua turma?

James balançou a cabeça.

– Não, estava uns dois anos atrás de mim.

Embora estivesse sentado, James ainda dava a impressão de estar prestes a desmaiar. May, então, soube que Lorna devia ter sido mais para James do que apenas uma colega alguns anos atrás dele na faculdade.

Uma das coisas ruins de se trabalhar na emergência era quando amigos ou parentes apareciam de repente. May estava de plantão quando o pai do próprio James sofrera um infarto. Contudo, ainda assim, ele não perdera o controle naquele dia.

O mesmo não estava acontecendo hoje.

– Costumava sair com ela? – perguntou May, baixinho.

– Um pouco mais do que isso. – De repente, James afirmou: – Preciso vê-la antes que seus pais cheguem aqui.

– É claro. Eu o acompanho até a UTI. – Só que May não foi mais capaz de conter a questão que não lhe saía da cabeça.

Haviam acabado de passar a cantina e dobrado à esquerda quando enfim ela não pôde mais aguentar e indagou o que queria saber. Sim, sentia-se curiosa, mas não estava sondando apenas por conta disso. Queria ajudar James, assim como faria por qualquer amigo ou parente de um paciente. E, para conseguir isso, seria mais fácil se soubesse.

– Quem é ela, James?

James só foi responder quando já estavam no elevador, seguindo para a UTI:

– É minha ex-esposa.

CAPÍTULO TRÊS

POR ESSA May não esperava. Ah, ela sabia que todos tinham um passado, mas, como membro mais antigo da equipe, vinha trabalhando com James desde que ele chegara ao departamento, fazendo sua escala na emergência. Conhecia-o desde que ele terminara seu período de residência. No entanto, James jamais mencionara ser – nem já ter sido – casado.

PARA JAMES, a caminhada até a UTI foi a mais longa de sua vida. Preso no escritório nas últimas horas, ele já quase se preparara para a morte dela. Tentara não pensar no que poderia estar acontecendo na sala de reanimação. Acabara de pensar nela e se sentira estranhamente grato por Lorna estar ali, em Londres. Por ele poder estar com ela, caso sua porta se abrisse e May informasse que estavam interrompendo os esforços para reanimá-la.

No entanto, ela sobrevivera, e agora era ele quem teria de sobreviver a isso.

Era estranho apertar o botão do interfone e pedir permissão para entrar – desta vez não como médico –, ter de lavar as mãos e sentar-se

em uma pequenina sala adjacente enquanto May falava com as outras enfermeiras.

– Estão terminando de instalá-la – informou May ao retornar, servindo-lhe um copo de água da pequena pia na sala dos parentes.
– Você precisará desligar o celular antes de entrar.

Ele sacou o aparelho, e viu que havia oito ligações perdidas. Nem sequer escutara o telefone tocar.

Ellie. James consultou o relógio na parede. Deveria tê-la encontrado horas atrás. Desligou o celular e usou o aparelho fixo na mesinha ao seu lado. Escutou o toque e a irritação na voz dela quando Ellie se deu conta de quem era.

– Oi, Ellie. – Ele se esforçou para manter a entonação o mais normal possível. – Olha, é óbvio que não vai dar hoje. – Escutou o suspiro impaciente dela e olhou para May, que fingia não estar ouvindo. – Não, não é o trabalho...

James passou a mão pelo cabelo, inspirou fundo, e continuou:

– Lembra que eu lhe falei sobre Lorna... – Suas palavras foram recebidas com silêncio. – Bem, ela sofreu um acidente. Está aqui no hospital, na UTI. Não há ninguém aqui para ela, ainda.

Ele olhou para May, que já devia ter lido umas 20 vezes a placa que dizia: “Favor lavar as mãos.”

– Não – disse James, em seguida, repetindo: – Não. Olha, eu prefiro lidar com isso por conta própria. Ligo para você amanhã.
– E desligou.

May sentou-se.

– Sua namorada? – Ela quis saber, embora, em outras circunstâncias, jamais tivesse perguntado.

Contudo, estava ali essa noite como amiga e colega, e também o estava tratando como parente de uma paciente, tentando juntar as peças do quebra-cabeça, para melhor poder ajudá-lo.

– Ela sabe sobre Lorna?

– Conte para Ellie sobre Lorna alguns meses atrás. O relacionamento começava o ficar um pouco mais sério. Achei que fosse a coisa certa... – Sua voz falhou.

– Você foi casado com Lorna? – May certificou-se. – Durante quanto tempo?

– Nem mesmo um ano.

Ele poderia ter parado por ali. Afinal de contas, um ano não era muito, e fora há uma década. Já deveria ter sido tudo relegado ao passado, só que James jamais fora capaz de fazer isso, jamais conseguira dar um bom ponto final a esse capítulo em sua vida e seguir em frente.

Mas tentara, várias e várias vezes tentara. No entanto, aquele ano com Lorna fora um passeio de montanha-russa do início ao final, e James sentia-se como se houvesse retornado a ele.

Às vezes surpreendia-se com a facilidade com que pacientes ofereciam os detalhes mais pessoais. James chegou à conclusão de que havia uma necessidade de que a vida que os médicos lutavam para salvar fizesse sentido, de fazer a pessoa parecer real e palpável. E, talvez, uma necessidade de colocar as coisas em frenética perspectiva. E acertara, pois ali estava ele, fazendo o mesmo agora, tentando equiparar aquela paciente imóvel e sem vida à pessoa que conhecia. Ou melhor, que um dia conhecera.

– Ela era uns dois anos mais nova do que eu – explicou James. – Parecia uma coisinha um tanto quanto estranha, um tanto quanto afetada e fácil de se constranger; ou pelo menos era quando estávamos na faculdade de medicina. Nunca foi muito de comparecer aos eventos sociais, mas sempre chamava atenção.

– Com seu cabelo vermelho? – May sorriu, mas James balançou a cabeça.

– O que não falta na Escócia são ruivas. Não sei, May, ela simplesmente sempre me chamou a atenção. Suponho que ela houvesse

me fascinado. E então, certa noite, houve uma festa, e Lorna estava lá...

Apesar do rosto ainda pálido, ele até sorriu ante a lembrança.

– Lorna simplesmente me tirou o fôlego. Não conseguíamos parar de conversar. Nós já nos conhecíamos vagamente. Contudo, naquela festa, foi como se nos víssemos pela primeira vez. Fomos para a cama naquela noite. Ela jamais dormira com outro homem antes... – James balançou a cabeça, como se ainda não conseguisse acreditar no que acontecera. – Mas não havia dúvida em minha mente de que ela jamais dormiria com outro homem que não eu depois daquele dia. Eu era doido por ela. Passamos as próximas duas semanas na cama, não só fazendo sexo, mas conversando, estudando. May, foram as melhores duas semanas da minha vida. Foi loucura, foi impensado, mas, na época, fazia todo o sentido.

– E depois, o que houve?

James não respondeu de imediato. Olhou para o relógio, que devia ter parado, pois parecia que estavam sentados ali fazia horas. Sentia-se como se, após todos esses anos, estivesse revivendo a coisa toda.

– *Vamos descobrir logo!*

Normalmente calmo e prático, James deu-se conta de que, mais do que nunca, precisava manter-se assim, pois Lorna estava péssima. Ele lhe entregou a sacola de papel com o kit de teste de gravidez que acabara de comprar e a guiou até o banheiro. Contudo, na porta, ela hesitou.

– *Você não entende.*

– *Lorna! – James começava a ficar irritado.*

Havia dois dias que ela estava em pânico devido ao atraso de sua menstruação. Dois dias de angústia, que, como ele salientara várias vezes, poderiam ter sido a troca de nada. Afinal, haviam tomado precauções.

– Primeiro vamos descobrir se há algo com que realmente devemos nos preocupar.

James parecia muito centrado. No entanto, sentado do lado de fora do banheiro de seu apartamento de residente júnior, sentia-se uma pilha de nervos. Acabara de começar sua residência, de se mudar de suas acomodações de estudante, e, enfim, começava a ganhar algum dinheiro. E agora essa!

Por mais cuidadosos que tivessem sido... Certo, a bem da verdade, mal saíram da cama.

James fechou os olhos e suspirou, tentando não pensar em como poderiam ter tido um pouco mais de cuidado. E jurou que seriam mais cautelosos no futuro. Lorna não quisera usar pílula com receio de que os pais descobrissem, o que James achara esquisito. Bem, teriam de pensar em algo. Não podiam passar por isso todos os meses.

Não teriam de passar.

Os soluços vindos do banheiro informaram a James, antes mesmo de ele entrar, que não haveria segundas chances. Segurando-lhe o corpo soluçante, ele tentou confortá-la, dizer-lhe que tudo ficaria bem, que dariam um jeito, que superariam isso, só que ela estava além de qualquer consolo.

E após tê-la mantido abraçada junto ao peito até tarde da noite foi que James se deu conta de que Lorna não estava preocupada com a carreira, ou com o seu futuro, nem com o modo como um bebê afetaria sua vida. Sua preocupação não era com o que uma gravidez após apenas três semanas de relacionamento poderia fazer com eles. A única coisa que a consumia, a única coisa que parecia literalmente apavorá-la era como o seu pai reagiria.

– O que houve em seguida, James?

A voz de May o despertou de seus pensamentos.

– Descobrimos que ela estava grávida.

A falante enfermeira da UTI que se apresentou como Angela chegou para interrompê-los.

Porém, mesmo com toda a simpatia dela, James pôde notar que estava nervosa. Nunca era fácil lidar com colegas de equipe, ainda mais quando o paciente se encontrava em tão grave estado.

– Lamento tê-los feito esperar tanto, mas ainda estamos trabalhando para estabilizá-la. Agora, só precisamos repassar alguns detalhes. Você é o ex-marido de Lorna?

– Isso mesmo.

– Primeiro, há algo no histórico de Lorna que ache que devemos saber?

James hesitou por um instante, sem ter certeza da relevância da informação, relutante em compartilhar tal parte de seu passado. Mas eles precisavam saber, pois poderia vir a ser útil.

– Creio que ela passou por uma apendectomia aos 12 anos e teve uma gravidez ectópica, mas foi há vários anos.

– Há quanto tempo? – Angela perguntou, fazendo a devida anotação.

– Dez, quase 11 anos atrás.

– Mais alguma coisa? Diabetes, epilepsia...

James balançou a cabeça.

– Não que eu saiba.

– Mantém contato com Lorna?

– Não.

– Quanto tempo faz desde a última vez em que falou com ela?

James engoliu em seco.

– Dez anos.

– Entendo.

James sentiu pena de Angela. Afinal, não era uma situação fácil. Ele não tinha nenhum direito legal de ver Lorna, menos ainda do que uma pessoa qualquer que pudesse chegar da rua

alegando conhecê-la. Era o que o divórcio fazia, há muito James já se dera conta.

– A família dela está a caminho – informou Angela. – Devem aterrissar a qualquer instante. Pegaram um voo assim que souberam. Evidentemente, enquanto Lorna não for capaz de falar por si própria, teremos de depender do parente mais próximo para determinar a sua vontade, o que, neste caso, trata-se dos pais.

– Eles não vão gostar de me ver. – Ele a fitou direto nos olhos. – Veja bem, não foi um divórcio amargo. – Discutir isso com uma desconhecida o estava matando. Recusava-se a fazê-lo. – Apenas não deu certo, mas gostávamos muito um do outro. Sei que sou o ex-marido dela, o que deveria significar que sou a última pessoa que ela iria querer ver.

James hesitou, pois o histórico dos dois indicava ser exatamente esse o caso.

– Lorna teve uma parada cardíaca total no meu departamento. Só preciso ver com meus próprios olhos...

– Eu entendo – Angela disse, mas James tinha quase certeza de que não era bem assim.

Todavia, o olhar da enfermeira era gentil, e ela meio que sorriu de canto de boca. O que Angela comentou em seguida o fez perceber que, de fato, entendia mesmo:

– Eu mesma sou divorciada, mas sei que iria querer vê-lo se ele estivesse tão mal. No entanto, depois que a família chegar, a decisão será dela.

– Compreendo. – James assentiu com gratidão. – Não vou atrapalhar.

– Quer que eu vá junto? – May se ofereceu, mas James balançou a cabeça. – Eu espero aqui, então.

James sempre desejara ter mais uma chance para vê-la, para falar com ela, para dizer que lamentava muito por tudo o que acontecera

e para descobrir por quê. E, estava noite, alguns de seus desejos foram concedidos. Embora tivessem vindo acompanhados de tanta dor, ele ficou grato por isso.

Lorna estava mais rosada agora. Foi a primeira coisa que James notou ao aproximar-se. Se fingisse não ver os diversos tubos ligados a Lorna, poderia acreditar que ela dormia.

A unidade de aquecimento, um enorme edredom inflado, estava ligada, para ajudar a manter sua temperatura. Lorna parecia tão pequenina sob ela, com apenas a cabeça e os ombros visíveis...

James quisera aquele instante com ela, teria feito qualquer coisa para tê-lo. Só que, agora que estava ali, não sabia o que fazer, não sabia o que ela gostaria que ele fizesse.

Uma cadeira fora colocada ao lado da cama, e James se acomodou nela. Angela substituiu a enfermeira que estivera observando Lorna, e estava agora sentada em um banco alto ao pé da cama, verificando as leituras dos monitores e fazendo anotações, vigiando Lorna a cada segundo. Afinal de contas, era para isso que servia a UTI. Mas James teria matado a enfermeira só para ter alguns minutos a sós com a ex-esposa.

– Ela é uma pessoa muito reservada. – James olhou para Angela. – Quero dizer, ela realmente odiaria tudo isto. Sei que qualquer um odiaria, mas...

Ele não estava sendo muito coerente, mas não sabia o que fazer.

Ao avistar a clavícula de Lorna, James puxou para cima a unidade de aquecimento, ajeitando-a ao redor do pescoço dela. Lorna sempre fora esbelta, contudo parecia magra agora. Quando Angela lhe expôs os braços para lhe verificar os reflexos, James pôde ver suas veias, pôde ver as unhas bem cuidadas, que, ao contrário das do pé, não estavam pintadas.

– Tome. – Angela retirou um dos antebraços magros de sob a unidade de aquecimento. – Por que não segura a mão dela, não a deixa

saber que está aqui? Pode ser muito bom para ela escutar uma voz conhecida.

Há dez anos que não segurava a mão de Lorna. Não sabia se devia, mas, ao fazê-lo, a achou fria. Mas tudo bem; as mãos dela sempre foram assim.

James fitou os dedos ossudos, as veias azuladas nas costas da mão, e as sardas que sempre adorara, mas que ela odiava.

– Ela sempre foi fria. – Ele falava com Angela, mas olhava para Lorna. – Sempre que chegava do plantão noturno, parecia estar congelando.

Agora, ele estava se lembrando de coisas que escolhera não lembrar. Aquelas congelantes manhãs de inverno, quando Lorna subia na cama a seu lado, fria como o gelo lá fora. Ou quando ele se esgueirava para baixo das cobertas ao lado dela, às 7h, gelado, apenas para encontrá-la quentinha. Queria aquecê-la agora, queria subir na cama com ela, e abraçá-la, senti-la novamente. Só que não podia; havia uma década que não podia.

O que fazer, o que fazer? Sua cabeça girava. Ela o abandonara. Será que ao menos o queria sentado ao seu lado?

Sim.

Acidentes realmente aconteciam, James Morrell sabia disso melhor do que ninguém. Mas ver Lonra ali, naquele estado...

Sentiu uma pressão na cabeça ante o pensamento de que ela poderia morrer, ou ter uma lesão cerebral. Porém, devia existir uma razão para ela estar ali. De algum modo, Lorna voltara para ele, mesmo que apenas para se despedir.

James segurava a mão dela de encontro ao rosto agora, e foi como se uma represa houvesse estourado. Sentindo-lhe a pele sob os lábios, inclinou-se para a frente, enterrando o rosto no cabelo ruivo, inspirando os últimos vestígios do xampu de alfazema que ela sempre usara, sentindo-lhe a face encostar na sua.

Por um segundo, achou que alguém devia ter morrido no leito ao lado, pois podia escutar um choro profundo e doloroso. Só quando sentiu a mão pousar no seu ombro foi que James se deu conta de que o choro vinha dele.

– Fale com ela, James.

Angela devia ter ido buscar May, pois era a mão dela no seu ombro. May insistia para que ele dissesse o que tinha a dizer enquanto ainda havia chance. Sendo assim, ele o fez. Falou para Lorna todas as coisas que quisera dizer, todas as coisas que jamais dissera. Falou e falou, na patética esperança de que, talvez, ela pudesse escutá-lo.

Uma eternidade mais tarde, e também cedo demais, May o puxou, dizendo:

– A família acaba de chegar. E pediu que você saia.

Ele trabalhara na emergência durante anos e jamais compreendera aqueles rompantes de fúria que pareciam tão deslocados em um hospital, que irritavam tanto os médicos e as enfermeiras que fizeram com que medidas fossem estabelecidas em uma tentativa de evitá-los. Contudo, ao ver aquele rosto presunçoso vindo na sua direção, ao ver o sorriso beatífico do pastor McClelland ao aproximar-se, subitamente, James entendeu.

– James. – O pastor McClelland estendeu a mão. – Obrigado por ficar com Lorna até que chegássemos. Somos gratos pelo gesto.

James sabia que devia assentir, apertar a mão do homem, aproveitar a deixa e ir embora, só que não foi capaz de fazer isso.

– Claro que fiquei com ela.

– James!

Como era possível alguém sorrir e cuspir veneno ao mesmo tempo? Bem, o pastor McClelland fizera disso uma arte.

– Foi muita gentileza sua encontrar tempo na sua agenda...

– Como assim “encontrar tempo”? – James o interrompeu. – Ela foi minha esposa.

– E agora é sua ex-esposa. – O pastor McClelland tratou de salientar. – Ela o deixou, lembra? – Não estava sorrindo agora, apenas destilando falsa compaixão. – Lorna divorciou-se de você há mais de dez anos. Como eu disse, Betty e eu nos consolamos sabendo que alguém que costumava ser próximo de nossa filha estaria com ela até chegarmos. Mas estamos aqui, agora... e gostaríamos que fosse embora.

– Lorna iria querer...

– Eu sei o que minha filha iria querer, James. Há anos que você não a vê. Ela é uma mulher muito diferente daquela de quem você se aproveitou, anos atrás, e posso garantir que ela não iria querer tê-lo sentado ao lado de seu leito. Você já trouxe muita dor para minha família no passado. Perdoe-me se não o quero perto dela novamente.

O pastor seguiu para o leito hospitalar da filha, e James ficou parado ali. Sabia que tinha de ir embora e detestava a situação.

– Venha, James. – Já era quase meia-noite, mas não era por isso que May estava com pressa. Apenas queria afastar James do ambiente tóxico que o pastor criara. – Você já a viu. Já falou com ela.

E teria de se contentar com isso.

– Obrigado por tudo o que fez – disse James para Angela, lançando um último e demorado olhar para Lorna. – Será que pode me avisar se houver alguma mudança? Vou ficar no hospital.

– A família pediu que apenas ela fosse informada sobre o estado da paciente.

Canalha!, a palavra ecoou na cabeça de James.

– Há muito interesse da imprensa e coisas do gênero... Os pais dela foram bem claros quanto à sua vontade.

Ah, eles sempre deixavam bem clara sua vontade. James podia imaginá-los rezando ao redor dela agora e tentou pensar no que Lorna iria querer que ele fizesse; só que, no fundo, não sabia.

Descontrolado, e odiando isso, James se impôs o melhor que pôde:

– Bem, não sou a imprensa e não estou pedindo como ex-marido dela. Sou o médico chefe da emergência, e a paciente chegou ao hospital através de meu departamento. Tenho todo o direito de ser informado se formos bem-sucedidos na nossa prolongada reanimação. Mande me bipar se houver qualquer mudança no quadro da paciente.

– É claro, dr. Morrell.

– Sr. Morrell – corrigiu James, sorrindo ligeiramente em seguida. – Mais uma vez, obrigado por toda a ajuda.

CAPÍTULO QUATRO

A UTI de fato manteve James informado do progresso de Lorna.

Apesar dos protestos de Ellie, de que mal o via, ele mudou-se para a sala de plantão e dividiu seu tempo entre o trabalho, que nunca faltava, olhar para o teto e cochilar na pequenina cama de solteiro, acordando sobressaltado sempre que seu pager tocava.

Sessenta horas mais tarde, após duas tentativas fracassadas, os tubos foram retirados de Lorna. Vinte e quatro horas após esse procedimento, na terça-feira de manhã, ela foi transferida da UTI para uma das alas médicas.

Isso era tudo extremamente encorajador, exceto pelo fato de os níveis de consciência de Lorna estarem variando. No melhor dos casos, ela se via desorientada e confusa; no pior, nem sequer sabia o próprio nome.

May jamais dissera nada para ninguém, só que o mundo do hospital era pequeno, e logo espalhou-se a notícia de que a ex-esposa do belo e evasivo sr. Morrell era uma paciente ali, e que, ao que parecia, ele estava arrasado, completamente arrasado.

Mas não era bem assim. Apesar do choque de revê-la, das horas infernais aguardando para saber se ela sobreviveria, James estava bem.

– Está tudo em ordem – dizia, em resposta a todos que perguntavam.

Quando Ellie perguntou por que ele não ligara e por que não queria conversar com ela a respeito ele afirmou:

– Tenho estado muito ocupado, Ellie, apenas isso.

Abby garantiu saber muito bem pelo que ele estava passando. Portanto, caso ele precisasse conversar, ela estaria por perto.

– Olha, realmente está tudo bem – respondeu James.

E disse o mesmo para o pastor McClelland quando, uma semana após o acidente, o pai de Lorna viera falar com ele.

Na ocasião, James repassava as escalas de plantão numa reunião informal com May, no posto de enfermagem, sobre a crescente pressão que a falta de médicos vinha exercendo sobre a equipe. Naturalmente, May ofereceu-se para se retirar, e James perguntou se ela não se importava em aguardar os sessenta segundos que aquilo deveria levar.

– Gostaríamos de agradecer a você e à sua equipe. – O pastor apertou a mão de James, que sentiu como se estivesse tocando uma cobra. – Betty e eu voltaremos para a Escócia hoje, agora que sabemos que Lorna está se recuperando. Temos um grande evento de angariação de fundos para a igreja este fim de semana, e também quero agradecer devidamente à minha paróquia por todas as orações. – Ele inclinou a cabeça para o lado, como sempre fazia quando tentava injetar um pouco de humor nas suas pregações. – E, é claro, iremos render graças ao Senhor.

Será que ele achava que era o único que rezara por ela? James ajoelhou-se naquela noite, rezara como jamais em toda a sua vida. Não que suas preces contassem muito aos olhos do pastor, ele se deu conta.

– Faça uma boa viagem – disse James, pegando sua caneta, em seguida, e retomando o trabalho.

Nada tinha a dizer para o homem. Bem, isso não era de toda verdade. Havia muito que poderia dizer para o pastor, apenas preferia não fazê-lo.

– Tem uma outra coisa.

James cerrou os dentes ante a expressão séria do pastor McClelland, sabendo o que viria em seguida. Estranho como o sotaque escocês, que achara tão charmoso em Lorna, o irritasse tanto quando vindo do pai dela.

– Como estou certo de que entenderá, Lorna está se sentindo muito pouco à vontade.

– Bem, – James se fez de desentendido – ela ainda está nos primeiros dias, mas, se Lorna estiver com problemas para controlar a dor, posso dar uma palavrinha com seus médicos.

– Não se trata disso – retrucou o pastor McClelland, e James conteve um sorriso. – Ela está muito pouco à vontade sabendo que se encontra no mesmo hospital que você.

– É mesmo? – James ergueu uma das sobrancelhas.

Lorna devia ter melhorado consideravelmente desde que ele falara com a equipe de internação para saber que estava no mesmo hospital em que James trabalhava. Até alguns dias atrás, ela vinha tendo dificuldades até para se lembrar do próprio nome.

– Lorna foi bem clara no tocante a isso... Ela não quer você indo vê-la.

– Não tenho ido vê-la – salientou James.

– É, mas agora que estamos voltando para a Escócia, queremos nos certificar de que é assim que as coisas continuarão.

Agora que não está vigiando o leito dela, James teve vontade de dizer, mas não o fez.

– Minha filha demorou muito para superar tudo – explicou o pastor McClelland. – Muito mesmo, mas agora ela conseguiu tocar adiante a sua vida. Está saindo com um bom rapaz, um médico, na verdade. Ele está trabalhando no Quênia, no momento.

– Que bom para Lorna!

– Ter você bem longe é o que é bom para Lorna. – Ele ficou de pé e estendeu a mão para James, que se recusou a apertá-la.

Não havia necessidade de fingir cortesias agora. Na verdade, não havia necessidade de fingir nada. Os McClelland faziam parte de seu passado.

O pastor prosseguiu, deixando mais uma vez bem claro:

– O que estou dizendo, James, é que se você se importa com Lorna, o melhor é ficar longe. Você não deve se aproximar de minha filha.

– Tudo bem – disse ele, talvez pela 50ª vez naquela manhã.

Respondera para as costas do pastor, pois ele já se afastava.

– Que homem encantador! – Desta vez, May nem sequer tentou fingir não ter escutado nada.

– Sempre foi. – James tentou dar de ombros, mas eles, tão tensos, tão retesados, mal se moveram. – É engraçado como nada muda.

– Você irá vê-la, agora que os pais dela se foram? – insistiu May.

– Não. – Já se decidira, e era como o pastor McClelland colocara tão bem. – Não há por que remexer o passado.

– Ah, mas eu acho que este já foi remexido, revirado e sacudido. Vamos tomar um café, James. – May não estava convidando, mas ordenando. – No seu escritório.

– Deixe para lá, May.

Mas James foi para o escritório, pois ali certamente não era o lugar para aquilo. Sua vida pessoal já servira de entretenimento suficiente para o hospital todo ao longo dos últimos dias. Dos diretores

aos porteiros, todo o mundo parecia estar lhe oferecendo sorrisos solidários, ou parando de falar quando James chegava, e ele não estava gostando nada disso. Com certeza não subiria até a ala de internação apenas para contribuir com todo o drama.

– Há anos que tudo entre Lorna e mim está acabado. Você escutou o que o pastor McClelland disse. Ela não se sente à vontade comigo aqui, e não quer que eu vá vê-la.

– De acordo com o pai dela – salientou May. – James, você ficou arrasado quando a trouxeram.

– Foi o susto. – James deu de ombros. – Ela já foi minha esposa. Não sou tão insensível assim.

– Você não é nada insensível! Suponho que tenha se casado com ela porque estava grávida. . .

Ele assentiu, brevemente.

– E, depois, ela perdeu o bebê.

– É. – O tom dele foi de irreverência, contudo, havia um músculo se retraíndo em sua face, e, por fim, sua voz ficou um pouco mais suave: – Lorna enlouqueceu quando descobriu que estava grávida. Disse que o pai ficaria furioso. Tentei argumentar que, assim que tivesse tido tempo de absorver a notícia, ele entenderia e a apoiaria.

– Ela não pensou em um aborto?

– Não. – James balançou a cabeça. – Nem por um instante. Eu disse que a apoiaria de todas as maneiras possíveis. Fui com ela contar para a família. . . May jamais vi algo parecido com a reação do pastor. Os nomes de que a chamou, de que me chamou. Ele não estava preocupado com Lorna, nem com o futuro dela, mas com o que diriam seus paroquianos, com o que as pessoas pensariam. Duas semanas mais tarde, estávamos casados, e ainda assim, não foi o suficiente. Tivemos de manter a gravidez em segredo. O pastor não queria ninguém contando nos dedos e descobrindo as datas. Nós nos mudamos para Londres só para ficar longe.

– Ah, James... – May balançou a cabeça, dando-se conta do horror de toda a situação. – Eu sei...

– Não, May, você não sabe. – James interrompeu, furioso. – Não faz ideia de como ele é.

– Na realidade, James, faço sim. Trabalhei por dez anos na ala ginecológica. Eu não gostava de trabalhar lá. Tive de preparar os corpos de duas belas jovens durante meu treinamento. Mulheres lindas, apavoradas demais para contar para os pais que estavam grávidas. Por causa de jovens como aquelas, optei por fazer o melhor que podia na ala ginecológica. Sendo assim, não venha me dizer que não sei, porque não é verdade.

James se deu conta de que ela sabia mesmo e lamentou não terem conversado sobre isto anos atrás, quando começara a trabalhar no hospital. Na época, estava tão cego de confusão e tristeza que tivera certeza de que ninguém entenderia. No entanto, o tempo todo estivera ao lado de uma mulher que talvez entendesse.

– No pré-natal, descobrimos que o bebê estava ectópico e que Lorna teria de seguir imediatamente para a cirurgia. A trompa já havia se rompido quando chegamos. Liguei para o pai dela para contar, e ele ficou tão aliviado... Não falou nada em voz alta, mas pela entonação pude perceber que estava feliz porque agora a paróquia não contaria para trás, nos dedos, a partir da data de nascimento do bebê. Haveria tempo de sobra para outros bebês, disse o pastor. E ele e a mulher disseram o mesmo quando vieram ver Lorna.

– Ela queria aquele – falou May, mas James balançou a cabeça.

– Nós dois queríamos aquele – ele corrigiu.

May assentiu.

– Sinto muito.

– Foi um susto descobrir que ela estava grávida, mas superamos isso. Nós nos casamos, e mesmo sendo às pressas e não podendo ter

sido em hora pior, mesmo estando quebrados, éramos loucos um pelo outro e estávamos animados com a perspectiva de sermos pais. Quando perdemos o bebê, perdemos tudo, May. Ela abandonou o casamento antes mesmo do primeiro aniversário, voltou para a Escócia e tornou-se clínica geral, recusando-se até a falar comigo. Precisei de anos para superar o que aconteceu, e enfim consegui. Há mais de um ano estou saindo com Ellie. É o relacionamento mais longo que tive desde Lorna, e se acha que vou colocá-lo em risco subindo até lá para reviver os velhos tempos, está enganada. Para começo de conversa, não seria justo com Ellie.

– Não seria justo com Ellie se seu coração estivesse em outro lugar – retrucou May. – Talvez seja hora de descobrir. Talvez você veja Lorna e não sinta nada. Daí poderá seguir em frente, porque me parece que ainda não o fez.

– Ah, e você saberia disso melhor do que ninguém, não é? – James ficou zangado com May por ela verbalizar o que ele próprio vinha pensando. – Está casada há 42 anos...

– O que me torna uma especialista! Afinal de contas, nos dias de hoje, ninguém permanece casado por 42 anos sem aprender uma ou duas coisas. Quer que eu vá falar com ela?

– E dizer o quê?

Quando May arregalou os olhos, nem mesmo James foi capaz de conter um sorriso relutante. May sempre sabia o que dizer, e isso, no seu ramo de trabalho, a ajudara a resolver muito mais do que aquele pequenino drama sem nenhum ensaio.

– Tudo bem, tudo bem – disse ele, irritado, mas curioso e até um pouquinho aliviado por ter a chance de escutar o que Lorna teria a dizer. – Vá testar as águas.

LORNA NÃO se recordava de praticamente nada da UTI. Apenas a ocasional lembrança confusa de barulho e de alguém pedindo-lhe

para que dissesse seu nome, se ela sabia onde estava, e, depois, de ser transportada pelo interior do hospital.

Muitas luzes foram acesas em seus olhos, e várias pessoas lhe perguntaram qual era seu nome. E, embora ela não soubesse, não tinha como explicar isso. Sua língua e boca se recusavam a obedecer. Quisera apenas que a deixassem em paz para que pudesse voltar a dormir. Doía ficar acordada. Parecia que um ônibus estacionara sobre seu peito, e mover os membros em resposta às perguntas requirera monumental esforço, um esforço para o qual não tivera energia.

– Vamos.

Alguém estava lhe beliscando a orelha.

– Diga-me o seu nome.

– Lorna.

– E você sabe onde está, Lorna?

Era uma boa pergunta, e já fora feita algumas vezes. Disso Lorna se lembrava.

– Lorna, responda à enfermeira!

Seu pai estava ali, o que não era exatamente animador. Ela se encontrava num hospital, e o pai ainda a fazia se sentir como se estivesse se comportando mal. Ah, sim, era onde ela estava...

– Hospital.

A resposta grogue passara por lábios inchados e rachados, e ela entreabriu um pouco os olhos ante a insistência da enfermeira para que o fizesse.

– Isso mesmo. Agora, será que pode apertar minha mão? Vamos, com força – a enfermeira dizia. – Você sofreu um acidente, Lorna. Lembra-se de alguma coisa?

Ela não se lembrava de nada, por isso, em vez de responder, tentou voltar a dormir. Estava apenas cansada com a intromissão. Não paravam de perguntar as mesmas coisas.

– Você sofreu um acidente de carro, e, agora, está no North London Regional Hospital.

– Não. – Ela balançou a cabeça, porque *isso* era impossível.

Pequenos lampejos de memória apareceram em sua cabeça. Era como se Lorna estivesse tentando se recordar de um sonho. Tivera entrevistas marcadas em Londres, isso parecia certo; contudo, jamais se candidatara a um emprego no North London Regional Hospital. Embora houvesse vagas anunciadas no London, ela o evitara por ser o hospital onde James trabalhava.

Sabia disso, porque verificara.

– Não – afirmou Lorna, exausta demais para discutir, preferindo, em vez disso, dormir.

LORNA PASSOU os dias seguintes em um tipo de estado de existência suspensa. Preferiu não tentar descobrir por que estava ali, nem o que havia de errado e voltar aos poucos ao mundo real. Aceitava tudo sem discutir.

Sua mãe fora às compras, e lhe trouxera vários dos mais horrosos pijamas de náilon, um penhoar também de náilon e um par de chinelos masculinos, que ela esperava que tivessem solas de borracha. Afinal, a eletricidade estática que descarregara quando a enfermeira veio buscá-la da primeira vez para ajudá-la a tomar banho e a se trocar poderia ter iluminado uma pequena nação.

Lorna acreditava ter escutado, um ou dois dias mais tarde, enquanto cochilava, os pais comentarem sobre as despesas de ficarem hospedados em Londres. Ela, decerto, ficaria internada ainda por um bom tempo. Levou um instante para Lorna se dar conta de que falavam a seu respeito.

– Simplesmente largamos tudo e viemos correndo para cá quando soubemos do acidente – disse a mãe na manhã seguinte, enquanto dava chá morno para Lorna através de um canudinho. –

Os vizinhos estão alimentando os animais de estimação, e eu nem trouxe roupas. Não queremos que ache que a estamos abandonando. Se me der as chaves da casa de Grace, posso ir até lá e separar algumas roupas e artigos femininos. Será bom ter suas próprias coisas.

– Obrigada.

– Mas veja bem... Faz uma semana que estamos aqui...

– Uma semana?

Lorna conteve-se. Sabia que suas intermináveis perguntas apenas entristeceriam a mãe e irritariam o pai, mas *uma semana*? Para ela, haviam se passado no máximo dois dias; quatro no máximo.

– Você entende. – Betty a abraçou gentilmente, de modo a não lhe machucar o peito doído. – Acontece que o médico diz que você ainda pode passar um bom tempo aqui, e já foi o maior trabalho conseguir um pastor para cobrir seu pai no domingo passado...

– Mãe, você já fez o suficiente. Vocês dois já fizeram. – Ela recostou-se no travesseiro, exausta, embora fossem apenas 8h30. – Sinto muito por ter dado tanto trabalho.

– Essas coisas são feitas para nos testar – disse o pai, lançando-lhe uma piscadela um tanto quanto fria. – Ligaremos quando chegarmos em casa.

Como, Lorna se perguntou, ele sempre era capaz de fazê-la sentir-se culpada? Seu pai podia reduzi-la a uma criança problemática com apenas um olhar, mesmo com seus 32 anos.

Lorna sentiu a tensão começando a deixar o quarto assim que a porta se fechou. Apesar de passar boa parte do tempo desfalecendo e acordando, vira mais dos pais nos últimos dias do que em anos. Tempo concentrado, sem sobrinhos ou sobrinhas para distrair ou paroquianos chegando sem avisar. Apenas os três, enfiados naquele quarto abençoado, e James Morrell, ela descobrira, solto pelo prédio.

– Olá!

Um rosto enrugado e simpático, falando com um carregado sotaque de Dublin, veio em sua direção, e com um ligeiro sorriso, Lorna estendeu o braço para ter sua pressão tirada.

– Lorna McClelland, e estou no North London Regional Hospital.

– Isso mesmo. – A enfermeira sorriu. – Só que não vim aqui para fazer seu acompanhamento. Sou May Donnelly, e estava trabalhando na emergência quando você foi trazida. Só vim ver como está passando.

– Desculpe! – Constrangida, Lorna encolheu-se. – Acredite em mim, eu estava apenas brincando. Nos primeiros dias, nem sequer conseguia me lembrar de meu próprio nome, quanto mais informar onde eu estava.

– Não é de se surpreender. – May empoleirou-se na beirada da cama, e Lorna moveu o joelho. – Você nos deu um susto e tanto.

– Dei um susto em todo o mundo. – Lorna suspirou. – Meus pais acabam de voltar para casa.

– Isso é bom ou ruim? – perguntou May, e havia algo nos olhos dela, algo tão sábio no modo como perguntou, que Lorna se sentiu aliviada.

Lágrimas acumularam-se sob suas pálpebras pela primeira vez desde o acidente.

– Eu causei tantos problemas...

– É o que os acidentes fazem. – May acariciou-lhe o braço. – Mas não foi você quem causou os problemas.

– Você não os conhece.

– Não – respondeu May, gentil. – Mas fui apresentada a eles na noite de seu acidente.

– Ah...

– Eu estava com James quando ele veio até a UTI para vê-la.

Dessa vez, nem mesmo um “ah” ela conseguiu dizer.

Quer dizer que ele viera vê-la. Seus pais não lhe contaram sobre isso. O pai dissera que tivera uma breve conversa com James, que, é claro, quisera saber como estava indo a recuperação dela, mas James achara melhor não vir vê-la.

– Ele era o médico encarregado quando você foi trazida. – May permitiu que Lorna absorvesse o significado das palavras, o que levou algum tempo.

Lorna fechou os olhos, tentando, e não conseguindo, compreender como devia ter sido para James. Podiam ter passado pouco tempo casados, mas ela não era capaz de imaginar a própria reação caso a situação fosse inversa: ela de plantão, e James sendo trazido em estado grave.

– Ele contou? – perguntou Lorna. – Sabe que nós...?

Sua voz falhou, mas May assentiu.

– Só naquela noite é que fui descobrir que ele havia sido casado.

– Como ele estava? Como ficou quando viu que era eu?

– Isso seria fazer fofoca – disse May. – Contudo, é natural que tenha ficado abalado. Ele me pediu para vir vê-la.

As lágrimas estavam quase jorrando, mas Lorna as conteve com uma fungada. Era doloroso saber que James estava tão amargo, ou, pior ainda, tão indiferente que nem sequer podia vir ele mesmo ver como estava. Mais doloroso do que deveria ser. Só que May ainda não acabara:

– James queria subir para vê-la, mas preferiu não fazê-lo, com medo de deixá-la ainda mais incomodada.

– Não. – Lorna balaçou a cabeça. – Não sei. Pensei que ele já tivesse vindo.

– Pois é... – May apertou de leve o seu braço. – James achou que poderia ser difícil para você, com seus pais aqui e tudo o mais.

– Papai mandou que ele não viesse?

May não respondeu.

– Pergunte a James desde quando ele dá ouvidos a meu pai. – E foi então que rolaram as lágrimas que Lorna vinha contendo desde que seus olhos se abriram na UTI.

Foi o simples horror de acordar machucada e dolorida, sem saber aonde fora parar, e descobrir que os pais estavam ali, e James também. Não fora apenas o carro que se espatifara naquele dia, o mesmo acontecera com todo o seu mundo. Se May tivesse colocado um lenço em sua mão e falado para Lorna se acalmar, teria sido melhor, mas, em vez disso, ela lhe acariciava o cabelo e pacientemente falava para que pusesse tudo para fora.

– Chore o quanto quiser, querida.

E foi o que Lorna fez, pela primeira vez desde que acordara nesse mundo estranho e confuso. Quando terminou, e May perguntou se havia algo que pudesse fazer por ela, Lorna sentia-se tão bem que se viu tentada a perguntar para May se ela não se importaria em ir comprar-lhe um pijama decente. Mas achou que estaria abusando.

– Vou avisar que você o receberá.

Não era aquela a aparência com que uma mulher gostaria de estar quando prestes a se encontrar com o ex, Lorna pensou, lamentando não ter energia suficiente para passar um pente no cabelo, e tentando freneticamente não pensar nas repercussões.

Como estaria James? O que diriam um ao outro? O que diria ela caso James perguntasse por que o abandonara tantos anos atrás?

Entretanto, nada – nem uma hora inteira passada deitada ali pensando a respeito e quebrando a cabeça para descobrir como se sentiria – a preparou para a avalanche de emoções que a atingiu quando James abriu a porta. Pela primeira vez em uma década, Lorna se viu frente a frente com ele.

– Lorna...

Ela não conseguiu falar, não fazia ideia do que dizer, agora que ele estava postado ali. A voz de James continuava grave, seus ombros

ainda eram largos, e os olhos possuíam o mesmo lindo tom esverdeado. Lorna achara que chorara tudo o que tinha para chorar com aquela simpática enfermeira irlandesa, porém, no instante em que James pôs os pés no seu quarto, ela começou de novo.

Dez anos de dor vieram borbulhando à superfície quando o homem que amava, o homem que sempre amou, mais uma vez caminhou em sua direção.

CAPÍTULO CINCO

JAMES NÃO fazia ideia do que dizer ou fazer. Não sabia se estava zangado, amargurado, magoado, ou se simplesmente não se importava mais. Decidira não examinar tais sentimentos em anos, e com certeza tentara não fazê-lo nos últimos dias.

Porém, ao notar o modo como a ponta do nariz dela ficara vermelho, exatamente como costumava acontecer quando Lorna ia chorar, ao ver aqueles enormes olhos dourados se encherem de lágrimas no instante em que ele adentrou o quarto, a pálpebra roxa e inchada, o peito machucado através do decote do pijama, ao escutar os soluços dela, sabendo tudo pelo que ela acabara de passar... tomá-la muito gentilmente nos braços pareceu-lhe a coisa certa a fazer.

Como poderia não fazê-lo?

– Está tudo bem, você está bem...

James repetiu isso várias vezes, para si mesmo, e não só para ela. Ele a abraçou e suspirou, pois da última vez em que a abraçara achara que Lorna fosse morrer. Ou, pior ainda, que viveria com uma mente que não era a dela. James a soltou apenas quando a enfer-

meira entrou para fazer o acompanhamento. Ele observou Lorna piscar quando corretamente respondeu onde estava; contudo hesitou na data.

– Sabe que dia é hoje?

– Quarta-feira... – Lorna piscou de novo. – Quero dizer... – Balançou a cabeça.

– É sexta-feira – disse a enfermeira. – Não se preocupe, Lorna, tudo acabará retornando. Precisa de alguma coisa?

– Apenas um pouco de água, por favor.

James franziu a testa ao olhar para a jarra de água cheia sobre a mesa ao lado deles e perguntou-se por que ela mesma não pegava. Ficou observando quando a enfermeira lhe serviu a bebida e abriu a embalagem de um canudo, segurando o copo para Lorna, que tomou alguns goles.

Foi só então que James notou como Lorna estava frágil.

– Minhas mãos... – explicou ela, um tanto quanto timidamente. – ...ainda estão um pouco adormecidas. Vivo derrubando as coisas.

– Você chegará lá.

– É o que todo o mundo insiste em dizer.

– E como está você? – perguntou James, assim que se viram a sós.

– Nada mal, levando em conta.

– Levando o que em conta? – indagou James, astutamente, notando o dardejar nervoso dos olhos dela enquanto a confortava. – Como está, de fato?

– Assustada. – Era a primeira vez que Lorna admitia.

Não querendo ser motivo de agitação enquanto os pais estavam lá, ela havia sido a paciente perfeita, tentara responder a todas as perguntas deles sem fazer nenhuma ela mesma. Contudo, por algum motivo, para James era capaz de admitir a verdade.

- Não sei bem o que estou fazendo aqui.
- Alguém lhe contou o que aconteceu?
- Não sei.

Ele podia enxergar o pavor nos olhos dela. Sua voz ainda estava rouca do trauma da entubação, e, independentemente de sua melhora, James foi lembrado, se é que precisava ser, de como Lorna estivera mal recentemente.

– Quero dizer, sei que houve um acidente de carro, sei que estava em Londres para algumas entrevistas de emprego, só não entendo o que houve comigo. Não quis dizer como estou confusa para não preocupar meus pais. Sinto-me como se tivesse perdido o começo de um filme e não consigo pedir para ninguém me explicar. Só sei o dia em que estamos quando alguém me diz.

– Ei... – Com isso ele era capaz de lidar. Nesse caso, sabia o que fazer. – Você esteve tão mal, Lorna. Há apenas três dias, estava na UTI. É normal não ser capaz de lembrar as coisas.

- Não estive tão mal assim...

James interrompeu:

– O fato de ao menos estarmos tendo esta conversa mostra que está a par dos acontecimentos. Isso é bom.

– Suponho que seja. – Ela se permitiu ser tranquilizada pelas palavras dele, recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos por um instante.

– Quer que eu lhe conte tudo? – James a viu franzir a testa, e, sendo Lorna, mesmo com o ferimento na cabeça, sabia muito bem o que ela estava pensando. – Quero dizer, lhe contar tudo sobre a última semana, não sobre a última década. – Notou um sorriso lhe erguendo as bordas dos lábios descorados.

- Nesse caso, sim, por favor.
- Quer que eu anote? – Ele sorriu ligeiramente ante a risadinha que ela deixou escapar.

– Basta me contar e, se eu tiver esquecido até a hora de você ir embora, sim, poderá anotar.

– Houve uma batida de carretas na M1. Você sofreu um acidente de carro e teve um ferimento na cabeça, mas todos os exames indicam que é leve.

– Mas mamãe me disse que fiquei inconsciente por horas antes que me achassem.

– Não. Você mantém um cobertor no carro?

Ela franziu a testa e assentiu.

– No assento traseiro. Há um rasgo...

– Bem, você foi encontrada enrolada nele. Portanto, deve ter acordado em algum momento e teve a capacidade de perceber que estava com frio e que precisava se aquecer. Lorna, levaram um bom tempo para encontrar seu carro.

James não suportava pensar em tudo pelo que ela passara. Talvez fosse melhor que Lorna não se lembrasse, mas James se deu conta de que ela precisava saber a verdade.

– Cerca de quatro horas se passaram antes que seu carro fosse achado. Ao que tudo indica, você se desviou para evitar uma colisão e perdeu o controle do veículo. Em meio a todo o caos do acidente principal, seu carro só foi notado quando começaram a fazer a limpeza.

Houve um ligeiro chilreio, como o de um pássaro cantando que Lorna não conseguia ver, mas que podia imaginar. Uma imagem começou a surgir em sua cabeça: ela tentando pegar o celular, mas incapaz de alcançar o chão do carro; sua cabeça pesando como chumbo de encontro ao encosto do assento; a neve entrando pelo para-brisa estilhaçado. Esticando o braço ao redor do assento retorcido, Lorna levava uma eternidade, mas alcançara o cobertor. Ela *soube* que tinha de se manter aquecida.

– Você passou por muita coisa, mas está se recuperando agora.
– James tratou de tranquilizá-la. – Realmente está indo muito bem.

– É mesmo?

– É mesmo. – James assentiu. – Logo voltará a ser a velha Lorna de sempre. – Engoliu em seco ao se recordar da velha Lorna de sempre. – Muito bem, é melhor eu voltar para meu departamento, agora.

– É médico chefe?

– Sou.

– Você sempre disse que era o que queria fazer.

Ah, havia muitas coisas que ele quisera, mas James apenas sorriu, voltou a desejar suas melhoras e não a beijou na face.

– Você irá trabalhar durante o fim de semana?

– Oficialmente, não. Sem dúvida serei chamado algumas vezes.

– Bem, se estiver por aqui, seria bom se pudesse vir me visitar.

James respondeu com um ligeiro aceno que não dizia nem sim nem não, talvez um *veremos*, e Lorna ficou deitada, observando a porta até muito depois de ele ter ido embora. Sentiu-se tranquilizada por sua visita, porém, ao mesmo tempo, desconcertada. Jamais deveria ter pedido a James para vir vê-la.

Lorna virou-se e ficou olhando fixo para o agora familiar gerador do hospital. Os acontecimentos da manhã a deixaram completamente esgotada, sequer virou a cabeça quando a enfermeira veio ajustar sua dosagem do medicamento intravenoso. Toda a energia que restava a Lorna estava sendo concentrada em James.

Fique longe, ordenou-se. Mesmo querendo que ele viesse visitá-la, pelo bem dele, torceu para que não o fizesse.

Pelo bem de James, torceu para que ele se mantivesse longe.

CAPÍTULO SEIS

— TOME. – JAMES colocou de lado o *pager* e as chaves, pousou um enorme café para viagem diante de Lorna e fez menção de abrir a embalagem do canudo, mas ela o deteve.

– Estou me sentindo melhor. – Lorna sorriu, tomando um gole do café decente e saboreando-o por um instante antes de continuar:
– E eu me recuso a tomar café de canudinho.

Ela estava mesmo se sentindo melhor. Desde que os pais foram embora e James lhe explicara tudo, a névoa parecia ligeiramente menos espessa. Lorna conversara com as enfermeiras e até caminhara pelo corredor da ala algumas vezes, arrastando os pés enquanto uma enfermeira ia puxando sua bolsa de soro, mas era bom estar de pé e se movimentando, e era ainda melhor ver James novamente.

– May falou que você estava de plantão quando me trouxeram.
– O olhos dela se encontraram com os dele, e Lorna soube, apesar de tudo o que acontecera entre os dois, como devia ter sido assustador para ele. – Lamento por isso.

– A culpa não foi sua. Ainda assim, quando as portas da ambulância se abriram, jamais me passou pela cabeça que poderia ser

– você. Nunca pensei que a veria por aqui. O que a levou a procurar trabalho em Londres?

– Eu tinha quatro entrevistas marcadas.

Enquanto contava para ele, a própria Lorna ia se lembrando.

– Quer dizer que está se mudando de volta para cá?

– Se conseguir um dos empregos...

– Pensei que odiasse Londres. Você disse que não estava feliz...

– Ele na mesma hora se interrompeu. Aquele, com certeza, não era o momento de revisitarem o passado.

– Não era o lugar – disse Lorna, baixinho, o que apenas podia significar que fora o relacionamento deles que ela odiara, ou simplesmente ele. – Tenho trabalhado como clínica geral e também prestado serviço em uma clínica. Eu apenas queria uma mudança. Gostei de trabalhar em um hospital de cidade grande.

– Também pode encontrar um desses na Escócia – salientou James.

– Eu só... – Ela balançou a cabeça. Recusava-se a falar sobre isso com ele. – Apenas queria uma mudança. Entreguei minha demissão no mês passado e achei que não teria problemas em conseguir um emprego, mas as entrevistas não têm ido bem. Acho que olham para o número de pacientes que estou acostumada a tratar e acham que não aguentarei o tranco. Parecem não querer entender que, normalmente, sou a única médica em um raio de quilômetros. Eles não compreendem o âmbito das coisas com que tenho de lidar.

– Deveria ter me ligado. – James sorriu de canto de boca. – Eu poderia ter intercedido a seu favor.

– Quase me arrependo de não tê-lo feito. – Havia um ligeiro sorriso triste nos seus lábios. – Agora estou sem emprego, sem teto e meu carro é perda total.

– Sem teto? – James franziu a testa.

– Pus meu apartamento a venda há tempos. Um comprador surgiu de repente querendo fechar logo o negócio, então tive de deixar o imóvel para não perder a oportunidade. Estou hospedada na casa de uma amiga. Ela está de férias no momento, e eu cuido da casa para ela. Deveria ser apenas por algumas semanas. Daí eu ter tantas entrevistas alinhadas.

– Bem, você é convidada do North London Regional Hospital pelo menos pela próxima semana. – James sorriu. – Quem sabe? Talvez lhe ofereçam um emprego.

Procurando algo para fazer, ela brincou com as chaves dele. Viu e sentiu na mão o peso do enorme “L” de prata que preso a elas.

– Não é você. – James sorriu, notando-a reparar no chaveiro. – Não sou um caso tão triste assim.

– Eu sei. – Colocando de lado as chaves, ela corou ligeiramente ante a intensidade daquela voz e soube que ele falava a verdade. – James, tenho de lhe pedir um favor. Eu pedi para minha mãe, mas ela voltou da loja com o aparelho errado. Acha que... se tiver a chance, é claro... poderia comprar um carregador de celular para mim?

– Claro. – Ele vasculhou a gaveta, encontrou o celular dela e anotou o número do modelo. – Mas só poderei ver isso amanhã. Tenho uma lista afazeres para hoje, além de uma recepção de casamento para ir esta noite.

– Que bom... – Ela interrompeu-se ante a careta que ele fez. – Parece que não está muito ansioso para ir.

– É do primo de Ellie. Ele é um tremendo chato. Nenhum de nós quer ir.

– Ellie?

– Minha namorada – esclareceu James, caminhando até a janela e fitando o gerador do hospital, de onde saía uma coluna de fumaça que se estendia para o céu acinzentado.

Lorna voltou a se recostar nos travesseiros.

O “L” no chaveiro fazia sentido agora. É claro, deveria ter sido um E, mas James sempre fizera esse tipo de coisa de modo diferente. “L” tem o mesmo som de “Ellie”, constatou, deitada ali. Ficou aliviada quando James fez menção de ir embora.

– É melhor eu ir. Tenho hora marcada para cortar o cabelo ao meio-dia.

– É claro. – Ela exibiu um sorriso largo. – Obrigada por ter vindo me ver e por ter explicado as coisas ontem... Sinto-me muito melhor.

– Ótimo.

– Eu o verei amanhã, então.

James franziu a testa. Não deveria ter dito que viria vê-la na manhã seguinte. Não era um hábito que deveria estar incentivando.

– É claro. – Sorriu para ela, e houve um instante constrangedor quando optou por não lhe beijar a face. A facilidade com que a tomara nos braços na véspera começava a preocupá-lo. – Até amanhã.

Ao caminhar de volta para seu departamento, o celular de James tocou, e ele olhou para a tela do identificador de chamadas, mas preferiu não atender.

Ellie.

Dissera o nome dela para Lorna de propósito. Na primeira oportunidade que teve, deixara Lorna saber sobre Ellie. Porque tinha de fazê-lo, porque precisava fazê-lo, porque era a coisa certa a se fazer.

Só que não o fizera para ser fiel à namorada.

O nome disso era autopreservação.

CAPÍTULO SETE

— É BRILHANTE sair com um médico! – Ellie riu enquanto dirigiam para longe do que, com certeza, fora a recepção de casamento mais aborrecida do universo. – Você tem uma desculpa permanente para sair cedo!

– Bom, não é? – James sorriu.

– E então, o que faremos?

James não estava mais sorrindo. Em vez disso, ligou a seta e desnecessariamente mudou de pista.

– Tenho de ir verificar uma coisa com meu pessoal.

– Eu poderia ir com você, e, depois, iríamos para minha casa.

– Tenho muito o que fazer amanhã.

– Você está de folga amanhã.

James pôde detectar a tensão no tom de voz dela. Eles passaram a semana inteira sem se ver. Sabia o que viria em seguida. O tema era um pomo de discórdia desde quando começaram a sair juntos.

– Por que nunca me leva para os eventos do trabalho, James?

– Sabe que gosto de manter as coisas separadas. Eu lhe disse isso desde o início.

– Mais de um ano atrás – salientou Ellie. – Acho um pouco demais que tenha de me deixar em casa só para ir tomar uma bebida com seus colegas.

– Tudo bem – disse James. – Vamos!

Isso pegou Ellie de surpresa, visto que ele jamais levara uma acompanhante a nenhum acontecimento social do trabalho. Bem, não desde Lorna.

Ao caminharem pelo bar barulhento, puderam constatar que a equipe de emergência era a mais ruidosa de todas. Todos gritaram de alegria ao ver que James viera. Mick adorou o presente que James lhe trouxe, à parte, além do presente coletivo. Era uma caneta na qual James mandara gravar uma dedicatória, agradecendo a Mick por todo o seu trabalho ao longo dos anos. Contudo, houve alguns rostos desapontados entre as mulheres e um ligeiro franzir da testa de May quando James apareceu com Ellie.

Ainda assim, foi um drinque apenas. Depois, os dois seguiram para a casa de Ellie e, estacionando do lado de fora, James sentiu-se como o maior canalha da face da terra quando não desligou o motor.

– Eu realmente estou cansado, Ellie – disse quando ela perguntou por que ele não ia entrar.

– Eu tenho uma cama! – Ela tentou fazer graça, mas ele a escutou fraquejar, escutou sua voz chorosa, porém se recusou a ver as lágrimas, pois não suportava vê-las. – Não faça isto James.

E, a isso, ele deveria ter respondido algo como: “Fazer o quê?” Ou: “Estou apenas cansado.” Deveria tê-la tranquilizado, só que não podia, pois estava fazendo justamente o que ela lhe implorara para não fazer.

– Olha, eu preciso de um pouco de espaço.

– Não – retrucou ela com firmeza. – Não precisa não. Precisa entrar comigo para que possamos conversar, James.

– Não. – Ele balançou a cabeça, pois ter uma conversa era a última coisa que queria. Como poderia conversar quando não sabia o

que dizer? Como poderia conversar quando nem sequer sabia como se sentia? – Ellie, você é uma garota e tanto...

Ela o esbofeteou, e ele permitiu. Afinal, ela *era* uma garota e tanto, e fora ótima o suficiente para James acreditar que Ellie poderia ser a mulher para ele.

– Por quê? – Ela exigiu saber. – Por que quer jogar tudo fora?

– Não é você...

– Não, é a maldita Lorna.

– Não é Lorna. Isso já terminou há muito tempo. Ela está saindo com outra pessoa.

– É Lorna! – afirmou Ellie, abrindo a porta do carro. – Depois de tudo que ela fez, depois do modo como o tratou, como pode...?

– Só preciso ajeitar algumas coisas na minha cabeça – retrucou James.

– E não dá para fazer isso comigo.

Ele a fitou, desejando que tudo pudesse ser diferente, mas era sincero demais. Nunca lhe passaria pela cabeça ser infiel. Embora fosse pouco provável que ele e Lorna fossem acabar na cama, embora não tivesse a menor intenção de se envolver de novo com Lorna, ela *estava* em sua cabeça, o que significava que tinha de resolver a situação. Não podia agir mal com Ellie. Recusava-se a fazer isso.

– Não, Ellie. Não posso fazer isso com você. Sinto muito.

– É para sentir mesmo. – Ela bateu a porta do carro e marchou até a porta da casa.

James teve vontade de ir atrás dela, para lhe dizer mais uma vez o quanto lamentava, só que não teria sido justo com Ellie.

Ao arrancar com o carro, viu-se zangado... com Lorna.

Por ter retornado à sua vida justamente quando estava ajeitada. Por voltar a bagunçar sua cabeça.

Estava passando em frente ao hospital. Pensou nela lá em cima, na cama, naqueles pijamas de néon, e nem por um instante desejou

ter de volta o casamento deles. Fora um inferno. Pensando bem, Lorna tivera razão em abandoná-lo, em dar um fim ao relacionamento sem desculpas ou discussões.

E, no entanto, ao abrir a porta de seu elegante sobrado em Londres, não notou os brincos de Ellie na bancada, nem seu casaco pendurado na entrada. Em vez disso, seguiu direto para o armário no quarto, de onde tirou a caixa que sempre tivera a intenção de jogar fora, mas jamais o fizera, e sentou-se na cama para olhar as fotos do casamento.

Lorna parecia tão linda olhando para ele, os olhos dourados reluzindo de amor. Podia se recordar de como se sentia ao retribuir o olhar, uma combinação de orgulho e esperança misturada com certeza. Jurou, naquele momento, que daria certo, que por mais inesperado e às pressas que esse casamento tivesse sido, de algum modo, ficariam bem. E no entanto...

Nem ao menos chegaram ao fim do ano.

CAPÍTULO OITO

O PROBLEMA de ser paciente em um hospital de aprendizado era o aprendizado.

Ah, era maravilhoso ter excelentes cuidados e, como médica ela mesma, Lorna várias vezes já se vira postada ao lado de um leito hospitalar escutando, atenta, enquanto as vísceras do pobre paciente eram discutidas, sondadas e cutucadas. Ela também sempre sorria para os pacientes, mas era uma droga estar no lugar deles.

As rondas da manhã de segunda-feira pareceram se estender por uma eternidade. Seu aquecimento, sua demorada reanimação, tudo foi discutido em detalhes.

O médico encarregado do setor de trauma, o sr. Braun, explicou como o estrago causado pelo cinto de segurança e pelas costelas fraturadas fora exacerbado pela massagem cardiorrespiratória, e Lorna pôde entender por que estava tão roxa e dolorida. O buraco negro onde seu cérebro estivera voltava a se fechar, e sua independência estava retornando.

Quando um aluno desajeitado lhe cutucou o abdômen, uma Lorna intensamente reservada teve vontade de chorar. Em seguida, suas cicatrizes foram comentadas.

- Rompimento de gravidez ectópica.
- O aluno fizera seu dever de casa e lera as anotações.
- O que acharam quando operaram?
- Coalescências de sua apendectomia.
- De que outros problemas ginecológicos a dra. McClelland sofre?
- Endometriose.
- E isso é relevante para o tratamento dela porque...?

Embora sentindo muita pena de mesma, Lorna apiedou-se do aluno, cujo cérebro freneticamente tentava descobrir como uma gravidez ectópica de dez anos atrás e uma endometriose agora poderiam ser relevantes para os ferimentos que ela sofrera no acidente.

– A dra. McClelland está agendada para passar por uma histerectomia no início do ano que vem – informou o médico. – Por que uma mulher de 32 anos sem filhos consideraria um procedimento tão radical?

– Por causa da dor? – respondeu o aluno, suspirando aliviado quando o sr. Braun assentiu.

Uma longa discussão teve início sobre como fora difícil conseguir controlar sua dor logo que ela saiu da UTI. Estava sob o efeito de analgésicos particularmente fortes agora, embora tivesse alta tolerância devido aos analgésicos fortes que precisara ingerir ao longo de sua vida normal.

– Obrigado.

O aluno ofereceu o costumeiro sorriso a título de desculpas quando o grupo retirou-se do quarto, e Lorna respondeu com outro um tanto quanto amarelo. Tentou não se sentir como a mulher de 32 anos sem filhos que optara por um procedimento radical. Tentou não pensar que, embora no papel, fosse uma mulher sem filhos, já houvera um bebê, uma pequenina batida cardíaca no monitor, que significara tudo para ela, e que também significara tudo para James.

Podia lembrar a empolgação de estar indo para sua consulta pré-natal. Recém-casada, ela também era nova em Londres, para onde transferiu os estudos. Havia acabado de ser espremida na agenda lotada do obstetra no novo hospital escola onde James trabalhava e onde ela estudava.

A gravidez lhe caíra bem. Pela primeira vez na vida viu-se – embora nada de extraordinário – com seios, e o cabelo também jamais esteve tão reluzente. Tudo isso até contribuiu para tornar os enjoo matinais, vespertinos e noturnos, suportáveis, e também houve a sensação de liberdade. Longe dos pais, casada com James, a vida pareceu perfeita.

Até a plantonista examiná-la.

Lorna soube que ela ficou preocupada. Num minuto estavam conversando sobre como Lorna vinha se estabelecendo em sua nova escola de medicina, sobre como combinaria completar seus estudos com o novo bebê, e, em seguida, quando a médica lhe sondou a barriga, um pesado silêncio tomou conta da sala.

– Vou chamar o sr. Arnold para dar uma opinião.

Lorna permaneceu deitada ali, tentando não entrar em pânico, procurando se convencer de que tudo estava bem. Só que sabia que não estava.

Ainda assim, não haveria respostas imediatas. O sr. Arnold se achava em cirurgia, e a plantonista antes tão falante se mostrava agora mais distante, preenchendo formulários na sua mesa e ligando para o departamento de ultrassom.

– Vamos tirar um pouco de sangue, e, depois, quero que desça e faça um ultrassom.

– Há algo errado?

– Seu útero não está do tamanho que eu esperava. – Ela fez uma tentativa ineficaz de exibir um sorriso tranquilizador. – Vamos apenas aguardar o ultrassom.

Naquele instante, Lorna ligou para James. Estava sentada no corredor, bebendo um litro de água como instruído quando ele chegou. Podia dizer que ele estava nervoso e tentando não demonstrar. Perguntou algumas vezes o que plantonista dissera e ficou um tanto quanto agitado ante sua ausência de respostas.

– Sei que estou grávida! – Lorna precisava demais ir ao banheiro agora e se zangara com a médica por fazê-los passar por tudo aquilo, pois *sabia* que estava grávida.

De acordo com os livros, enjoo matinal era um bom sinal de níveis hormonais, e, na última semana, seus seios haviam quase dobrado de tamanho.

– Fiquei enjoada ainda esta manhã – informou ela, em tom de desafio.

Ficou de pé quando a radiologista chamou seu nome. Gentil, cortês, porém profissional, ela pediu para Lorna se deitar, enfiou folhas de papel para dentro da parte de cima de sua calcinha e despejou gel quente em seu abdômen.

James apertou a mão de Lorna um pouquinho mais forte quando a sonda começou a se mover sobre a barriga dela. Em seguida, houve um instante de alívio quando escutaram o som do seu bebê, seu coração batendo forte, só que James não sorria; nem a radiologista.

– Se puder aguardar aqui por um instante... – A radiologista desceu do banquinho e deixou o aposento escuro, mantendo a imagem do bebê congelada na tela.

Lorna não conseguia entender o problema. Ah, não era nenhuma especialista em ultrassons, mas podia ver a cabeça, dois braços, duas pernas. Só fazia dois minutos que estavam ali, pelo amor de Deus. Não haviam tirado medidas, existia um batimento cardíaco que parecia saudável. O que poderia estar errado?

– O que foi, James?

– Não tenho certeza.

– James, por favor... – Sabia que ele estava mentindo. Podia lhe notar o maxilar tenso, podia sentir-lhe a mão apertando a sua enquanto se esforçava para não olhar para ela. – Por favor, me conte. Sei que algo não está certo.

– Não tenho certeza, tudo bem, mas... – Ele hesitou por um instante, antes de prosseguir: – Lorna, eu realmente não posso garantir, mas acho que o bebê talvez não esteja na posição correta.

A porta se abriu naquele instante, permitindo a entrada não só da radiologista como também de seu obstetra e da plantonista. Lorna estava aturdida demais para falar qualquer coisa. Ficou deitada ali, torcendo para que seu bebê estivesse bem. Talvez um problema com a placenta fosse obrigá-la a passar semanas de cama, repousando, talvez...

– Lorna?

Era a primeira vez que via o sr. Arnold, seu obstetra. Ele se apresentou e apertou a mão de James antes de assumir o exame de ultrassom. Seu rosto era o retrato de intensa concentração, quando, mais uma vez, o sensor foi deslizado sobre a parte inferior do abdômen dela.

– Lamento ter de lhes dizer isso, mas sua gravidez é ectópica.

– Não. – Lorna recusou-se a aceitar.

– Seu útero está vazio, Lorna. O feto vem se desenvolvendo na trompa de Falópio.

– Não.

Odiava que de uma hora para a outra o estivessem chamando de feto, quando há apenas alguns minutos todos se referissem a ele como o seu bebê.

– O feto não é viável.

– O bebê – interrompeu Lorna.

Recusava-se terminantemente a aceitar, recusava-se a dar ouvidos quando lhe diziam que, a qualquer momento, a trompa poderia se romper, que não havia escolha senão remover o feto.

Foi James quem teve de cuidar de tudo. Foi James quem lhe segurou a mão quando gentilmente a examinaram e, mais uma vez, verificaram suas conclusões com o ultrassom.

A terminologia mudara. Seu bebê não era mais um bebê, mas sim um feto; contudo, ela ainda era capaz de vê-lo se movendo e se contorcendo na tela, ainda escutava as batidas de seu pequenino coração.

– Será que dá para desligar o som?

Foi a primeira vez na vida que gritara, e, Lorna se deu conta, surtira efeito. O aposento ficou em silêncio por um instante, o som do coração do bebê tomando conta do ar tenso. Em seguida, a operadora do ultrassom apertou um botão, e, fácil assim, o som das batidas do coraçãozinho de seu bebê foi eliminado.

O obstetra retirou-se, deixando a plantonista para tomar conta da papelada necessária. Só que Lorna não queria ir direto para a sala de cirurgia, não queria encarar o resultado inevitável.

– Eu me sinto bem.

– Você precisa entrar em cirurgia, querida.

Ela viu a lágrimas nos olhos verdes de James enquanto tentava forçá-la a enxergar a verdade.

– Se a trompa se romper, e ela vai se romper – James deixou bem claro –, não quero perder os dois.

– Será que não podemos simplesmente ir para casa? – Ao verbalizar seu pensamento ela se deu conta da insanidade de suas palavras e tratou de esclarecer o que queria dizer: – Só preciso de uma noite para processar a coisa toda.

– Lorna...

A plantonista era mais doce do que seu chefe. De forma direta, mas gentil, ela deixou os fatos bem claros, segurou a mão de Lorna e explicou a coisa toda passo a passo.

Só que, apesar do jeito calmo da médica, havia grande movimento ao redor delas na sala. Um cateter foi inserido no braço de Lorna, uma amostra sangue fora retirada para ser analisada, e uma bolsa de soro agora estava pendurada, pingando para dentro de sua veia; para manter o canal aberto, a assistente disse, *por via das dúvidas*.

Lorna sabia o significado daquelas palavras. No seu plantão na emergência, vira uma mulher sendo levada às pressas para a sala de cirurgia, pálida e dessangrada. Sua gravidez ectópica não diagnosticada rompera. Estavam dizendo para Lorna que, a qualquer instante, o mesmo poderia acontecer com ela. *Aconteceria* com ela, a plantonista afirmou, reiterando que, pelo que podia ver no ultrassom, a ruptura era iminente.

Um formulário de consentimento encontrava-se diante de Lorna.

Ainda naquela mesma manhã, James e ela, muito animados, discutiram se deveriam ou não descobrir o sexo do bebê. Lorna queria saber para poder fazer muitas listas, escolher nomes e cores. James preferia aguardar e aproveitar a surpresa do que quer que viesse.

Agora, pediam a Lorna para assinar uma sentença de morte.

– Tentaremos preservar a trompa – a plantonista voltou a explicar. – Mas até entrarmos e darmos uma olhada...

– Não.

Lorna repetiu, na esperança de que alguém escutasse. Pelo modo como o maxilar dele estava tenso, podia notar que James começava a perder a paciência. Ele levantou-se e começou a andar de um lado para outro quando a enfermeira entrou, tirou as roupas de Lorna e colocou um esparadrapo sobre a aliança dela, embora Lorna ainda se recusasse a aceitar o procedimento.

– Vamos apenas remover seu esmalte de unha.

O cheiro de acetona causou ânsia de vômito em Lorna. Desejou que James dissesse alguma coisa. Ele era um médico, pelo amor de Deus!

– Até mesmo o exame que acabamos de realizar pode ter piorado a situação – explicou a plantonista. – O feto está bem baixo na tuba uterina, e é grande demais para tratarmos com medicamentos. James tem razão. Se permitirmos que você volte para casa e a trompa se romper, poderemos perder os dois.

– Não há nada que possam fazer? – implorou Lorna. – Teve um programa que eu vi, de uma mulher na Índia...

– Lorna – James interrompeu-lhe as súplicas –, a gravidez não pode ir adiante.

Não havia saída. Sua gravidez ectópica estava em risco de iminente ruptura. A gravidez não podia prosseguir, e não havia nada que Lorna pudesse fazer para mudar os fatos.

Ainda conseguia se lembrar de ter assinado o formulário de consentimento. Laparoscopia para gravidez ectópica, remoção do PDC e salpingectomia.

– PDC?

Em qualquer outro dia que não aquele, Lorna teria logo descoberto, só que sentia-se como se seu cérebro houvesse sido deixado no gelo, e estava se perdendo no inverno.

– Produto da concepção – traduziu a médica. – E faremos de tudo para preservar a trompa de Falópio. No entanto, caso seja necessário, precisamos de sua permissão para realizar uma salpingectomia, que é a remoção da tuba.

Embora não o tivesse feito naquela manhã, Lorna começou a vomitar. A náusea começou a se aposar dela, e viu a expressão alarmada de James quando a plantonista aumentou a dosagem do soro e mandou bipar o chefe.

– Apenas assine o formulário, Lorna.

Por que ele não podia assinar? Lembrava-se de ter olhado para James e se perguntado isso. Se era tão simples assim, por que ele mesmo não podia assinar? Só que nada no tocante àquilo era fácil; sendo assim, Lorna pegou a caneta oferecida e assinou o formulário. Em seguida, zozza, deitou-se na maca e foi levada direto para a sala de cirurgia.

– Oi!

James estava postado no vão da porta, e, embora exibisse um sorriso, Lorna podia dizer que era reservado. Trouxera dois grandes copos de café para viagem e o que ela presumiu ser seu carregador de celular em uma sacola plástica.

– Lamento não ter vindo ontem.

– Não tem problema. – Lorna sorriu.

Ele lhe entregou o embrulho, e Lorna o abriu, estremeando ao virar-se para a mesinha de cabeceira, para pegar seu celular. James o pegou para ela, conectando o aparelho ao carregador, e, um tanto quanto constrangido, conversando sobre trivialidades.

– Obrigada pelo café. – Agradecida, Lorna tomou um gole. – Estou começando a contar com ele. O que o hospital serve é horrível.

– Nem me diga!

Ele sentou-se e ela ficou feliz que o tivesse feito. Era evidente que estava melhorando, pois, às vezes, sentia-se entediada. Como cortesia, provavelmente por ser médica, possuía sua própria antessala. Porém, estando tão longe de casa, não recebia visitas, e tinha tempo demais para pensar. Ainda assim, Lorna consolou-se, pois, pelo menos, agora estava com seu celular.

– Vi a equipe no corredor. Já a visitaram?

– Já, acabaram de sair daqui. Parece que estou muito bem. Talvez até vá para casa na quarta-feira.

– Isso é ótimo.

Na verdade, não era. Para Lorna, era assustador.

– Vai voltar para a casa de sua amiga?

– Acho que não. Ela passará ainda mais uma semana fora. Eu não gostaria que, ao voltar, Grace me encontrasse neste estado. Pode ser abuso de nossa amizade.

– Então, irá para a casa de seus pais?

Lorna hesitou, antes de responder:

– Suponho que é o que terei de fazer. Não sei...

Só em pensar em sentar-se em um carro para a viagem de seis horas com as costelas daquele jeito já era terrível, porém, com seu pai dirigindo... Lorna fechou os olhos ante o terror de voltar a se mudar para lá.

– A perspectiva não parece lhe agradar muito. Não estão se dando bem?

– Há anos que não nos damos bem, James.

– Estavam morrendo de preocupação com você.

– Sou a filha deles – disse Lorna. – Eles me amam. É claro que se preocuparam quando me machuquei. Não ficaram nem um pouco satisfeitos que eu estivesse pensando em me mudar de volta para Londres. Para eles, isto é prova de que eu não deveria ter vindo.

Naquele instante, seu celular bipou. Mais de uma semana de chamadas perdidas e mensagens de texto estavam ali, amigos e familiares preocupados, sem dúvida. Ela rapidamente passou os olhos por elas. Voltaria a examiná-las com mais atenção mais tarde. Na verdade, o que precisava verificar é se houvera algum retorno das entrevistas.

– Quer que eu vá embora? – James ofereceu.

Mas Lorna balançou a cabeça, revirando os olhos ao tocar os recados, suas faces pálidas enrubescendo quatro vezes, quando, lamentavelmente, embora com gentileza, descobrira ter sido rejeitada.

– Bem, agora, eu me arrependo mesmo de ter saído naquele dia!
– Ela esforçou-se para esboçar um sorriso, mas não foi bem-sucedida. – Não tenho experiência suficiente...

– Você é uma médica excelente.

– Você jamais me conheceu como médica – salientou Lorna. – Mas é, sou mesmo. Só não sou quem eles querem para o emprego.

Deu de ombros, o que doeu um pouco, e ela fez uma careta, não por causa da perda dos empregos, mas devido à dor.

– Precisa de um analgésico? – perguntou James.

– Tomei algo há cerca de uma hora.

– Bem, não está funcionando. Eles podem ser um pouco avarentos com os analgésicos. – Sempre o doutor, ele ficou de pé e pegou o prontuário médico de Lorna. Nem sequer lhe passou pela cabeça que podia estar sendo intrusivo. – Precisa inspirar fundo e tossir bastante se não quiser pegar uma infecção pulmonar, e dois comprimidos de paracetamol não são...

A voz dele falhou. Chegou até a piscar algumas vezes ao se dar conta de que já lhe havia sido receitada uma forte dosagem de analgésicos.

– Já estou tomando bastante. – Lorna tentou não dar muita importância à coisa toda. – Apenas dói, mais nada. A não ser que consiga alguém que me apague, vou ter que aguentar.

Ela pôde lhe notar as feições preocupadas quando James se sentou.

– O sr. Braun fez a ronda hoje de manhã e explicou o quanto a massagem cardíaca demorou. Acrescente isso às costelas fraturadas e ao estrago causado pelo cinto de segurança e... bem, acho que vou ter de aguentar por um bom tempo.

– Essa mancha roxa. – James apontou para o próprio peito, mas ambos sabiam que se referia ao dela. – Até onde vai?

– Desce até a barriga e passa por baixo dos braços. É verdadeiramente espetacular!

E era mesmo. Preta e roxa agora, com as bordas de um amarelado sujo. Na emergência, ela se mostrara apenas pálida, só com algumas manchas roxas recentes. Devido à hipotermia, não houve sinal da real extensão dos machucados que viriam a aparecer.

– Pobrezinha – comentou James, com simplicidade.

E ele o disse de tal modo que pareceu mais um fato constatado, uma afirmativa que a tocou no íntimo, que a fez sentir como se alguém entendesse, pois manchas roxas e costelas fraturadas no fundo não descreviam o trauma sofrido por seu corpo.

– Lorna, você não pode voltar para casa na quarta-feira.

– Eu sei – respondeu ela, pois desde que o sr. Braun dissera a mesma coisa, cerca de uma hora atrás, em sua mente vinham quicando possibilidades, de um lado para o outro, como se fossem bolas de pingue-pongue.

E lidando com a dor; e recordando seu bebê; e olhando para James. Embora parecesse estar apenas refestelada na cama, a mente de Lorna se encarregava de várias tarefas ao mesmo tempo.

– Pensei em passar alguns dias em um hotel.

– Um hotel?

– É o que se faz agora por algumas mulheres depois de terem bebês. Em vez de ocuparem leitos hospitalares, são enviadas para...

– Lorna!

– É uma boa ideia! Refeições entregues pelo serviço de quarto, toalhas limpas, cama feita e, quando eu estiver me sentindo pronta para a viagem... bem, pensarei nisso quando chegar a hora.

– Você ficará comigo.

Tão simples e tão complicado assim.

– Como? – perguntou Lorna. Uma única palavra, mas tantas perguntas por trás dela. – Só preciso descansar, James.

– Pode fazer isso na minha casa.

– Como? – Ela voltou a perguntar, porque simplesmente não estava em condições de remexer o passado, nem de pôr em dia o presente.

Não tinha certeza de que ir morar com o ex-marido, mesmo que apenas por alguns dias, era uma boa ideia.

– Olha, somos adultos. – James tinha as mesmas dúvidas, pelo visto. – Terminamos há muito tempo, e ambos seguimos em frente. Mas *fomos* casados, e, sim, eu me importo com você. Estou certo de que, se os papéis fossem invertidos, você faria o mesmo por mim.

Ela assentiu.

– É claro que faria, James.

– Então, é isso. Passarei mesmo a maior parte do tempo no trabalho e não exigirei respostas sobre o passado, nem nada do gênero. De qualquer modo, você tem seu sujeito na África.

– África?

– Quênia – James disse, e Lorna começou a rir.

– Meu pai lhe disse isso?

– Ah, sim. – James sorriu. – Quando me falou para não vir vê-la.

– Ele é inacreditável! – resmungou Lorna. – Não vejo Matthew há dois anos! Sabe, sinto pena das pessoas inconscientes. Já é ruim estar semimorto, agora o pior mesmo é ter gente falando por você que não faz a menor ideia do que você quer.

James riu, vislumbrando pela primeira vez a antiga Lorna McClelland, com seu modo ligeiramente explosivo, seu estranho raciocínio que outrora o fizera sorrir. Lorna também teria rido de novo. Na verdade, até fez menção de dar risada, mas a dor foi grande demais, e desistiu.

– Então, está combinado. – James ficou de pé. – Vou tirar a manhã de folga na quarta-feira, levar você para casa e ajudá-la a se acomodar. – Franziu a testa. – Na verdade, folgarei o dia todo.

– Não precisa fazer isso.

- Só no primeiro dia, até você estar bem acomodada.
- Obrigada, James.
- Seu pai não ficará nada satisfeito.

James chegou a esperar que ela fosse imaginar alguma mentira complicada para contar para o pai, exatamente como fizera no passado. Mas, em vez disso, Lorna se recostou nos travesseiros e deu de ombros, o máximo que seus ferimentos permitiam.

- Ah, que pena...

LORNA ACORDOU no final da tarde, tomada de confusão.

Estava em um lugar que girava, e seus olhos frenéticos buscaram James.

– Está tudo bem, Lorna. – Alguém com uma voz não identificável lhe tirava a pressão sanguínea. – Você está no hospital.

Mas Lorna não se sentiu tranquilizada. Estava presa em algum lugar entre o passado e o presente, deitada em um leito de hospital, tentando descobrir o que acontecera.

Odiou acordar sem James após a cirurgia, queria que fosse ele a lhe contar o que houvera com o bebê, mas seu marido tinha ido ligar para os pais dela para colocá-los a par dos acontecimentos quando a plantonista apareceu.

Ela era uma “garota de sorte”, ao que tudo indicava. A tuba uterina se romperá cerca de cinco minutos antes de eles a abrirem.

– Não é à toa que está dolorida – comentou a plantonista, aumentando a dosagem da medicação para controlar a dor e lhe contando sobre como o procedimento fora difícil.

A teia pegajosa da coalescência de sua apendectomia havia envolvido a trompa de Falópio. Fora o primeiro sinal dos problemas de Lorna, contudo, na época, foi mais fácil ignorá-los. Muito mais fácil não pensar, nem perguntar sobre o futuro.

– Oi. – James sentou-se ao lado dela sobre a cama e lhe tomou a mão. – Você está acordada! Eu estava ligando para seus pais.

– Como eles estão?

– Preocupados – respondeu James, beijando-lhe a testa. – Mas eu lhes disse que você está bem... Vi a plantonista no corredor. Ela já passou aqui?

– Acabou de passar.

– O que ela disse? Lorna?

A enfermeira mexia em seu soro, trazendo-a de volta para o presente e perguntando se estava sentindo alguma dor, ao que Lorna assentiu em resposta.

– Dá para diminuir a infusão? – perguntou, para confusão da enfermeira, mas Lorna estava cansada demais para explicar.

Podia lidar com a dor do presente; era com o passado e o futuro que tinha problemas.

– PAULINE? – JAMES passou a mão ligeiramente irritada pelo cabelo, vendo sua casa pela perspectiva de Lorna. – Vamos ter convidados.

Muito embora Pauline estivesse longe de ser organizada e meticulosa com os afazeres domésticos como Lorna, James nem sequer consideraria discutir com a empregada a possibilidade de contratar uma faxineira.

Ele jamais pensaria em se livrar de Pauline.

Seria como pedir à própria mãe que partisse.

Certo, uma mãe bagunceira, desorganizada e quase alcoólatra, mas pelo menos Pauline sabia como ele gostava das torradas. Pelo menos sabia que, quando um vendedor por telefone ligava às 22h, quando ele estava em casa, o “professor Morrell” não devia ser incomodado.

Namoradas haviam ido e vindo, salientando que tudo o que Pauline fazia era, no máximo, esvaziar a lavadora de pratos, mudar

a bagunça de lugar, assistir à TV paga e dar cabo de seu estoque de uísque, e era tudo verdade. Só que nem ao menos uma vez nos últimos cinco anos, desde que Pauline começara a trabalhar para ele, James teve de pensar em comprar pasta de dente, ou até mesmo uma escova de dentes, passar suas camisas ou se perguntar se haveria algo para comer.

Pauline cuidava disso.

Seu falatório o enlouquecia. Irlandeses adoravam contar histórias, e Pauline fazia jus às origens. Contudo, na ocasião em que ela teve problemas com o joelho, James, para a própria surpresa, sentiu falta de seus queixumes.

Fosse qual fosse o prato que Pauline tivesse preparado em casa – e ela era uma cozinheira fabulosa –, tinha uma parte separada para James guardada na geladeira. Se ela fizesse um bolo de chocolate para si mesma e para o marido, James também era beneficiado. Um bom pedaço estaria aguardando-o ali, na bancada da cozinha, quando chegasse em casa às 2h, e, após um sábado à noite na emergência, sendo insultado, ou lidando com um suicídio... bem, o bolo de chocolate era bem-vindo.

Mas o que realmente importava era o sentimento por trás dele, ainda mais quando vinha acompanhado de um de seus bilhetes. “Um inglês entrou em um bar...” De algum modo, Pauline fazia James se sentir como se houvesse voltado para casa. E se ela gostasse do filme que alugara na locadora, Pauline o deixava lá, aguardando por James, naquelas noites em que ele não conseguia se desligar do trabalho e dormir.

Alguns anos atrás, Pauline tirara um mês de férias para ir em um cruzeiro com o marido, e James não demorara em se dar conta de que, o que quer que não fizesse, ela mais do que compensava com o que fazia. Pauline já estava falando em ir em outro cruzeiro no próximo ano, e James não se sentia muito ansioso para ver isso acontecer.

– Que tipo de visitas? – perguntou Pauline, passando um pano na bancada e pensando em algumas desculpas, pois, se a mãe de James estava para chegar novamente, seu joelho, de uma hora para a outra, começaria a doer.

– O nome dela é Lorna.

O constrangimento na voz dele a fez olhar para o patrão, seu pano de prato interrompendo o movimento enquanto James elaborava:

– Minha ex-mulher.

Ela sabia que algo estava acontecendo. Fazia uma semana que sua melhor amiga, May, vinha dando algumas dicas; contudo, nem mesmo em sonho Pauline teria adivinhado que já houvera uma sra. Morrell.

– Sua ex-mulher, você diz? – Pauline parou de limpar a bancada e começou a colocar pão na torradeira, tirando presunto e queijo da geladeira, e se demorando para encontrar o vidro de alcaparras. – Nunca soube que tinha sido casado – disse, para uma dúzia de ovos. Ela saiu da geladeira com um sorriso no rosto. – Quem diria!

– Foi há muito tempo – retrucou James, abrindo o jornal e fingindo lê-lo. – Ela sofreu um acidente de carro e ainda não está em condições de viajar de volta para casa.

– E onde fica essa casa?

– Na Escócia – respondeu James. – Em Fife.

– Ela é de Fife.

– Não – James falou, seco. – É de Glasgow, mas está morando em Fife, agora. Só vai passar alguns dias aqui, mas precisará ficar no meu quarto.

– No seu quarto?

James ergueu os olhos do horóscopo que estava lendo.

– Ela está doente. Tenho uma suíte. Será que pode dar um jeito no lugar e fazer uma cama para mim no quarto de hóspedes? Lorna é um pouco...

– Um pouco o quê? – insistiu Pauline.

– Meticulosa – James respondeu, e acrescentou: – Seu telefone está tocando.

E estava mesmo.

Recado de May.

½ expediente amanhã. Café logo cedo?

Pauline respondeu:

Não dá. Tenho de trabalhar. Convidada chegando.

Precisa de ajuda?

Pauline pensou no boxe de James, que havia muito não visitava, nos lençóis que precisavam ser lavados e trocados, na ex-mulher prestes a chegar, e, enquanto James mordia seu sanduíche tostado, Pauline apertou o botão para enviar a mensagem:

Por favor.

Havia anos que May e Pauline eram amigas. Embora houvessem crescido uma perto da outra, apenas se conheceram em Londres quando Pauline trabalhara como assistente hospitalar em uma ala ginecológica, e May era uma enfermeira da equipe. Ficaram amigas instantaneamente, uma amizade que se intensificou com facilidade, levando em conta como seus maridos se deram bem.

Pauline só fora se dar conta na metade da entrevista, quando James estava lhe contando sobre seu horário maluco, que ele era o maravilhoso dr. James de quem May às vezes falava. O sexto sentido

lhe disse para ficar calada, que se seu patrão em perspectiva soubesse que sua melhor amiga trabalhava com ele, ela não conseguiria o emprego.

E ela o queria.

UMA EX-ESPOSA não era o mesmo que uma nova namorada.

Com prazer semelhante ao que teria se a mãe dele *tivesse* mesmo vindo, Pauline trocou os lençóis, arrumou o armário de toalhas, passou um pano na gaveta de talheres e limpou a geladeira. Na realidade, estava ajoelhada sobre um pano enrolado, tentando limpar uma mancha de geleia do último Natal, quando May chegou, trazendo buquês de flores.

– Se James chegar em casa de repente... – comentou Pauline, cheia de preocupação, mas May balançou a cabeça.

– O hospital está uma loucura. Ele ainda vai demorar várias horas. Vamos trabalhar. A esta altura, no ano que vem, estaremos navegando os sete mares – lembrou May ao molhar a área do chuveiro, e Pauline tirou a cortina para colocá-la de molho. – Pense apenas nisso.

CAPÍTULO NOVE

É COMUM pacientes não se darem conta do quanto estão doentes quando internados no hospital.

Só ao voltar para o mundo real e reencontrar o milhão de coisas que o torna verdadeiro é que subitamente compreendem por que de fato estavam se sentindo mal ou doloridos.

E, para Lorna, essa constatação veio assim que se ergueu da cadeira de rodas na saída do prédio e tentou se sentar no carro esporte um tanto quanto baixo de James. Até mesmo colocar por conta própria o cinto de segurança parecia uma missão impossível. Não conseguia se virar para pegá-lo, nem girar para travá-lo, duas manobras simples em que, até então, ela jamais pensara duas vezes.

– Deixe que eu faço isso. – James se inclinou cuidadosamente por sobre ela.

E foi, para Lorna, o primeiro contato dos dois, aqueles ombros largos tão próximos, seu cabelo no rosto dela. Seu perfume era diferente, contudo, o mesmo, e James era tão grande, forte, eficiente e gentil. . .

– Ui! – As lágrimas lhe arderam os olhos, e ela se sentiu como o maior bebê do mundo.

Mas, quando ele reclinou-se e soltou o cinto de segurança, a pressão foi insuportável.

– Deus, Lorna, eu sinto muito... – James puxou o cinto e o afrouxou, voltou a destravá-lo e a fitou com o olhar preocupado. – Espere aqui.

Ele saiu correndo para dentro da emergência e voltou com um travesseiro, que ela segurou diante do peito, enquanto James passava de novo pelo processo todo de prendê-la.

E isso foi antes mesmo de ela deixar o hospital. Tudo na viagem de cinco minutos até a casa dele foi assustador; o sol de inverno brilhante demais; o som da sirene de caminhões de bombeiros vindo na direção deles no sentido contrário da rua a fez suar frio.

Sua lembrança do acidente retornara agora. Não que houvesse contado para alguém, mas podia se recordar bem da perda de controle, do guinchar dos pneus, do choque metálico ao bater em uma árvore. Agora, até mesmo seguir a quarenta por hora no movimentado trânsito de Londres parecia rápido demais.

– Estamos quase chegando. – James lançou um olhar para ela, que desejou que ele não tivesse feito isso.

Lorna preferia que ele mantivesse os olhos na pista.

James era dono de um maravilhoso sobrado em Islington, cujos degraus ele agora a ajudava a galgar.

Lorna se sentia tão exausta quando chegou lá dentro...

– É encantador! – Lorna piscou diante da reluzente mobília e das flores nos vasos. Não era o que esperava vindo de James.

– Tenho uma surpresa para você. – Ele aguardou até que ela tivesse se sentado na cadeira.

– Uma surpresa?

James estendeu uma bolsa e a abriu, retirando dela pijamas e camisolas em suaves tons de rosa e verde, chinelos, meias e muitas outras coisas *bonitas*.

– Não devia ter feito isso.

– Não fiz – respondeu James. – São de May. Os pijamas são novos, mas as camisolas e o restante são da filha dela, que está passando o ano viajando.

– É muita gentileza da parte dela.

– May é uma mulher maravilhosa – afirmou James. – Atenciosa. De qualquer maneira... – Seu rosto ficou impassível ao falar, exatamente como costumava fazer quando brincava com ela. – ...eu não poderia ter deixado você se mudar para cá usando suas coisas. São verdadeiramente os pijamas mais repulsivos que já vi, e cada um parece pior do que o outro.

– Vieram em uma embalagem de três – explicou Lorna, carrancuda. – Laranja, cor-de-rosa e verde esquisito. Prefiro pensar que minha mãe é totalmente desprovida de bom gosto, mas estou certa de que o fato de James Morrell estar lá a fez vasculhar as lojas atrás das roupas de dormir mais pavorosas da história. Sabe como é... para impedir que ele arrastasse asa para meu lado.

– Bom, Betty fez um bom trabalho. – James sorriu. – Funcionou!

– Eu os vestirei quando Ellie estiver por aqui. – Lorna continuou brincando. – Só para o caso de ela ficar preocupada por sua ex-mulher estar hospedada em sua casa.

James nada disse. Com certeza não ia lhe contar que haviam terminado. Isso a deixaria aflita e poria fim aos gracejos tranquilos que estavam começando a dar as caras com tanta facilidade. Lorna conhecia as regras dele. Sabia que James jamais sequer olharia para uma mulher enquanto estivesse com outra. Não havia por que complicar tudo.

Quando Lorna admitiu estar cansada, ele a ajudou a subir as escadas e a levou até a suíte principal. Pagara hora extra para Pauline e, desde segunda-feira, insistira para que o quarto tivesse a maior faxina de sua existência.

– Não posso ficar com seu quarto.

– Ele tem seu próprio banheiro – argumentou James –, além de uma bela vista da rua, para que não se sinta muito entediada.

– Bem melhor do que a do gerador do hospital – concordou Lorna.

– Quer tomar uma chuveirada?

– Não, obrigada. – Ela balançou a cabeça. – Quero apenas dormir.

– Nesse caso, vá em frente. – James fechou as cortinas, e o aposento foi banhado por uma maravilhosa escuridão, tão escura que ele teve de acender o abajur ao lado da cama. – Comprei cortinas decentes. O sol bate bem aqui, e é um inferno tentar dormir um pouco em um quarto claro após passar a noite toda trabalhando.

Subitamente, o constrangimento se abateu sobre eles. Assim, James seguiu para a porta.

– Descanse bem, Lorna.

Foi o que ela fez. Deslizou para baixo das cobertas e dormiu por quatro boas horas, só voltando a acordar porque começou a tossir e o efeito dos analgésicos passou.

Ficou aliviada por James ter resolvido permanecer em casa no seu primeiro dia ali. Escutou seus passos na escada, e uma batida à porta. Ele próprio devia ter estado cochilando, pois seu rosto se mostrou adoravelmente amarrotado, e o cabelo, um pouco espetado.

– Tome. – James lhe entregou um copo de água e seus remédios da hora do almoço. – Vou trazer a comida.

– Não estou com fome.

– Não perguntei se estava. Vou preparar o almoço e você comerá, quer queira, quer não.

– Não se esqueça de que tem de ser gentil comigo. – Lorna sorriu. – Eu estou enferma.

Ah, e James teve de morder a língua. Estava prestes a lembrar-lhe de que, doente ou não, sempre fora gentil com ela, e que sempre se esforçara para fazer o que era melhor para ela.

Só que também prometera não remexer o passado.

CAPÍTULO DEZ

— **P**RECISO AUSCULTAR seu peito. — James adorava seu trabalho, contudo, às vezes, o sistema o frustrava.

Após almoço — a canja de galinha que James lhe trouxera e um copo de água, como instruído —, Lorna decidiu cochilar, e acabou dormindo boa parte do fim da tarde. Abriu os olhos, virou-se para o lado e logo voltou a dormir, apenas para acordar após a meia-noite, tossindo, chorando e tossindo um pouco mais.

Esta paciente jamais deveria ter recebido alta. Isso sem falar que a casa dela ficava a uma viagem de seis horas de carro de distância. Além disso, ainda era cedo demais para se esperar que um leigo pudesse cuidar dela.

Pior, James pensou ao se inclinar para a frente e lhe auscultar o peito, era a ideia de Lorna deitada em uma cama de hotel, tossindo e com dor, sem ninguém para cuidar dela. Não, essa paciente deveria estar em um leito de hospital, James concluiu. Sentindo o constrangimento dela, ajudou Lorna com os botões e auscultou-lhe o peito de novo.

Os machucados eram horríveis. James ficara um pouco surpreso com a intensidade dos analgésicos receitados, mas, vendo as manchas roxas, aceitou melhor a decisão dos colegas.

Não foi de se surpreender que ela tivesse chorado quando ele afivelara o cinto de segurança. Lorna era a mulher mais forte que conhecia, e, por um instante, apenas um instante, lembrou-se da primeira noite em casa, após a operação. Lorna sentira muita dor, porém, ficara deitada quietinha ao lado dele, jamais admitindo seu sofrimento. Agora, James lamentava que ela não tivesse admitido.

– Alguns chiados... – Ele retirou o estetoscópio.

Verificara-lhe a temperatura; estava apenas um pouco mais alta do que o normal, mas James teve certeza de que não havia sido o caso recentemente. Apesar da tosse insistente, uma regular respiração profunda estava se mostrando difícil, o que significava que, levando em conta o ruído que auscultara no peito dela, uma infecção pulmonar se formava.

– Você deveria ser internada novamente. – James notou-lhe a expressão angustiada. – Muito bem, vamos começar tomando alguns antibióticos, mas, se as coisas não mudarem logo, terá de voltar ao hospital para tirar uma chapa do peito. Precisa continuar respirando fundo e tossindo, Lorna.

– Não consigo *parar* de tossir!

James seguiu para o trabalho. Era uma viagem que estava acostumado a fazer no meio da noite, e sorriu ao ver May.

– Nós o bipamos? – perguntou May.

– Não. Vim por conta própria. Bem, na verdade, vim por Lorna. Ela está se recuperando em minha casa por alguns dias, antes de voltar para a Escócia.

Enquanto falava, preencheu uma receita e a entregou para May. O departamento de emergência tinha seu próprio estoque de medi-

camentos que podiam ser retirados durante a noite, e May encontrou um frasco de antibióticos enquanto James pegava uma ampola, seringa e agulha.

– Vou lhe dar uma injeção intramuscular e torcer para que ela se dê bem com a administração por via oral. Por quanto tempo estará de plantão noturno, May?

– Umás duas semanas. Toda a equipe com mais tempo de casa está colaborando. Sei que não é a hora, nem o local, mas estamos com tão poucos médicos que muita coisa vem sobrando para as enfermeiras.

– Estamos conduzindo entrevistas – salientou James. – Vão sair mais anúncios nos jornais esta semana. No momento, é tudo o que podemos fazer.

– Bem, diga para Lorna não demorar a se recuperar.

– Não pretendo trabalhar com minha ex-esposa, May.

James sorriu quando ela se pôs a caminhar com ele pelo departamento.

– Bem, ela está hospedada em sua casa, o que claramente significa que se dão bem, e Ellie não parece se importar. Ellie é uma boa moça.

– É mesmo.

– Foi bom tê-la conhecido.

Ao dirigir para casa, uma inquietação apossou-se de James ao perceber que, pela segunda vez no mesmo dia, permitira que as pessoas pensassem que ele e Ellie ainda formavam um casal. Era mais fácil, muito mais fácil, do que deixar May ter ideias, James consolou-se. Quanto a Lorna... Ainda não obtivera uma resposta para essa questão.

– ISSO *REALMENTE* dói!

Engraçado que Lorna se sentisse menos constrangida levando uma injeção de penicilina de James nas nádegas do que de uma enfermeira desconhecida. Era tão profissional e tão... James. O único desconforto verdadeiro era a agulha.

– É, mas funciona – afirmou ele quando ela voltou a se acomodar nos travesseiros. – Parei no posto de gasolina e lhe trouxe um pouco de suco de amoras pretas. Você não está ingerindo líquido o suficiente.

Ele voltou alguns minutos mais tarde com um copo de sua bebida favorita quando ela estava doente e a fez beber bastante.

– Isso. – James se sentou na lateral da cama. – Terei de ir trabalhar amanhã, mas não quero. Na verdade, acho que você não deveria ficar sozinha.

– Ficarei bem.

– Escute – interrompeu James, não se sentindo disposto a falar de amenidades às 2h. – Estamos com poucos médicos e o lugar mal está se aguentando, de modo que *tenho* de estar lá. Contudo, estou a cinco minutos de distância. Se tivermos uma trégua, virei para casa. Também pedirei para minha faxineira que fique algumas horas a mais. – Ele sorriu ante seu olhar arregalado. – Acha que a casa ficou limpa desse jeito sozinha? Na verdade, mesmo com Pauline, ela nunca foi tão bonita. Ela realmente se esmerou para sua chegada. Normalmente, é um pouco caótico, ela não é a mais organizada do mundo, mas é gentil e meio que... – Tentou pensar em uma palavra. – Meio que uma mãezona.

– Espero que não o meu tipo de mãezona! – disse Lorna. – É a última coisa de que preciso.

Ela sorriu. James deu risada, o que também a fez rir. E, é claro, o riso provocou em Lorna um acesso de tosse.

– Durma um pouco – pediu James, assim que Lorna parou de tossir. – Darei uma olhada em você de manhã, mas não a acordarei.

– Obrigada.

Depois, Lorna repetiu o agradecimento, mas com uma ênfase diferente. Sentia-se grata por ele estar lá, por ter assumido o controle da situação e por ser James quem estava cuidando dela durante aquela situação terrível:

– Obrigada.

– Não tem por quê.

– E sinto muito – Lorna acrescentou –, por todo o trabalho.

– Essas coisas vêm para nos testar! – James disse, com um sotaque irlandês, imitando o pai dela, como jamais pudera fazer antes, e adorou quando ela riu.

Não havia dúvida de que ela era problema. Apesar de seu jeitinho todo afetado e suas garantias de que iria embora em alguns dias, ao vê-la esticar-se em seu quarto de hóspedes um tanto quanto básico, James soube que uma verdadeira pilha de problemas havia aterrissado em sua vida, virando-a de cabeça para baixo.

CAPÍTULO ONZE

NA REALIDADE era fácil ter Lorna ali quando ela evidentemente estava doente. Dor, remédios, sopa e tosse, com tudo isso James era capaz de lidar. Afinal de contas, ela se achava seguramente enfiada em seu quarto de dormir. Além de algumas visitas diárias e o ocasional bate-papo no sofá, era como ter um parente doente visitando para se recuperar; ou, pelo menos, era como James procurava encarar a situação toda.

Quando dormia em casa, ele se levantava às 6h30, espiava no quarto dela para ver se Lorna ainda dormia e ia dar uma corrida rápida antes de seguir para o trabalho.

Pauline se mantinha por perto na maior parte do tempo, e quando ele chegava em casa, Lorna já estava na cama ou prestes a subir.

Até agora, funcionara bem, e James mantivera uma boa distância entre os dois. Nos últimos dias, ele às vezes a encontrava de pé quando ele voltava da corrida, seu chá preparado para ele, e conversavam um pouco sobre o clima antes de James seguir para o trabalho.

Ah, não havia dúvidas de que ela era mais do que uma paciente. Afinal, não era hábito de James tirá-los das camas hospitalares e

trazê-los para casa. Porém, com a complicação de uma infecção pulmonar, alguns dias transformaram-se em muitos mais, e foi só na segunda semana que Lorna realmente deu uma melhorada. Não estava mais tomando antibióticos, seus machucados desapareciam, sua cor e o bom humor retornavam. E, de repente, Lorna não precisava mais de um médico de verdade, o que era tudo que James sabia ser quando se achava perto dela.

Era como James se sentia *seguro* quando junto de Lorna.

– Bom dia.

Retornando de sua corrida havia chá e torrada desta vez, e Lorna, com a mesma aparência que sempre tivera de manhã. Além de um par de meias, usava um pijama verde-hortelã grande demais para ela, mas, por outro lado, tudo sempre era mesmo grande para Lorna. O comprido cabelo ruivo estava preso com um nó frouxo, e pendia de um dos lados do rosto. Os óculos, empoleirados no seu nariz, e o jornal, aberto sobre a mesa.

E foi naquele exato segundo que James compreendeu que em todas as mulheres que já haviam lhe dado bom-dia estivera esperando justamente isto: que seu sorriso ou sua conversa mais cedo, ou mais tarde, acabasse lhe dando aquela mesma sensação: uma mistura de paz e empolgação, de lar, familiaridade e de simples desejo.

Afinal, queria tanto Lorna. Queria tirar-lhe os óculos e levá-la para a cama, ou soltar-lhe o cabelo e fazer amor com ela ali mesmo, na cozinha, ou puxá-la para o colo e beijar-lhe o rosto familiar.

Em vez disso, sentou-se e comeu a torrada.

– O que vai fazer hoje, Lorna?

– Tenho de ligar para o seguro do carro, e Pauline vai me trazer algumas roupas.

James achou graça.

– Ela tem o dobro de seu tamanho.

– Mas calçamos o mesmo número. – Lorna sorriu.

– Não consigo acreditar que seus pais não enviaram suas roupas.

– Eu consigo! – Lorna revirou os olhos e prosseguiu lendo o jornal.

– Presumo que não estejam lá muito satisfeitos por você estar aqui. – James não conseguiu se conter: – O que disseram?

– Não muito. – Lorna deu de ombros. – Não estão falando comigo de novo.

– De novo?

– De novo. – Lorna sorriu e olhou para ele, apenas de relance; ou deveria ter sido.

Só que ele estava olhando para ela de um modo diferente, o modo de antigamente, e Lorna se viu incapaz de desviar o olhar.

Podia sentir a pele do rosto ardendo. No entanto, ainda assim, não conseguiu olhar para o outro lado, e nada foi dito, nem uma única palavra foi trocada. Porém, se fosse possível beijar sem tocar, ele a estaria beijando agora. Esse olhar, quando um sabia o que o outro pensava, e James não era mais o médico, nem ela a paciente, foi o responsável.

O desejo adentrou o sobrado.

Ruidosamente, Pauline bateu à porta e a abriu.

– Vou ligar para descobrir o horário dos trens.

Ambos fingiam que nada acontecera. E, na realidade, nada acontecera mesmo, só que os dois sabiam que não era bem assim.

– Não há pressa.

James esboçou um dar de ombros indiferente, sua cabeça um poço de pensamentos contraditórios. Queria que Lorna ficasse, mas estava desesperado para que ela fosse embora. Pois Lorna McClelland e James Morrell não davam certo.

Tinha os papéis do divórcio lá em cima para provar, James lembrou-se ao se despedir e seguir para o trabalho.

Havia pressa, Lorna procurou se lembrar, retirando dois comprimidos da cartela após ele sair e se enroscando na cama, abraçando a própria barriga. Fez força para que a dor passasse. Sempre era pior no meio do ciclo, mesmo usando a pílula. Embora estivesse tomando os analgésicos mais fortes possíveis que ainda lhe permitissem funcionar, tudo que eles faziam era proporcionar um pouco de alívio, e seus comprimidos estavam se esgotando.

O suprimento fornecido pelo hospital chegava ao fim, e o frasco que estivera em sua bolsa devia estar largado no chão de seu carro destruído, pois, apesar de ter procurado freneticamente, não conseguira encontrá-lo.

Talvez devesse contar para James, Lorna pensou, deitada, concentrando-se para que a câimbra passasse, só que não suportaria ver a piedade nos olhos dele. James sabia o quanto ela quisera filhos, e ele também os quisera.

Cinco, ele brincara na noite do casamento deles, acariciando-lhe a barriga e lhe dizendo que era apenas o início.

– *Sei que foi às pressas, James...*

Ela mal conseguia acreditar. Estava casada com James, a aliança dele em seu dedo. O homem que amara de longe durante tanto tempo era agora aquele com quem passaria a vida toda. Jamais se sentira tão feliz. Apenas precisava saber que ele sentia o mesmo.

– *Sei que meu pai foi terrível, que ele o forçou...*

– *Lorna – James a interrompeu com um profundo beijo. – É a noite de nosso casamento. Por favor, será que podemos não falar sobre seu pai?*

VOLTANDO PARA casa naquela noite ele a encontrou, óculos no rosto compenetrado enquanto ela se curvava na sala de estar, pintando as unhas do pé. Era uma visão tão familiar, que despertava tantos sentimentos familiares, que James ficou seriamente preocupado.

– Pauline me emprestou. – Ela sorriu ao olhar para os dez reluzentes dedos, todos separados por bolas de algodão e à mostra sobre a mesinha de centro. – Sinto-me humana novamente! – acrescentou quando James deu uma olhada e seguiu para a cozinha.

– Ótimo.

Seu pai jamais a deixara usar maquiagem, e desde os 11 anos Lorna pintava as unhas dos pés. Um ligeiro ato de rebeldia que ficava em segurança dentro de seus sapatos.

– Liguei para saber os horários dos trens para Glasgow e fiz uma reserva para domingo de manhã.

– Ótimo – repetiu James, pois não conseguiria continuar vivendo daquele jeito por muito tempo mais, não suportava lembrar.

Tirou da geladeira um ensopado de forno que Pauline devia ter feito; mas, pensando bem, podia ter sido Lorna. Só Lorna descascava legumes sobre o jornal, depois fazia umas bolinhas com as cascas e as atirava no lixo.

– Você fez o ensopado?

– Foi Pauline! – gritou Lorna da sala de estar, sua voz aproximando-se quando se juntou a ele. – Apenas ajudei com os legumes. Foi minha terapia ocupacional do dia – brincou ela.

James não sorria. Serviu dois pratos e procurou não pensar no que já haviam tido. Era como retornar no tempo, como estar de volta ao minúsculo apartamento, com sua minúscula cozinha, que ela mantivera tão limpa que quase o enlouquecera. O que queria era levá-la para a cama, deitar na pequenina ilha que montaram para si mesmos e ver TV, ler e fazer amor, não tirar cortinas e arrumar armários.

– Não está com fome? – Ela franziu a testa quando, em vez dela, era James quem empurrava a comida de um lado para outro no prato.

– Comi um sanduíche no trabalho.

– Isso não costumava impedi-lo. – A voz de Lorna falhou, dando-se conta de que ele estava pouco à vontade.

O restante da refeição foi passado em um silêncio constrangedor, com exceção de alguns comentários sobre como a água londrina tinha um gosto diferente da escocesa, e que ele precisava se lembrar de tirar o lixo, pois Pauline esquecera de fazê-lo.

Nada muito emocionante, mas o suficiente para que chegassem ao fim do jantar.

– Tenho uma surpresa! – Ela aguardara até após a refeição.

Lorna quase decidira que, dada a tensão súbita, talvez devesse simplesmente ir para a cama, mas estava cansada da cama, e de ter apenas Pauline com quem conversar. E, de qualquer modo, sentira falta dele o dia todo.

Quando James terminou de carregar a lavadora de pratos, voltou para a sala para encontrar Lorna armando seu jogo de tabuleiro favorito.

– Veja o que Pauline me trouxe!

Ele riu e gemeu ao mesmo tempo.

– Bem, quem sabe uma outra hora? Eu realmente tive um dia daqueles.

– Nesse caso, você precisa relaxar. – Lorna sorriu-lhe.

O tabuleiro estava todo armado. James seria um estraga-prazeres caso se recusasse a jogar. Afinal de contas, ela estivera tão mal.

Lorna o derrotou, é claro, usando o dicionário e desafiando-o em cada palavra. Foi divertido e agradável, mas por demais um vislumbre de tudo que haviam perdido.

Às 22h, James teve o maior prazer em se levantar ante o primeiro bocejo de Lorna, e lhe dizer que estava na hora de ir para a cama.

– Vou guardar o jogo – acrescentou ele, pois sempre discutiam por conta disso.

Lorna costumava querer deixar tudo arrumado enquanto James sempre preferira seguir para a cama. Outro sinal da incompatibilidade dos dois. Só que não esta noite.

– Deixe aí. – Lorna deu de ombros. – De manhã não terá ido a lugar nenhum.

– Você mudou o discurso – comentou James e subitamente, sentiu como se houvessem voltado à mesa de jantar, tentando não comparar o passado com o presente, tentando não se recordar de como as coisas já tinham sido.

Só que, ao contrário de James, Lorna não se mostrava pouco à vontade com a coisa toda.

– Só agora você notou?

Lorna sorriu, e, pela primeira vez, quando se despediu dele, beijou-o na face. Porém, ao subir na cama, o sorriso que exibira a noite toda desapareceu.

O que diabos estava fazendo?!

Sabia como chamar aquilo, sabia que *estivera* flertando. Não de propósito, é claro. James era proibido, *eles* eram proibidos. Sabia disso, e James também. Escutara o alívio na voz dele quando lhe dissera que iria embora no domingo.

Sim, Lorna procurou se convencer, mais duas noites e, tirando um cartão de agradecimento, jamais precisariam voltar a ter contato. E sem dúvida seria melhor para ambos assim.

JAMES SAIU cedo para trabalhar na manhã seguinte, até mesmo para os padrões dele. Normalmente, Lorna se levantava por volta das 7h, e eles conversavam um pouco antes de ele sair. No entanto, Lorna escutou a porta da frente se fechar e o carro dar partida, e, de algum modo, soube que James a estava evitando.

E ESTAVA mesmo.

As duas noites que lhes restavam pareciam se estender ao infinito. O perfume dela se encontrava em todos os lugares, assim como suas revistas e o esmalte de unhas. A risada de Lorna se entranhara em sua casa, à medida que ela mesma se esgueirara de volta para a vida dele.

James resistira à intrusão o máximo que pôde, mas não havia escapatória. Seu nome era mencionado no trabalho, seus colegas perguntando como Lorna estava passando. Mesmo saber que Lorna se achava em sua casa tornava difícil focar no seu dia.

Ainda assim, não demoraria muito mais. Trabalharia até tarde, talvez até dormisse na sala de plantão, e, embora houvesse prometido a Lorna que a levaria para comprar roupas no sábado, assim que tivessem terminado, seguiria de volta para o trabalho e a veria o mínimo possível.

Fora mais fácil quando ela estivera doente.

Todos os dias havia mudanças, todos os dias havia progresso, e esta sexta-feira não era exceção.

Em vez da chuveirada rápida de Lorna, Pauline preparou-lhe um banho de banheira e ficou sentada no topo das escadas, chamando de cinco em cinco minutos, enquanto Lorna se deliciava deitada na adorável água quente e espumante, condicionador no cabelo e usando a gilete de James para cuidar de algumas áreas negligenciadas.

Devia estar se sentindo muito melhor, pois, em seguida, em vez de largar-se exausta na cama para seu costumeiro cochilo da tarde, pela primeira vez deu uma ligeira espiada nos armários e concluiu que James, de fato, morava sozinho.

Além de um frasco de desodorante feminino e uma caixa de absorventes, não havia nenhuma outra evidência da existência de Ellie. Nem mesmo um simples grampo! Contudo, achou um secador de cabelo escondido atrás da pia, e foi delicioso sentar-se em

um banquinho na cozinha enquanto Pauline lhe secava as longas madeixas ruivas. Ela insistiu em fazer isso para que Lorna não ficasse resfriada.

– Há quanto tempo trabalha para James? – perguntou Lorna quando Pauline se queixou das escadas e de como era difícil limpar para um homem que nem ao menos sabia onde ficava a lata de lixo.

– Desde alguns meses após ele ter se mudado para cá – respondeu Pauline. – Já deve fazer uns cinco anos. É bom trabalhar para ele, embora tenhamos nossos momentos. Não com James, apenas com...

Sua voz sumiu naquele hora, interrompida em meio à frase, e Lorna pôde apenas sorrir.

– Sou a *ex*-esposa dele, Pauline.

– Bem, é como eu disse, não me importo com James e com a bagunça dele, embora ela me enlouqueça, às vezes. Mas quando alguma madame que só está aqui há cinco minutos começa a exigir que eu passe sua roupa, ou se queixa de um pouco de cabelo no boxe...

Lorna conteve outro sorriso enquanto Pauline continuava a lhe secar o cabelo. Pauline era um amor, sem dúvida, mas Lorna podia imaginar sua expressão se ela subitamente pedisse à empregada de James para lhe passar as roupas.

– A última não é tão ruim assim.

– Ellie – falou Lorna, alegremente, para que Pauline soubesse que ela sabia que James tinha uma namorada.

– Hummmm – retucou Pauline, o que não dizia muito.

– Não cheguei a conhecer Ellie. – Lorna ficou feliz de estar de costas viradas para Pauline. Seu rosto ficou roxo quando fez o comentário que a vinha incomodando havia dias: – Espero que ela não esteja zangada por eu estar aqui.

– Ela passa muito tempo fora – afirmou Pauline, direcionado o ar quente para o cabelo de Lorna e passando com força a escova. –

Tem algum emprego chique que exige que viaje muito. De qualquer maneira, ela não se importaria. Sabe que ele jamais a trairia. James não é assim.

– Não.

Lorna engoliu em seco, pois Pauline tinha razão. Traição nem passaria pela cabeça de James.

– Na verdade, pelo que já vi, ele é um bom homem em todos os aspectos – afirmou Pauline. – Estou certa de que tem sua história para contar, contudo, tirando a bagunça que faz, é um docinho... Bonito, engraçado... sexy – acrescentou Pauline com um sussurro que fez Lorna rir.

Parou de rir um segundo mais tarde. Na verdade, poderia jurar que Pauline acabara de lhe bater não tão gentilmente na cabeça com a escova, o que, é claro, ela não fizera. Pauline desculpou-se logo, afirmando que a escova escorregara de sua mão. Sendo assim, Lorna ficou sentada ali, aproveitando o ar quente no couro cabeludo, além da conversa fiada de Pauline, chegando até a responder quando necessário.

No entanto, seus pensamentos estavam em outro lugar. James *era* um bom homem. O fato de ela estar ali era prova disso. Também era bonito, engraçado e sexy, e um homem que merecia muito mais do que ela era capaz de lhe dar.

– Assim está melhor! – Pauline a considerou seca o suficiente para sobreviver, e Lorna desceu do banquinho. – Está parecendo quase normal.

Era um elogio. Hoje, Lorna não só tomara um banho como fora promovida de pijama para calça de malha e estava usando uma das camisetas de rúgbi de James. Se ele tivesse tempo no fim de semana, iria levá-la às compras, James prometera, para que pudesse adquirir algumas peças para a viagem de volta para casa.

– Vai voltar a se hospedar com sua amiga?

Pauline a espantou para o sofá, onde Lorna, um pouco esgotada agora, ficou feliz em se deitar e conversar enquanto Pauline ligava a televisão e se acomodava para outra hora de programas de autoajuda.

– Domingo é meu último dia aqui. Minha amiga está procurando alguns imóveis para alugar para eu ver, mas, por ora, posso ficar com ela até algo aparecer.

– E quanto a seus pais? – perguntou Pauline. – Por que não fica com eles até estar totalmente recuperada?

– Não nos damos muito bem.

– Mas você tem contato com eles? – Pauline desviou os olhos do desastre familiar que se desenrolava na tela da televisão para o da vida real bem ali, na sala de estar.

– Eu os vejo de duas em duas semanas, ou, pelo menos, uma vez por mês – respondeu Lorna. – Eles moram em Glasgow, e eu fico no interior. – Exibiu um ligeiro sorriso. – Funciona melhor desse jeito.

– Deveria tentar fazer as pazes – aconselhou Pauline. – Você só tem um casal de pais na vida.

– Nós *fizemos* as pazes.

Lorna deu de ombros. Uma visita mensal ou quinzenal era progresso, embora não estivesse disposta a dizer isso para Pauline. Ou que pelo menos era assim que as coisas estavam antes que contasse que ficaria na casa de James.

Sua mãe ligara para ela apenas uma vez desde a revelação. Falando aos sussurros, rápidos, urgentes, insistindo para que ela saísse de onde estava, enquanto o pai, exatamente como fizera anos atrás, se recusara até mesmo a vir ao telefone.

– E quanto ao trabalho?

– Devo poder voltar a trabalhar na próxima semana. – Lorna bocejou e respondeu ao mesmo tempo: – Ou o mais tardar na semana seguinte.

– Quer dizer que não vai procurar em Londres?

– Acho que não. – Lorna exibiu um sorriso cansado. – As coisas não saíram como eu pensava. Se não tivesse sido por James, não sei o que teria feito. Talvez seja melhor eu ficar onde estou, onde posso contar com meus amigos e apoio.

Sentia-se muito cansada. Apenas ficou deitada ali, meio que assistindo à TV antes de cochilar. Não notou quando Pauline a cobriu com uma colcha e desligou a TV antes de seguir para casa e para a própria família.

Foi um delicioso cochilo de fim de tarde, e foi assim que James a encontrou quando chegou em casa, algumas horas mais tarde. Seu plano havia sido de ficar no trabalho o máximo que pudesse, contudo, dadas as horas extras que fizera nas últimas semanas, quando o normalmente movimentado departamento de repente ficara vazio, sua caixa de entrada havia sido toda limpa e organizada.

Quando May, escalada para o plantão da noite, passou por seu escritório e indagou por que ele ainda estava lá, James não teve como justificar.

– Vá para casa – ordenara May. – Sem dúvida o chamaremos de volta no instante em que você chegar lá, mas, por ora, vá para casa.

James sentiu-se chegando ao lar quando subiu as escadas que levavam ao sobrado, e isso o preocupou. Sabia que ela estava lá, e a onda de nostalgia que o atingiu quase derrubou no chão aquele homem forte.

A casa estava semiescura quando entrou, trazendo na mão uma sacola de comida para viagem. Lorna, pálida e magra demais, cochilava no sofá, usando as roupas dele. Lembrava tanto o jeito como as coisas já haviam sido que chegava a ser quase fatal.

– Oi!

Quando ela se mexeu, ele lhe mostrou as embalagens plásticas brancas.

– No caminho, parei para comprar um pouco de comida tailandesa.

– Oba! – Ela sentou-se, demonstrando muito mais facilidade do que nos últimos dias, e foi buscar os pratos.

James abriu as embalagens e serviu a comida. Sentaram-se no sofá e comeram com os pratos no colo, Lorna bebendo seu suco de amoras pretas, enquanto James se deliciava com um copo de vinho tinto. Lorna sentiu-se como se, enfim, estivesse novamente em contato com o mundo real. Disse para James que lera o jornal, assistira ao noticiário e ligara para os amigos para colocar a conversa em dia.

– Nada mal para um dia de trabalho – brincou ele.

– Você não precisava desperdiçar sua noite de sexta-feira comigo – disse Lorna quando terminaram o jantar, e ainda eram apenas 20h30. – Estou certa de que tem muito para fazer.

– Bem, você volta para casa no domingo.

Ele deu de ombros.

– Ainda assim, não preciso de babá, e você tem tão pouco tempo de folga. Deveria estar passando-o com Ellie. Ela está fora? Eu ainda não a vi.

Lorna tomou um gole de seu suco de amoras pretas, e se deu conta de que o estava mantendo na boca quando ele respondeu:

– Nós terminamos – informou James, com um certo pouquinho caso.

– Sinto muito.

– Não é necessário. Já era previsível havia algum tempo. – Ele estava mudando os canais da TV e algo lhe chamou a atenção. – Ah, é...

James interrompeu-se, por ser o filme favorito dela, ou por já ter sido o filme favorito dela. Ele também gostara, mas, nos últimos dez anos, sempre que estava passando, ou quando o via em uma locadora, simplesmente o ignorava.

– Há anos não vejo isso – comentou Lorna, por isso ele não mudou o canal, mas ela desejou que o tivesse feito.

Foi lembrada de quando uma cena de sexo aparecia na televisão enquanto seus pais estavam presentes. Até mesmo um beijo mais ardente já fizera sua mãe sentar-se mais empertigada enquanto o pai silenciosamente fumegava.

Não que houvesse muito sexo no filme, ou que James estivesse empertigado ou fumegando. Era apenas por demais pessoal para ficarem à vontade, o tipo de filme que casais divorciados deveriam assistir separados. Era tarde demais para admiti-lo. Assim, ambos ficaram sentados em tenso silêncio enquanto viam dois amigos que sempre deveriam ter sido amantes resistindo o tempo todo.

Ele podia sentir o perfume do cabelo dela. Mesmo da outra ponta do sofá, sempre fora capaz de senti-lo na noite em que ela o lavava. Era tão longo e espesso que sua fragrância tomava conta do ambiente. A diferença era que, esta noite, cheirava a seu xampu, em vez do de sempre.

A outra diferença era que não podia simplesmente estender a mão e tocá-lo. Na verdade, nem tão diferente assim, James pensou com um sorriso triste, pois, já no fim do casamento dos dois, também não podia tocá-lo. Ela erguia a mão e afastava a dele, como se o simples toque de James a deixasse arrepiada.

Ela não lhe afastaria a mão naquela noite. Sabia, simplesmente sabia que o sexo pairava no ar. Era como tentar inspirar fundo em uma sauna. Havia apenas alguns centímetros separando-os, além de dez anos também, e, agora, Lorna estava chorando.

James podia escutá-la fungando. Embora o filme ainda estivesse engraçado, ela sempre chorava naquele ponto, pois, como Lorna certa vez explicara, sabia o que estava por vir, sabia o que se achava prestes a acontecer.

Ele a conhecia tão bem, e, de súbito, descobriu que não a conhecia nem um pouco.

– O que houve conosco, Lorna?

– Por favor, James, não – respondeu Lorna, pois não conseguia suportar.

Queria voltar-se para ele como uma flor para o sol, encolher-se em seu colo e permitir que James lhe acariciasse o cabelo enquanto assistiam a um filme, ou deitar-se no sofá, envolta pelos braços dele, e não se preocupar com o final; só que não podia.

– Por favor, não comece a falar disso.

Mas ele precisava fazê-lo, pois não haviam tido uma última briga, nada de palavras duras, nenhum sexo de despedida. Embora tentasse, não conseguia se recordar da última vez em que fizeram amor. Naquele dia, ou noite, ou o que quer que tivesse sido, jamais imaginara que seria a última vez que a teria nos braços.

– Você simplesmente partiu.

– James...

– Se ao menos pudéssemos ter conversado...

– E o que havia a ser dito? – Os olhos dourados dela encontraram os dele pela primeira vez desde que o filme começara. – Você me disse que se sentia aprisionado, que não estava apaixonado por mim.

– Eu não disse isso.

– Disse, James, disse sim. Afirmou que casou-se comigo porque eu estava grávida, e, de repente, seis semanas mais tarde, eu não estava mais. – Ela ficou de pé, não ligando para o fato de o filme ainda não ter terminado; sabia o final, exatamente como soubera que esse momento estava chegando e que não conseguiria encará-lo. – Estou cansada.

– Lorna, por favor... – Ele ficou de pé, adiantou-se para tomar-lhe as mãos, mas segurou-a pelos braços. Podia senti-los, magros e rígidos sob os dedos, essa pequenina mulher reservada que sempre o confundira, e que sempre, sempre o fascinara. – Só gostaria que pudéssemos conversar.

– Não posso.

– Tudo bem – disse ele.

Afinal, havia sido a regra. Lorna não pedira para voltar à vida dele. As circunstâncias cuidaram disso.

– Não precisa falar nada. – Doía soltar-lhe os braços. Era tão errado assim querer segurá-la? Era errado tomá-la para si? – Vá para a cama. Amanhã faremos suas compras.

Ela assentiu, enxugou as lágrimas com as costas da mão, e, como sempre, o confundiu.

– Boa noite, James.

Lorna o beijou na face, o que as pessoas costumavam fazer, só que eles haviam evitado isso até o dia anterior. Foi apenas um beijinho hesitante, mas, mesmo assim, um beijo. O contato agridoce era perigoso, contudo, em vez de seguir para a cama, ela ficou parada onde estava.

– Boa noite, Lorna.

James falava sério. Afinal, já revelara mais de si mesmo esta noite do que jamais pretendia. Ele lhe contara sobre Ellie, insistira para que Lorna conversasse, e ela se recusara, exatamente como fizera quando perderam o bebê, exatamente como fizera naquele ano infernal após o rompimento, quando recusara qualquer tentativa de contato.

Agora ali estava ela, a um beijo de distância, e James não sabia ao certo se seria capaz de dar esse passo e sobreviver para contar a história. Podia sentir o local onde os lábios dela haviam lhe tocado a face, podia senti-la no ar. Talvez beijá-la fosse o suficiente, poderia ser a conclusão que buscara durante todos esses anos. Talvez *esse* pudesse ser o momento de que se lembraria quando, no futuro, voltasse a pensar *neles*.

Beije-me. Ela não o diria, não o beijaria novamente. No entanto, contudo cada célula no seu corpo gritava isso, e seus apelos foram atendidos, pois a boca de James encontrou a dela.

Para Lorna, o êxtase dos lábios familiares sobre os seus proporcionaram surpreendente conforto. Surpreendente porque cada terminação nervosa do corpo dela acendeu-se, como se um interruptor houvesse sido acionado, declarando que ele estava em casa. Conforto porque, apesar de ter procurado, jamais encontrara em outros o beijo de James.

Era o beijo lento deles.

Tinham vários tipos diferentes de beijo, mas esse era o seu lento delicioso. Vagaroso, frouxo. Um se deliciava com o outro, sem pressa de se mover nem de recuar, saboreando. E como saboreavam...

Lorna podia sentir as lágrimas na própria face, e também as provou quando alcançaram os lábios, assim como James. Saborearam seu rio de lágrimas salgadas nas línguas, e inspiraram o ar um do outro.

Os braços dele eram o melhor lugar no mundo todo. James criou essa pequena ilha onde havia apenas os dois, e mais nada importava. Ambos recuaram, fitando um ao outro por um longo tempo. Indecisão, luxúria, arrependimento e desejo oferecendo diferentes caminhos. Porém, havia uma única trilha segura a ser tomada, e foi James quem os guiou.

– Boa noite, Lorna. – Ele a beijou na face e soltou-a.

E por três segundos ela ficou parada ali, antes de virar-se.

– Boa noite, James.

CAPÍTULO DOZE

PARA UM homem, ele *era* boa companhia para fazer compras.

Ou talvez fosse o fato de que qualquer coisa ficaria melhor do que a calça de malha, a camiseta de rúgbi e o par de sandálias que Pauline lhe emprestara para o passeio daquele dia. Lorna também usava um cachecol e uma das jaquetas dele, o que significava que, minutos após adentrar uma loja de departamentos, sentia-se fervendo, e tinha de descascar as camadas.

Foi a compra mais rápida da história. Ela comprou jeans, um agasalho cinza-claro e as botas bege e sem salto mais macias que já existiram – até James concordou que eram divinas –, além de uma pequena mala de viagem para guardar todas as outras coisas que adquirira durante sua estada ali.

Quando terminaram, sentaram-se na praça de alimentação com café e bolo e, contrariando o exemplo de outros casais irritados que os cercavam, conversaram sem nenhuma briga.

- Quando foi que você ficou tão fácil de se lidar?
- Isso foi um elogio?
- Quero dizer... – James não tentou explicar.

Vinha se esforçando tanto para não tocar no assunto, para esquecer que o beijo acontecera. Talvez escolhesse lembrar-se disso mais tarde, quando ela estivesse seguramente em casa. Porém, havia uma qualidade coquete nela que ninguém mais parecia ser capaz de ver. Uma qualidade que sempre o fascinara. Lorna era uma coisinha tão afetada, tão séria e controlada, mas não com ele. Era quase como se a Lorna que ele visse, a Lorna que ela se tornara perto dele, fosse uma versão reservada exclusivamente para ele.

Ou tinha sido, nos velhos tempos, e agora resolvera voltar. Havia uma espécie de eletricidade entre os dois que insistia em dar as caras, como em um daqueles jogos de sapo idiotas no parque, em que quanto mais forte se batia neles para desaparecerem, mais depressa eles reapareciam.

Ela estava fenomenal hoje. Vestida como uma excêntrica, sem dúvida, mas não era para as roupas de Lorna que James olhava, e sim para seu cabelo, sua boca, seus olhos, suas mãos envolvendo a bebida. Queria dar o fora dali, queria que o dia seguinte chegasse logo, e que Lorna partisse. Sendo assim, por que, por que, droga, sua cabeça insistia em ir a lugares ridículos?!

– Tenho uma proposta para você – disse James, alguns minutos mais tarde.

– Já tentamos isso e não deu certo.

– Sei muito bem. – James ficou sério. – Precisamos de médicos, e você precisa de um emprego.

– Acho que isso seria forçar demais a situação.

– Eu também. – assentiu James. – Contudo, restam apenas oito semanas da revezamento. Alguns de nossos internos foram embora, estamos com uma tremenda escassez de pessoal e nenhuma esperança de preencher as vagas tão em cima da hora. Temos improvisado com substitutos temporários, os coringas. Bom, se você ainda tiver umas duas semanas de folga para se recuperar, ainda restariam

seis semanas de trabalho para você. Tudo bem que como residente, mas você adquiriria a experiência de um departamento de emergência movimentado. Estou certo de que, depois disso, não terá dificuldades para conseguir trabalho onde quer que queira.

– Não sei se conseguiria trabalhar com você, James. – Era importante ser sincera. – Não consegui viver com você – disse ela, e estremeceu. – Isso soou horrível.

– Não! – James balançou a cabeça. – Não fiquei nem um pouco ofendido. Você *não* está vivendo comigo.

– Ótimo.

– Ótimo – disse James. – Quanto a trabalhar comigo, não há tempo para constrangimento na emergência, e com certeza não vou tratá-la de modo diferente dos outros. Estamos mesmo desesperados por médicos.

– Sério?

– Pode apostar. – James assentiu, e admitiu um pouquinho mais da verdade: – Tudo bem, talvez de início seja um pouco constrangedor, mas não demoraremos a nos acostumar. Será que pensará um pouco a respeito?

– Assim que eu chegar em casa – concordou Lorna.

– Apenas me mande seu currículo por e-mail para fins administrativos, para que pareça uma candidatura formal, e, assim que eu tiver o documento em mãos, tocarei o processo. Se quiser, há um emprego aqui para você.

– E, se você mudar de ideia, se, depois que eu for embora, perceber que trabalhar comigo talvez seja um pouco demais, basta falar.

– Eu não falaria. – James sorriu. – Simplesmente mandaria um e-mail ou uma mensagem de texto.

Ele seguiu para o balcão para conseguir um pouco mais de café para os dois, e Lorna ficou sentada, observando o adorável traseiro dele enquanto caminhava até o balcão, o modo como James fez a moça que servia rir de algo que dissera. Céus, como a jaqueta de

camurça castanho-escura se esticava por sobre os ombros largos...
Como eu adoraria estar de volta àqueles braços!

Apenas mais uma vez.

Apenas mais uma noite sentindo-se como uma mulher antes da operação. Não que pudesse lhe contar isso, mas seis semanas a trariam até quase a data marcada para a operação.

Estava quente. Lorna arregaçou as mangas da sua camiseta de rúbgi, tentando não pensar no que teria pela frente, mas, mesmo assim, estava lá. Aquela terrível data em seu calendário da qual apenas sua melhor amiga sabia.

Fora o motivo para ter escolhido mudar-se para Londres. Edimburgo, Glasgow... Por maiores que as cidades pudessem ser, seus mundos hospitalares eram pequenos. Sempre haveria alguém que a conhecesse, ou alguém que conhecesse sua família... a família para quem optara por não contar.

Caso aceitasse a oferta de James, em algumas semanas teria a experiência necessária para recomeçar a vida após a operação.

Ah, estava apenas se submetendo a uma histerectomia. Era um procedimento simples, estaria de volta ao trabalho em poucas semanas, pronta para encarar a vida sem a montanha-russa de dor... Só que sem seu útero.

Poderia facilmente ter lidado com isso se já tivesse filhos. Precisava lidar com a situação porque não queria cair no buraco negro em que caíra após perder o bebê.

O bebê deles.

Lorna forçou um sorriso quando James retornou com o café, engolindo em seco quando seus olhos se encontraram por um segundo indecente. Contudo, foi capaz de exibir um sorriso sincero quando ele derramou metade do café nos pires. Lorna passara dois terços da sua vida evitando problemas, mantendo a paz, não agitando as coisas; ele apenas não a conhecera durante os últimos dois terços.

O último terço foi quando ela se puxou para fora do buraco negro, enfrentou os pais e tornou-se a mulher que quase conseguira se tornar com James. A mulher que sempre estivera lá, aguardando que ela se impusesse, uma mulher que lidava com os problemas em vez de desejar que fossem embora.

E, sem encarar a inegável atração que estava ardendo agora, sem lidar direto com ela, Lorna não iria se livrar dela.

– Quanto a eu trabalhar com você... Bem, temos um problema que precisamos discutir.

Muito bem, era a hora, Lorna decidiu, hora de viver uma vida sem arrependimentos. Ah, e haveria arrependimentos se não se forçasse a falar agora. Lorna sabia disso. Podia quase imaginar-se deitada na maca antes da operação, desejando que no dia em que saíram para fazer compras ela tivesse encontrado em si a coragem. Mais uma noite, Lorna procurou se convencer. Certamente era um incentivo para ir até o fim.

Seria corajosa.

– Eu lhe disse... A princípio poderá ser constrangedor.

– Poderia ser muito menos constrangedor... – Lorna desistiu de seu café e o pousou de novo no pires. – Acho que deveríamos aliviar as tensões.

– Quer dizer conversar? – James franziu a testa quando ela balançou a cabeça.

– Não, não conversar. Há um súbito constrangimento entre nós – explicou Lorna. – Você se lembra daquele beijo...

Ela pôde notar a língua de James movendo-se no interior da boca, e soube que seu silêncio não significava que não lhe dava ouvidos.

– Sabe do que estou falando?

– Acho que sei.

James olhava direto para ela, e Lorna sentiu como se a estivesse despindo. Quatro joelhos sob a mesa estavam devidamente separados em pares, e mantê-los imóveis quase causava câimbras.

– Nós não demos certo... – Ela aguardou até que ele assentisse.
– Jamais poderemos voltar ao passado.

– Sei disso – concordou James, sua cabeça lhe dizendo que Lorna tinha razão, seu coração não tão disposto a aceitar. No entanto, lembrou-se das brigas, da mágoa, do poço no qual ambos caíram, e, após um instante de reflexão, seu coração relutantemente aceitou o fato.

– Contudo... – Lorna inspirou fundo.

– Contudo?

As mesas de fato eram pequenas demais, pois houve um ligeiro contato. Os dois não se sobressaltaram. Ficaram imóveis e em silêncio por um instante, aguardando até que a poeira se assentasse, antes de voltar a levantá-la.

– Houve bons momentos. – Como Lorna estava conseguindo olhar para ele era um mistério.

Ela pôde notar um músculo se retesando sob a face de James, sentir um pouquinho mais do joelho dele encostando no dela, e teve vontade de enfiar a mão ali, deslizá-la coxa acima e dar um fim à necessidade de palavras.

Porém, palavras eram necessárias, pois aquilo era importante demais para que tudo não fosse posto às claras desde o início. Ou melhor, Lorna pensou, do fim.

– Também houve muitos momentos que não foram tão bons assim – ela falou, pensando no fim trágico da maravilhosa vida sexual dos dois.

Aquela parte gloriosa que fora tão rapidamente reduzida aos sábados, quando James tinha folga, ou quando ela não estava estudando, ou nos aniversários e nas datas importantes.

– A questão é que sempre lamentei não me recordar da última vez em que fizemos.

– Em que fizemos? – James verificou.

– Em que fizemos – Lorna confirmou.

Ela viu os olhos dele se arregalarem, o choque do reconhecimento neles lhe dizendo que ele pensava exatamente o mesmo.

– Eu também.

– Consigo me lembrar de muitas *vezes* – disse Lorna, com todo o cuidado. – Muitas foram fenomenais. Só não consigo me recordar da última vez, e... gostaria de poder fazê-lo.

– Eu também.

– Poderíamos produzir uma nova *última vez*.

Fazia semanas que James estivera vagando perdido pela mata, e, de repente, ali estava. Só que não foi uma casa de pão de ló que encontrara, mas sim uma mulher ruiva com quem poderia se deliciar novamente, apenas mais uma vez. Terminar tudo em alta, em vez de em baixa esmagadora, como acontecera, da qual havia sido um inferno para ambos se recuperar.

– Poderíamos nos despedir de maneira adequada – insistiu Lorna –, pois seria uma despedida, James. Quero dizer, se eu vier trabalhar em Londres, eu *serei* sua ex...

– Terá de ser mesmo, Lorna – concordou James –, pois não aguentarei passar por tudo aquilo de novo.

– Eu sei.

Sabia mesmo, e não permitiria que aquilo se repetisse. Não daria ao homem que merecia tanto mais essa mulher pela metade com um futuro sem filhos e acometida das profundas crises de depressão que com certeza se seguiriam à cirurgia.

Prometeu a si mesma, ali, na praça de alimentação, que não faria isso com ele. Não, este era o século XXI. Pessoas, ex-amantes, amigos faziam coisas como esta o tempo todo, e era para James que estava sugerindo isto. James, que sempre cuidara dele, James, o único homem com o qual fora capaz de ser completamente ela mesma.

O bom e o ruim.

– Uma noite – avisou Lorna, animada com a perspectiva e desesperada para sumir da praça de alimentação. – Uma noite adorável, simplesmente adorável.

– De que poderemos nos lembrar com gosto.

Ele riu quando ela exibiu aquele velho sorriso malicioso. Às vezes, James era capaz de ler seus pensamentos antes mesmo que se formassem em sua cabeça, como se fossem a mesma pessoa, compartilhando as mesmas ideias.

– Nada de fotos! – Lorna fingiu indignação. – Que tipo de mulher acha que sou?

Isso parecia ao mesmo tempo engraçado e inteligente, contudo, ao cruzarem a loja e seguirem para o estacionamento, Lorna sentia-se apenas burra e terrivelmente nervosa. Tendo lhe oferecido uma noite de sexo fabuloso, de repente não tinha certeza se estava à altura do serviço.

Quando enfim chegaram ao carro, ele lhe deu a resposta. Tinha de tomá-la nos braços com tamanha urgência que nem sequer teve tempo de abrir a porta, de encontro à qual ele a apertou, seus lábios esmagando os dela, mas sempre tomando cuidado com o seu peito.

Sempre um cavalheiro, James a envolveu com os braços e a prensou de encontro ao metal com outra parte de sua anatomia. Beijou-a até Lorna sentir vontade de escalá-lo, de se enfiar debaixo do seu casaco. Desta vez, era o beijo táxi, aquele em que era quase impossível se dirigir. Sendo assim, ou tinham que correr para um hotel, ou, como já fizeram certa vez, chamar um táxi, pois James não seria capaz de manter as mãos no volante para a viagem de volta para casa.

– O melhor tipo de mulher – falou ele, entre beijos, respondendo à sua pergunta anterior, sem dar atenção para as pessoas a seu redor.

Beijou-a até, em prol da decência, decidir enfiá-la no carro e levá-la para casa.

CAPÍTULO TREZE

A MARAVILHA do sexo de reencontro – Lorna concluiu quando entraram pela porta da frente, beijando um ao outro sem parar – é que você sabe do que o outro gosta.

Na viagem um tanto quanto breve para casa, ela se perguntara se tomariam uma ducha, ou se fariam amor lenta e deliciosamente. Mas, quando ele deixou o carro engasgar ao dar a ré no estacionamento um pouco pequeno, e depois esqueceu-se de soltar o freio de mão, a ponto de Lorna ter de lembrá-lo, ela ficou extasiada ante o que viria em seguida. Afinal, tinha a noite toda pela frente.

O problema com preservativos, Lorna também decidiu quando ele a beijou no corredor, era que bons sujeitos como James não tiravam do nada um da carteira, um que viessem carregando consigo só por via das dúvidas.

Ah, ela sabia onde estavam. Vira-os quando revirara o banheiro, só que, de uma hora para outra, as escadas pareciam o monte Everest, e seus níveis de oxigênio estavam um tanto quanto exauridos quando ele lhe arrancou a camiseta de rúgbi e ela chutou os sapatos para longe, e James tirou a jaqueta.

Eles *tentaram*, Lorna pensou ao ajoelhar-se, um rastro de roupas descartadas atrás de si...

– Ah, Lorna...

James lhe tirava o sutiã agora, beijando os seios pequeninos que ela sempre detestara tanto, mas que James adorava. Seus botõezinhos intumesceram entre os lábios dele e sob seus dedos quando, sem saber qual escolher, ele cumprimentou ambos.

James estava sem camisa, mas Lorna não conseguia se recordar de tê-la tirado. Passou as mãos pelos ombros familiares e, depois, as deslizou para baixo dos braços dele. Seus dedos compridos e frios verificaram cada costela, cada vértebra, à medida que sua boca movia-se sobre os ombros largos. Levou apenas alguns segundos para familiarizar seus dedos, sua boca, sua pele com a deliciosa extensão do corpo dele.

Talvez houvessem conseguido subir as escadas se Lorna não tivesse deparado com o cinto dele e brigado com o couro pesado, tentando lhe baixar a calça. Foi um tanto quanto complicado, com James ajoelhado. Sendo assim, ele ficou de pé e tirou a roupa, enquanto Lorna tentava chegar ao último patamar, mas James a segurou pelo calcanhar, frustrando sua tentativa, e a subida foi abandonada de bom grado.

James, quatro degraus abaixo, beijava-a profundamente lá, suas pernas envolvendo-lhe a cabeça, seus dedos fincados no cabelo dele, aquele cabelo lindo e macio, e os braços fortes e musculosos a seguravam pelas nádegas enquanto suas mãos se estendiam por sobre a cintura.

Era James, e era êxtase, e Lorna não conseguia parar de chorar, e não conseguia parar de lhe repetir o nome, pois era esse o efeito que ele provocava nela. James arrancava cada emoção enterrada em seu íntimo e a expunha, pegava toda a culpa e a vergonha e a apagava, pois se este homem lindo a queria tanto, mas tanto mesmo, então, com certeza, devia ser bom, e, com James, era.

Simplesmente era.

E ela sentiria a sua falta para sempre.

Podia escutá-lo gemendo, e isso lhe disse, antes mesmo que a própria Lorna soubesse, que ela ia chegar ao clímax, pois ele conhecia seu corpo melhor do que ela. Desejava-o dentro de si, não queria fazê-lo sozinha. Sendo assim, puxou-o pela cabeça, arrastando o maravilhoso corpo por sobre o dela.

– Está tomando pílula?

Ele tinha aquela adorável expressão inocente no olhar, uma expressão luxuriosa, quase embriagada que a fascinava. Nesse estado de transe, James esforçava-se para lidar com coisas de natureza prática, mas Lorna havia muito já lidava com elas.

– Sim.

Estava tomando a pílula. Na realidade, vinha tomando centenas de drogas de pílulas, mas contou para ele apenas sobre a que realmente importava, apenas sobre aquela de que ele precisava saber hoje.

– Sim! – Estava suplicando, implorando, com urgência. – Sim!

Lorna chorou quando ele a penetrou e o acolheu com abraços apertados, com um orgasmo doce e frenético, enquanto ele a levava a um lugar onde mais nada importava, de volta para a pequenina ilha deles, onde havia apenas os dois, e onde nada nem ninguém podia tocá-los.

– A melhor – disse ele, beijando-a com um beijo para o qual ainda não tinha um nome, recheado de ternura, arrependimento e algo mais para o qual ainda não conseguia encontrar a palavra, mas pensaria nisso mais tarde.

E então, a noite foi só para eles e mais ninguém. De volta ao quarto de James, a porta fechada para o mundo, isolaram-se de tudo, enquanto lentamente se despediam um do outro com beijos.

CAPÍTULO CATORZE

— TENHO DE ir embora por volta do meio-dia.

Pauline passou os olhos pelo alvo de bombardeio que era a cozinha na manhã da segunda-feira seguinte. As superfícies estavam abarrotadas de canecas e taças de champanhe, e o perfume da libertinagem pairava no ar.

Não que desse para dizer alguma coisa só de olhar para ele. De barba feita, James usava uma daquelas terríveis camisas de linho que ela levava uma eternidade para passar, e comia sua torrada, lendo o jornal.

– Sem problemas.

– Talvez eu não consiga fazer tudo. – Ela voltou a cabeça na direção da sala de estar, que, infelizmente, era o único aposento em estado decente na casa.

Estivera pensando em encará-lo hoje, pois havia um programa que queria assistir às 11h. Ainda assim, ele tinha TV paga em seu quarto, Pauline lembrou.

– Vou pegar seu quarto após a cozinha, e fazer uma boa limpeza nele, agora que Lorna se foi.

– Na verdade... – James ficou de pé e tentou achar as chaves.
– Será que poderia deixar o quarto para depois? Comecei a fazer o meu imposto de renda ontem à noite, e há papéis espalhados por tudo quanto é lugar. Nem entre lá. – Sorriu para ela. – Tenho uma pilha de recibos.

O HOSPITAL estava movimentado, o que foi bom para James. Qualquer coisa para tirá-la da cabeça.

Mergulhou no ritmo frenético do departamento. Um ciclista atingido por um táxi ocupou até as 8h45, quando a equipe de trauma assumiu o caso. Um corredor com uma rótula deslocada foi uma distração rápida. James a colocou no lugar enquanto o paciente ainda estava na maca. Isso o levou até as 9h.

Depois, houve uma reunião administrativa. Ele tentou concentrar-se, mas seus pensamentos insistiam em vagar, e James o tempo todo tinha de perguntar para o diretor se ele não se importaria de repetir a pergunta.

– Não estava fazendo uma pergunta – respondeu Brent Gillard, aborrecido –, e sim afirmando que os atrasos têm sido por demais grandes em seu departamento nas últimas semanas.

– Porque trabalhamos com dois médicos a menos – retrucou James. – Porque os chefes de departamento e os plantonistas estão lidando com coisas com que residentes costumam lidar.

– Providenciamos coringas. – Foi a resposta fria de Brent.

– Só que nunca duas vezes o mesmo. – O tom de voz de James teria cortado o gelo. – O que significa que precisam passar pela orientação, o que significa que nem sequer sabem onde fica o suporte de soro, ou o martelo de rótula, ou como usar o sistema de chamada... Eu poderia continuar.

– Prefiro que não o faça – falou Brent. – Apenas reduza os períodos de espera.

James não parecia nada satisfeito quando retornou para a emergência, especialmente quando May o seguiu até o seu escritório.

– Não me importa se não é uma boa hora! – May bateu a porta do jeito que só um bom colega pode fazer, mas ele também estava fervendo, recusando-se a olhar para ela, recusando-se a responder, receando falar a coisa errada.

Enquanto May esbravejava, James passou os olhos por seus e-mails.

– Acabo de ter outro coringa gritando com uma de minhas enfermeiras porque ela ousou chamá-lo durante seu intervalo para o café. Estou falando, James, o lugar está a ponto de explodir. Algo tem de mudar.

– Algo mudou. – James olhou para a sua enfermeira favorita.
– Pedi demissão!

– Não! – May praticamente murchou diante dele. – Não, James.

– Bobinha, eu estava brincando...

– Engraçadinho!

– Lembra-se de Dean Hayes?

– Aquele que tinha caspa?

– O próprio. – James assentiu. – Bem, ele está de partida para a Europa em dois meses, e mandou um e-mail pedindo todos os plantões que tivermos.

– Ele é bom. – May meneou a cabeça, apenas ligeiramente apaziguada.

– E Lorna. – James pigarreou. – Ela acaba de me enviar seu currículo. Pode começar em duas semanas, apenas com coisa leve, mas ela é boa, esperta.

– Ela é clínica geral, não é?

– Sim, e também cobre a área rural, portanto está acostumada a lidar com o que quer que apareça em sua frente, embora talvez tenha problemas com o volume.

– Ela dará um jeito.

– E vou ter uma palavrinha com o tal coringa.

– Isso! – May sorriu para ele. – Assim é melhor.

– Mandarei um e-mail para Dean, oferecendo-lhe uma pilha de trabalho. – Ele deu de ombros. – Vou ligar para a administração agora, e falar que acabo de fazer uma entrevista por telefone com Lorna. Sei que não tem sido fácil para as enfermeiras. . .

– Aguentaremos até lá. – May tornou a sorrir. – Muito bem, darei a notícia para as meninas e estou indo embora.

– Mas é apenas meio-dia.

– Ah, mas eu ainda trabalho pelo contrato antigo. – May piscou. – E fico feliz de não ter aberto mão de meus dias de meio expediente.

Isso o ocupou até o meio-dia, porém, tudo que ele queria era ir para casa, tudo que queria era lembrar. Não tinha problemas com Pauline limpando sua bagunça. Fazia muito tempo deixara de se sentir constrangido quando, ao voltar para casa, encontrava aguardando-o brincos ou sutiãs com que ela deparara durante o dia de trabalho.

Nem se importava com o modo como Pauline parecia querer soltar um palavrão cada vez que um novo rostinho bonito aparecia na cozinha quando ela estava descarregando a máquina de lavar louça.

James queria sua suíte exatamente como Lorna o deixara. Queria seu perfume no quarto e alguns fios de cabelo ruivo compridos no chão do banheiro por mais algum tempinho.

Depois trataria de esquecê-la.

De novo.

CAPÍTULO QUINZE

— SEU IMPOSTO de renda? – May baixou a elevação de sua esteira para poder caminhar em terreno plano a cerca de 3 quilômetros por hora. – Ele está fazendo o imposto de renda nesta época do ano?

– É o que parece. Seus papéis estão espalhados por toda parte.

– Pauline bufou, ainda subindo ladeira.

– “É o que parece”?

– Não devo abrir a porta para não espalhar seus recibos.

Elas pararam de conversar por um instante, primeiro para recuperar o fôlego, e, segundo, para admirar o jovem encantador que trabalhava os músculos peitorais.

– Mas eu apareci para me despedir de Lorna – acrescentou Pauline, 15 minutos mais tarde, quando recompensavam o exercício com *croissants* e *cappuccinos*. – Teria sido bom vê-la antes que ela se fosse, mas não tive coragem de incomodá-los. Estavam no quarto dele.

– No quarto dele, você disse?

– Ela chorava – informou Pauline, discretamente deixando de mencionar o corrimão coberto por roupas de baixo que lhe dera as

boas-vindas, assim como os barulhos vindos do quarto. – No quarto dela... bem, no dele, mas que ela vinha usando desde que chegara lá. É uma suíte, seria mais confortável para Lorna, sabe?

– Bem, faz sentido. – May assentiu. – Você diz que ela estava chorando?

– Soluçando, na verdade – confirmou Pauline, franzindo os lábios e fitando May nos olhos. – Era de partir o coração da mais fria das pessoas. Ainda bem que James estava lá. – Deu uma mordida no *croissant*. – Para confortá-la, é claro.

– Pobrezinha – falou May, antes de comentar: – Já mencionei que ela vai voltar?

CAPÍTULO DEZESSEIS

ELA ERA apenas uma colega.

Ele repetiu isso várias vezes para si mesmo enquanto passava os olhos pelo currículo de Lorna.

Também era sua ex-esposa, James consolou-se enquanto lia com mais atenção, cada detalhe sendo gravado em sua mente para toda a eternidade.

Era natural estar curioso.

Natural notar que, agora, Lorna tornara-se doadora de órgãos, e que entre seus hobbies estavam listados natação, tênis e triátlon.

Mentirosa, mentirosa, mentirosa, James teve vontade de lhe responder, mas passou o currículo para a administração e enviou um e-mail rápido para ela, intitulado “Leitura, leitura e leitura”, sabendo que ela entenderia. Esse era o único hobby que já vira Lorna praticar. Em seguida, recostou-se na cadeira, observando o passado transformar-se no presente.

A verificação de segurança foi positiva, e veio com um novo endereço em Londres, o que significava que ela já estava na cidade. Em seguida, a verificação de suas certificações também foi positiva.

Era um processo lento, ao qual já estava acostumado. Em seguida, chegou o envelope grosso que James não podia abrir, aquele lacrado, com os detalhes médicos de Lorna, que tinha de seguir direto para a administração. Ele continha seu histórico médico. James ficava furioso só de pensar que a gravidez ectópica estaria nos registros dela, mas não nos dele. Apesar de ele também ter sofrido tanto, pelo jeito, não contava.

Ah, mas contava.

James lhe dissera para assinar o formulário de consentimento. Sendo amargamente sincero consigo mesmo, admitira que, no final, fora impaciente com ela. Tivera de ser firme com Lorna. A plantonista o puxara para um canto e lhe informara que não havia como o bebê sobreviver, e que se protelassem e a tuba rompesse, sim, estavam em um grande hospital e na mesma hora ela entraria em cirurgia; contudo, haveria sério risco envolvido.

– Apenas assine o formulário, Lorna.

Dez anos se passaram e ele ainda conseguia se lembrar da expressão no rosto dela quando a forçara a lidar com o inevitável, uma mistura de pesar, mágoa, confiança e ódio, quando sua mão trêmula tirou a caneta da dele. Cinco minutos mais tarde, levaram-na para o centro cirúrgico, e, sentado na sala de espera, olhando para o relógio, ele foi tomado de maus pressentimentos.

Ao perderem o bebê, de algum modo, ele soube que também haviam perdido um ao outro. O pensamento sombrio apenas se confirmou quando James viera visitá-la, após a cirurgia. Ela retraíra a mão para longe da dele, virara-se de lado e fitara a cortina. Em uma reviravolta do destino particularmente cruel, a ala feminina do hospital estava passando por reformas, e Lorna acabou ficando alojada apenas a um corredor de distância da maternidade, de onde podia escutar choros de bebês durante toda a noite.

– Lorna, converse comigo.

James repetira isso tantas vezes, torcendo para que as coisas melhorassem depois que voltassem para casa, só que não melhoraram. Eles pareciam dois desconhecidos acordando após uma festa *daquelas* para descobrir que nada tinham em comum além da confusão e da tristeza que ambos haviam criado.

Contudo, ser médico tinha lá seus privilégios.

Se é que podiam ser chamados assim.

James foi capaz de obter os resultados daquele frasco organizadamente rotulado “PDC” que seguira para o laboratório. Ainda podia se lembrar de ter subido na cama e segurado o corpo magro e rijo de Lorna, tentando passar parte de seu calor para ela, desesperado por abraçá-la, por tomá-la nos braços e chorar com ela.

Só que Lorna estava em um lugar diferente.

Um lugar escuro e solitário, onde ela não o queria a seu lado.

Mas James também se sentia solitário, guardando para si aquela informação, levantando-se para ir ao banheiro às 2h e tendo vontade de chutar a porta.

Seu pequenino Produto da Conceção, ou PDC, pois era comprido demais para se escrever no rótulo, era uma menininha, a filhinha dos dois, e ele jamais contara para Lorna, pois, com certeza, era melhor não saber.

Sentia falta da filha.

Sentia falta de Lily. Lily Morrell era o nome que haviam escolhido dar ao bebê caso fosse uma menina, que significava lírio em inglês. Como ele sentia sua falta!

Não a todo momento, nem mesmo todos os dias. Contudo, mesmo após dez anos, ainda sentia falta daquela morena de olhos dourados, ou da ruiva de olhos verdes, ou daquela menina de olhos e cabelo negros que poderiam ter feito. Esse pequenino quebra-cabeça de genes e personalidade jamais fora montado. James ainda de-

plorava a carta que o destino lhes dera, e ainda lamentava aquele vislumbre da paternidade.

Quem – James pensou ao colocar o envelope no devido escaninho, enviando-o para aqueles rostos sem nome na administração – disse que para os homens é fácil?

CAPÍTULO DEZESSETE

— OI.

Encontraram-se para um café no dia anterior ao começo de Lorna no trabalho.

Em um agradável território neutro, sentaram-se no sofá, onde não houve joelhos se chocando. Desta vez, nada de constrangimento. Era apenas bom rever um ao outro.

– Você está com uma aparência ótima, Lorna.

Estava mesmo. Ela engordara um pouco. Ainda estava magra e pálida demais, mas havia um brilho nela, uma aura de boa saúde rodeando-a ao aceitar o café e tomar um demorado gole.

– Estou me sentindo ótima. – Lorna sorriu. – Veja bem, eu não recusaria outra semana de férias. Não pela minha saúde – tratou de acrescentar, apressada. – Mas tenho estado tão ocupada encontrando um lugar para morar, tirando as coisas do depósito, providenciando a mudança...

– Fazendo muitas listas – James brincou.

– Ah, listas não faltaram – afirmou Lorna para em seguida admitir um pouquinho da verdade: – Estou nervosa.

– Eu imagino.

– Sei que consigo lidar com os pacientes. Sei que sou qualificada. É só o volume de pacientes.

– Por outro lado, também contará com uma equipe maior – salientou James. – Não ficará sozinha nem por um instante. Sempre há um plantonista de serviço, 24 horas por dia. Mesmo à noite, os chefes de departamento costumam estar lá. Você própria viu quantas vezes fui chamado para o hospital. Levará alguns dias, mas até o fim da semana, você estará craque!

– Duvido – falou Lorna, sem se importar com o fato de que, para todos os efeitos, era para seu chefe que ela estava admitindo suas inseguranças.

Por coincidência, esse também era James.

– Como acha que seus colegas vão reagir? Quero dizer, suponho que todos saibam que sou sua ex-mulher.

– Estarão curiosos – admitiu James. – E Abby, uma plantonista, pode se mostrar um pouco distante. Ela tem uma queda por mim.

– Muitas mulheres têm. – Lorna sorriu, pois, agora, era capaz de achar graça disso.

Quando começaram a sair, e nos meses infernais do casamento deles, isso a fizera sentir-se insegura. Levava uma eternidade para ela se dar conta de que James raramente notava o efeito que exercia sobre as mulheres. Portanto, para James notar que Abby gostava dele a moça devia ter sido bem incisiva.

– Já saiu com ela? – perguntou Lorna, não para ser enxerida, mas para saber onde estava pisando.

E uma plantonista com inveja de ex-marido não era algo com que Lorna estava ansiosa para lidar.

– Não. – James balançou a cabeça. – Nunca saio com pessoas com quem trabalho.

– Nunca? – Lorna estranhou. Afinal, antes de *ela* sair com ele, James sempre tinha alguém na fila de espera. – Desde quando?

– Desde que aprendi minha lição com você.

– Isto vai ser tão constrangedor para você...

Lorna encolheu-se, mas James apenas deu de ombros.

– Não vejo por que, contanto que nos sintamos à vontade na presença um do outro. Além do mais... – Ele pigarreou por um instante antes de prosseguir, e Lorna pôde perceber que estava ligeiramente desconfortável. – Não costumo discutir minha vida pessoal com eles. O que é irônico, levando em consideração que é sobre minha vida particular que todo o mundo está falando agora. Não alardeei o fato de que rompi com Ellie.

Lorna franziu a testa.

As orelhas de James pareciam ter enrubescido ligeiramente.

– Sendo assim, presumo que todos pensarão que, se Ellie não tem problemas com o fato de nós dois estarmos trabalhando juntos, no fundo não pode realmente haver nada acontecendo entre nós. E não há, é claro! – Ele apressou-se em acrescentar.

– É claro – concordou Lorna, pois não havia mesmo.

James pagou o café, e, desta vez, foi de modo natural e sem insinuações que se beijaram nas faces. Eram amigos agora. Bons amigos até.

Eram um ex-casal, James pensou quando ela desceu a rua nas suas botas pretas de cano alto e um enorme casaco amarelo; linda, agora que usava as próprias roupas. Um ex-casal que se despedira da melhor maneira possível e que aliviara a tensão, embora não sua consciência.

HAVIA É claro, uma enorme onda de interesse que tomou conta do departamento.

A ex-esposa de James Morrell estava vindo trabalhar ali, e uma curiosidade mórbida a aguardava em todas as mudanças de turno

durante suas duas primeiras semanas. A equipe parecia certa de que James e Lorna ainda eram notícia, e, se Lorna era a ex de James, devia ser um espetáculo.

Ela logo acabou com os rumores.

Vestindo terninhos cinza ou em tons sóbrios de marrom, os óculos empoleirados no nariz, as pernas magras envoltas por grossas meias-calças, o cabelo puxado para trás, era neurótica ao excesso em se tratando de prontuários, e enlouquecia de irritação os residentes e as enfermeiras.

– Ela é terrível – afirmou Shona enquanto aguardavam que Lorna anotasse suas ordens, com todos os detalhes, em sua escrita impecável, atrasando tudo. – Simplesmente parece não entender.

– Não entender o quê? – indagou May, franzindo o cenho.

– Ela é tão lenta! – Shona suspirou. – Verifica tudo duas vezes, mesmo o que nós fazemos.

– Ela é muito esquisita – concordou Lavina. – E obsessiva.

E era mesmo. Talvez os outros hospitalais tivessem tido razão ao rejeitá-la, Lorna pensou inúmeras vezes durante aquelas terríveis primeiras duas semanas. Havia tanto no que pensar, tantos nomes para aprender, e tão poucos rostos conhecidos.

Havia May, é claro, a adorável enfermeira irlandesa, e James. Lorna ficava terrivelmente esquisita quando ele estava por perto. Sabendo que o departamento de emergência os observava, ela o evitava como a peste, mas, é claro, não era capaz de evitá-lo por completo.

Observou a própria mão tremer enquanto tentava inserir um cateter na veia de um bêbado brigão que se recusava a ficar quieto. É claro que ela errou a veia.

James não se ofereceu para fazê-lo por ela, deixando para Lorna lidar com os palavrões do bêbado, o que era comum naquele lugar. Contudo, James sentia-se como um pai preocupado acenando todas

as manhãs para o filho que entrava na escola. E Lorna era como a criança que não queria ir, uma criança que não se enquadrava direito, enquanto James precisava fingir que não tinha problema, que tudo daria certo. Não podia ajudá-la, nem fazer por ela, nem mostrar sua preocupação. Tudo o que podia fazer era ajeitar a escala, sem que ninguém soubesse, de modo a colocá-la com May sempre que possível, e prender a respiração.

– FELIZ ANIVERSÁRIO! – James a beijou na face quando Lorna entrou no bar e sentou-se ao lado dele, à pequenina mesa alta.

– Muito obrigada – gemeu Lorna. – Não acredito que me escalou para o turno da noite no meu aniversário.

– Nosso acordo foi sem favores. – James sorriu. – E você não solicitou a noite de folga.

Não podiam conversar no trabalho porque todos estavam de olho neles, e não parecia certo irem para a casa de um ou do outro. Assim, encontraram-se para jantar uma noite antes de o turno dela começar, o que calhou de acabar sendo o aniversário de Lorna.

James poderia ter mentido e dito que esquecera que era o aniversário dela, mas... bem, ambos sabiam que era mentira. Na verdade, a mão de James hesitara ao digitar no computador os turnos, pois, considerando que Lorna estava sozinha em Londres, e que era o aniversário dela, tinha quase certeza de que acabaria levando-a para sair.

No final, levava-a mesmo para sair, James pensou, triste, ao pedir para si mesmo um refrigerante, pois se achava de sobreaviso, e Lorna, uma limonada, pois estava trabalhando. Todavia, era apenas um jantar, e, considerando que ela começava a trabalhar às 21h, não havia perigo.

– Tome. – Ele lhe entregou um pequeno embrulho.

Lorna franziu a testa ao aceitá-lo, tentando imaginar o que um ex-marido comprava para a ex-esposa em seu aniversário.

- Uma corrente para meus óculos?
- Você nunca consegue achá-los.
- Mas gente velha é quem usa isso. O pessoal do trabalho já me acha tão cafona...

James deu de ombros.

- Acho que combinam com você!
- Quando foi que começou com esse fetiche por bibliotecárias?
- Ela se interrompeu.

Ambos tomaram um gole de suas bebidas e, com demasiada facilidade, começaram a falar sobre os tempos idos.

Pediram a comida e falaram um para o outro que decididamente não iam conversar sobre trabalho, mas, considerando que flertar estava fora de questão e o passado não se achava aberto a inspeção, não sobrava muita coisa. Sobre *o que* conversariam?

- Como está Pauline?
- Ótima. Ela vem fazendo um curso de culinária tailandesa. – James suspirou. – Eu costumava adorar comida tailandesa...

O que fechou essa porta.

- Como ficou o seguro do carro?
- Tudo resolvido – respondeu Lorna, animada. – Não que eu vá precisar de um carro aqui.
- Bem, ele é bom para voltar para casa.
- Prefiro o metrô – falou Lorna, o que também matou esse tema de conversa.

– Não está funcionando, Lorna – disse James, três longos minutos de silêncio mais tarde, e, ao observar a cor abandonar as faces dela, soube que Lorna entendeu ao que ele se referia. – Sexo de despedida pode ser bom na teoria, e talvez até dê certo para alguns. Só que tudo o que fez para mim foi lembrar como nós dois éramos bons juntos. E não estou falando apenas do sexo.

- Eu sei.

James pôde notar a ponta do nariz dela ficando vermelho, como sempre acontecia quando estava prestes a chorar.

– Nunca namoramos de verdade – disse James. – Jamais sequer fizemos isso...

– Eu sei. – Ela esfregava a ponta do nariz entre o polegar e o indicador, e James desejou que ela olhasse para ele. – Não daria certo... – Lorna balançou a cabeça. – Não com nós dois trabalhando juntos.

– Muito justo. – James assentiu. – Mas, quando você terminar, talvez possa arrumar um emprego em Londres...

– Não podemos.

– Lorna! – James estava irritado, agora. – Somos loucos um pelo outro, e, sim, talvez incomode seus pais...

– Não tem nada a ver com meus pais – interrompeu Lorna. – Será que dá para você parar de presumir que sou a mesma pessoa que era?

– O que é então? O que nos impede de tentar?

– O fato de não ter dado certo.

– Porque você se recusou a conversar comigo. Preferiu se fechar.

– Eu perdi um bebê.

– Perdeu o *meu* bebê, Lorna. Também fiquei arrasado. Sabe o quanto eu queria aquele bebê, o quanto queria filhos.

A visão das azeitonas fritas começava a provocar náuseas em Lorna, e aquela conversa estava próxima demais de uma ferida aberta.

– Deixe para lá, James, por favor.

E foi o que ele fez, naquele instante, dez anos após, em um bar em Londres. James enfim deixou para lá.

Não parou de amá-la, e jamais deixaria de se preocupar com ela, mas, naquele momento, aceitou os fatos, pois, como Lorna insistia em repetir, não tinham dado certo. Ele olhou para seu rosto angustiado,

o trauma infligido quando pediu por um pedaço dela. Por fim James aceitou que não era algo que ela estava disposta a dar.

– Por favor, James, deixe para lá. Não há como voltar ao passado.

– Eu sei – disse ele, porque, agora, sabia mesmo, porque tudo o que isso fazia era causar mágoa.

Porque ali estava ela, chorando no próprio aniversário, e, como sempre, era ele sentindo-se como um canalha por pressioná-la, e não deveria ser desse jeito.

– Tem razão, Lorna, não há como voltar ao passado.

E ela engoliu em seco ao escutá-lo dizer isso, pois algo na voz de James lhe dizia que ele falava sério.

– Ei! – Ele passou o braço ao redor de seu ombro e lhe ofereceu um guardanapo para enxugar as lágrimas. – Sabe, no final das contas, não era sexo de despedida que precisávamos, mas sim de uma boa briga. – Sentiu-a rir e chorar nos seus braços. – Para nos lembrar de como podia ser ruim.

E isso aliviou a tensão... Bem, mais ou menos.

James a acompanhou até o metrô, observou-a desaparecer nas escadas e procurou se convencer de que finalmente estava tudo acabado.

Agora, só restava acostumar-se com isso.

– SERÁ QUE podemos ter uma palavrinha, Lorna?

Abby a chamou até sua sala antes mesmo que Lorna houvesse retirado o casaco. A cabeça de Lorna ainda girava devido ao jantar com James e por ter atravessado a sala de espera.

O departamento já fervilhava, e, embora sempre houvesse um médico chefe e um plantonista de serviço, a carga de trabalho sempre era mais intensa à noite. Havia mais decisões a serem tomadas sem consulta e, francamente, Lorna não se sentia bem.

– Ansiosa para seus turnos da noite, Lorna? – Abby sorria quando Lorna se sentou.

– Muito. – Lorna assentiu, tentando dar a impressão de entusiasmo, tentando manter a batida do coração constante ao escutar outra sirene ecoando e ver brilhantes luzes azuis passarem pela janela de Abby.

– Bem, estou de serviço hoje à noite e amanhã também. James, é claro, está de sobreaviso, mas, naturalmente, prefiro que você fale comigo antes de ligar para ele para qualquer coisa.

– É claro.

– Lógico... – Abby sorriu – ...que não estou falando de ligações pessoais.

– Falarei com você antes de ligar para James – afirmou Lorna, cerrando os dentes, mas recusando-se a dar satisfações de si mesma ou de James para Abby. – E, a julgar pela sala de espera, não haverá muito tempo para ligações pessoais.

– De fato está parecendo que a noite vai ser movimentada – concordou Abby. – Daí eu querer dar uma palavrinha com você. Sei que é esquisito, sendo James seu ex-marido. Talvez ele não se sinta em posição de discutir certas coisas com você. Por isso vou lhe dar um conselho discreto. Só entre nós.

Lorna podia sentir as lágrimas no fundo dos olhos, quando, muito educadamente, muito gentilmente, Abby lhe passou uma descompostura. Recusou-se a chorar quando lhe foi dito como a equipe toda estava irritada com suas anotações, como Lorna tinha de se impor mais e como precisava parar de encaminhar os pacientes adiante, em vez de tomar ela mesma a decisão de lhes dar alta.

Abby possuía uma lista e tanto de reclamações, mas ela seguiu até o fim, e, a seu término, Lorna se sentia como um pano de chão retorcido. E a noite nem sequer começara.

– Você não precisa sempre fazer um exame completo – prosseguiu Abby, assim como fizera pelos últimos 20 minutos. – E, depois, não tem de gastar mais 15 minutos fazendo anotações. Nem tudo acaba sendo revisado pelo conselho médico, Lorna. Não tem de estar sempre cobrindo sua retaguarda.

– Não estou cobrindo minha retaguarda – retrucou Lorna. – Admito que sou um tanto quanto lenta, mas gosto de ter um histórico detalhado. É como eu trabalho.

– Em um ambiente rural como clínica geral – contra-argumentou Abby. – Apenas tente impor um pouco mais de ritmo, Lorna, é tudo o que estou pedindo.

– Farei isso. – Lorna ficou de pé e, com polidez, disse a coisa certa: – Obrigada pelos conselhos.

Abby sorriu.

– Não tem de quê.

Lorna sentiu-se tentada a dar o fora dali, mas, em vez disso, preparou um pouco de café e foi se juntar à equipe que a considerava irritante e sentou-se em silêncio entre eles.

Ela se sentiu um pouco mais animada quando May, com uma cesta em uma das mãos e uma caneca de chá na outra, adentrou a sala de plantão onde o turno da noite se preparava para trabalhar.

– Também está cobrindo o turno da noite?

– Estou! – May não parecia muito satisfeita. – Já cobri um período no mês passado. Será que acham que não tenho uma cama para dormir? Presa neste inferno num sábado à noite, terá de manter os olhos abertos, mocinha.

– Eu sei – admitiu Lorna, triste, antes de completar com um pouco mais de ânimo: – Trabalhei por turnos em Edimburgo.

– E há quantos anos foi isso? – May não tentava tranquilizá-la. – Já inventaram milhares de novos problemas desde então, drogas as mais diversas; e, agora, não há hora para se fechar. A

última escala costumava sair às 23h, agora é quando estão começando. O que diabos fazem a noite toda? – perguntou para Shona, zangada, como se ela representasse todos os problemas da juventude.

– Nós dançamos. – Jovem, linda e desprovida de inseguranças, Shona produziu um movimento esquisito que fez todo o mundo, até mesmo Lorna, rir. – Desse jeito.

– Isso não é dançar – censurou May. – *Isto* é dançar. – Tomou Shona pela mão e a rodopiou até todos na sala gargalharem.

Lorna adorou a brincadeira. Gostava de todos e queria se encaixar, queria fazer parte do grupo, mas jamais conseguiria ser tão extrovertida.

E, de qualquer modo, não havia por quê. Afinal, em algumas semanas, não estaria mais lá. Em algumas semanas, caso conseguisse um emprego, e James a recomendasse, teria ido para outro hospital para começar tudo de novo.

– Venha, Lorna. – May sorriu, amigável. – Eu cuidarei de você.

E cuidou mesmo. Lorna já se dera conta de que May cuidava de todo o mundo. Tinha o dedo no pulso de todos, e não só no dos pacientes. Podia farejar problemas antes que surgissem, e havia algo nela tão austero que permitia que impusesse respeito, mesmo àqueles que normalmente não respeitavam ninguém. Lorna descobriu o motivo disso ao observá-la conversar com Rita, uma prostituta que segurava um bolo de gaze de encontro à cabeça: May os respeitava.

E Lorna também.

Um acidente em Londres trouxe novas emergências, algumas com que ela já estava familiarizada, outras não, mas Lorna sempre tentava.

– Não precisa ser desse jeito – disse Lorna para Rita às 2h quando enfim achou um tempo para lhe dar os pontos na cabeça.

A linguagem usada em seguida desafiava a imaginação. May colocou água para ferver, e se preparou para enxugar lágrimas, só que Lorna não estava chorando.

– Você não pode mudar o mundo – disse May.

– Não! – Um rostinho ligeiramente afetado a fitou direto nos olhos. – Mas, se ela deixasse, eu o mudaria para ela.

Foi um tanto quanto animador quando, às 6h, um rosto marcado pelas ruas reapareceu perguntando pela “médica escocesa bacana”. May tratou de chamar Lorna, que apareceu com seu rosto pálido e cansado.

May não escutou o que disseram uma à outra. Lorna levou duas canecas de café até a sala de entrevistas, de onde saiu uma hora mais tarde. Contudo, enquanto preenchia sua folha de ponto e lavava a garrafa térmica antes de devolvê-la à cesta, de algum modo May soube que algo de bom fora feito ao romper do dia, algo realmente muito bom.

Nada que mudaria o mundo, é claro, May pensou ao ser recebida com um beijo pelo adorado marido, que a aguardava com seu chá e suas torradas quentes, como sempre acontecia quando pegava o turno da noite.

Esta manhã, ele despediu-se com um beijo, seguindo para o próprio trabalho, mas May permaneceu sentada na sala de estar por um silencioso instante de reflexão, antes de ir para a cama.

Sim, algo fora feito naquela manhã que, com sorte, mudaria a vida de uma pessoa.

Era o suficiente para lhe embalar os sonhos.

CAPÍTULO DEZOITO

LORNA ESTAVA usando a corrente de óculos. Na realidade, era bem útil, mesmo que a deixasse parecendo uma velha tia solteirona. Mas não ligava. O que realmente importou para Lorna foi James ter sido chamado para o hospital às 23h de sábado.

– Sinto muito, James – disse Abby, empoleirada no pé de uma maca na unidade de reanimação, anotando o histórico cardíaco de um recém-chegado. – Tivemos dois esfaqueamentos e trauma, e os cirurgões estão todos em operação. Não consigo estancar o sangramento deste braço.

– Sem problemas. – James amarrou um avental plástico sobre as roupas de sair no sábado à noite e calçou um par de luvas cirúrgicas de borracha.

Ele assentiu para Lorna, a seu lado, com um movimento de cabeça cortês, em nada sugestivo, que não foi acompanhado da ligeira piscadela que normalmente ele teria dado. E Lorna soube que, enfim, a porta de seu coração se fechara para ela.

– Ellie não pareceu muito surpresa por eu o ter chamado – comentou Abby.

Por apenas um segundo, os olhares de James e Lorna se encontraram; ele, pouco à vontade, e Lorna tentando fingir que uma faca não havia acabado de ser enterrada no seu coração.

– Ellie já está acostumada – afirmou James.

E o assunto morreu.

Lorna baixou o olhar e seguiu anotando o histórico do paciente. James retirou a gaze do sangramento arterial, solicitou que a luz fosse trazida mais para perto e pediu um par de fórceps. Fizeram o possível para dar continuidade à noite.

Mais tarde, Abby esticou a cabeça para dentro da sala de suturas, onde Lorna verificava a pressão sanguínea de um paciente.

– Ele só precisava de pontos.

O local fervilhava. Havia uma pilha de cartões brancos presos à porta da sala, e cada um deles representava uma pessoa aguardando ser suturada.

Lorna tentara dar conta de cada uma delas. E não se importar por James já ter ido embora havia muito. E não pensar na enorme cama dele e em Ellie deitada nela.

Suturara a mão do sr. Devlon, como Abby instruíra. Mas, quando Lavina se preparava para o próximo, o paciente sentiu tontura ao descer da maca da sala de suturas.

– Vou levá-lo até um dos cubículos. Pode descansar um pouco antes de seguir para casa. – Lavinia se ofereceu, só que Lorna não ficou nada satisfeita.

Embora as críticas de Abby a houvessem magoado, de fato, Lorna as aceitara e acelerara um pouco seu passo, tentando não se apegar a pequenos detalhes, o que, Lorna tinha de admitir, costumava ser de seu feitio. Descobrira por que médicos tinham reputação de ter péssima caligrafia ao assinar seu nome no pé de inúmeros relatórios. E esforçara-se para não se demorar no histórico dos pacientes e não fazer um exame completo em

qualquer um que chegasse com uma simples torção do tornozelo.

Só que ia contra sua maneira metódica de ser. Se um médico não estivesse atento a problemas, quem estaria?

O sr. Devlon era um homem durão, um carpinteiro por ofício, que, conforme ele lhe dissera, fora suturado mais vezes do que conseguia recordar. Sendo assim, por que parecia tão pálido, dando a impressão de estar prestes a desmaiar?

– Às vezes acontece após a sutura.

Lavinia o fizera baixar a cabeça e estava lhe dizendo para inspirar fundo. Claro, pacientes costumavam mesmo se sentir tontos ou mal após os pontos, *disso* Lorna sabia. Mas havia algo no sr. Devlon que não parecia certo para ela.

– Coloque-o em um cubículo – disse Lorna. – E ponha uma roupa de centro cirúrgico nele. Vou examiná-lo.

– Abby já o examinou – avisou Lavinia. – É para lhe dar alta após a sutura.

– Acontece que ele está prestes a desmaiar. – Lorna estava tendo dificuldades em se impor, mas era o que a própria Abby lhe dissera para fazer. – Apenas coloque-o em um cubículo, por favor.

Quase pôde sentir o olhar de Abby lhe perfurando a nuca quando seguiu para o cubículo. No entanto, às 3h de sábado, mesmo que ela se importasse, ligava mais para o bem-estar dos pacientes. Recusava-se a praticar medicina de tapar buraco só porque uma plantonista lhe dissera que era o que tinha de fazer.

Lavinia colocou o paciente em uma roupa de centro cirúrgico. E, é claro, ele parecia o próprio retrato da boa saúde, agora, sorrindo e brincando com a enfermeira quando Lorna chegou.

– Como está se sentindo, sr. Devlon?

– Ótimo! – respondeu ele. – Não sei o que aconteceu lá dentro.

– Cortou a sua mão em um estilete?

– Isso mesmo – confirmou ele enquanto Lorna examinava as breves anotações. – Estou instalando um carpete.

– Não houve tontura?

Ela o viu hesitar por um instante, antes de responder:

– Bem, eu me senti um pouco tonto depois – admitiu –, mas houve tanto sangue... – Ele sorriu para Lavinia, que estava parada a seu lado com uma expressão um tanto entediada, mas, com simpatia, ela sorriu de volta para o paciente. – Sujou todo o carpete novo. A patroa não vai ficar nada satisfeita.

– Estou falando de quando se cortou – explicou Lorna. – Houve alguma tontura antes disso?

– Talvez um pouquinho. – O sr. Devlon deu de ombros. – Apenas não me senti muito bem.

– Isso já aconteceu antes?

– Não.

– Nunca?

Ela conversava enquanto o examinava, tentando ser rápida sem apressar as coisas, notando a relutância do sr. Devlon, mas não falando nada.

– Como eu disse para a outra médica, tirando algum ocasional acidente de trabalho, nunca fiquei doente um só dia na minha vida.

– Muito bem.

Lorna lhe auscultara o peito e o examinara neurologicamente, e agora lhe pedia que deitasse na maca para lhe examinar o abdômen.

– Estava se sentindo bem hoje?

– Um pouco esquisito... – Ele fez uma ligeira careta ante o exame de Lorna. – Olha, perdi um pouquinho de sangue. Esta noite, antes de começar a trabalhar no carpete.

Lorna, calmamente, esperou que o sr. Devlon prosseguisse, mas ele não o fez.

Irritado e irrequieto, o paciente sentou-se na maca. Inspirou fundo algumas vezes e seu rosto voltou a adquirir um terrível tom acinzentado.

- Na verdade, preciso ir ao banheiro.
- Será que pode pegar a comadre, por favor, Lavinia?

Lorna tinha quase certeza de que Lavina estava prestes a revirar os olhos, mas sua expressão entediada logo mudou ao olhar para o paciente. O outrora rosado sr. Devlon ficara cinza, suando em bicas e tentava descer da maca para ir ao banheiro quando as duas mulheres enfim começaram a trabalhar juntas.

Lavina pegou a comadre embaixo da maca e falou calmamente com o homem irrequieto e constrangido enquanto Lorna apanhava uma máscara de oxigênio.

– Está tudo bem – disse Lavinia, apertando a campainha para chamar ajuda.

O pobre homem, deitado na maca, suava a ponto de ter um colapso, quando Lorna rapidamente amarrou um torniquete ao redor do seu braço. Contudo, ela podia ver os próprios dedos tremendo, e sabia que não ia conseguir.

– Deixe que eu faço. – Lavinia logo a tirou do caminho e completou o procedimento enquanto Lorna conectava o soro.

– O que temos? – perguntou May, chegando justo quando era mais necessária.

O paciente desfalecera por completo, e estavam agora com ele deitado na maca, a comadre tendo sido retirada, e o encosto da cabeça, baixado, enquanto corriam com ele para a unidade de reanimação.

– Hemorragia maciça – informou Lorna com o rosto impassível, esforçando-se para não olhar para Abby quando ela se juntou a eles na reanimação. – Ele teve uma antes, esta noite mesmo, mas relutou em nos contar.

– Ele não é o paciente do ferimento na mão? – May era capaz de conversar e convocar os cirurgiões ao mesmo tempo. – Pensei que já estivesse a caminho de casa.

SE ABBY tivesse se dado ao trabalho de conhecê-la melhor, teria visto que Lorna não era do tipo de tripudiar. A vitória parecia vã quando o paciente estava doente. Tudo que Lorna queria era orientação em vez de críticas, mas, em vez de as coisas melhorarem, ficaram piores.

Levando em conta o que acontecera com o sr. Devlon, Lorna acabou ficando completamente paranoica com todos os seus pacientes, e ainda mais lenta se é que isso era possível.

Abby, defensiva e desdenhosa, aproveitava toda e qualquer oportunidade para salientar que, quando se trabalhava muito tempo na emergência, sempre haveria pacientes que surpreenderiam. E, quando Lorna mandou chamar o pediatra de sobreaviso para uma consulta sobre uma dor de garganta, Abby, um tanto quanto secamente, lhe disse que nem toda criança tinha meningite, nem toda criança precisava ser internada e de exames de sangue, *por via das dúvidas*.

Ambas as mulheres estavam certas e ambas as mulheres estavam erradas. Era a natureza da medicina, e Lorna vinha tendo dificuldades para aceitar isso.

Muita dificuldade, na verdade.

Entretanto, nada, nem uma noite infernal no trabalho, nem uma chefe que não gostava dela, se comparava a ter perdido James.

A estação de metrô estava quase deserta às 7h30 de domingo.

Lorna, sentada na plataforma, verificou de novo o celular para ver se ele havia ligado. Embora ela não fizesse ideia de por que ele haveria de ter ligado. Não lhe devia satisfações.

E não lhe deu nenhuma.

Nada de luz piscando na secretária eletrônica quando, congelada, chegou em casa.

Tomando uma ducha e vestindo o pijama verde limpo e as meias de James que guardara para si, ela programou o alarme e deitou-se enroscada entre as cobertas.

Procurou convencer-se de que tinha de dormir porque precisaria estar em forma para o plantão daquela noite.

Procurou convencer-se de que era bom que James estivesse tocando adiante a vida, porque, agora, talvez ela conseguisse fazer o mesmo.

Procurou convencer-se de que, assim que aquela maldita operação houvesse ficado para trás, ela se sentiria melhor.

Só que não conseguia parar de chorar.

CAPÍTULO DEZENOVE

SUAS QUATRO noites infernais estavam quase no fim. Tudo o que Lorna queria era ir embora para jamais retornar e estava seriamente considerando fazer isso assim que seu turno acabasse.

Mal se sentara desde as 21h, e o relógio se aproximava das 6h. E, embora tivesse ido dar uma descansada rápida na sala de plantão, encontrara James cochilando lá.

Ele fora chamado três vezes naquela noite, e, claro, havia decidido desistir de voltar para casa. No momento, estava esticado sobre várias cadeiras enfileiradas, totalmente apagado, a boca entreaberta, um dos braços estirado até o chão, o outro curvado sobre a barriga. Usava o pijama cirúrgico azul, e a parte de cima se achava um pouco puxada para cima, deixando à mostra parte da barriga.

Lorna sentou-se com sua caneca de sopa instantânea, tentando se concentrar em um programa matinal de televisão. Aquilo era tão parecido com os sermões de seu pai que ela desviou o olhar... que acabou pousando sobre James.

Fitou-lhe os enormes pés, as coxas grossas, aquela adorável bairna desmazelada e o peitoral que adorava mordiscar.

E os lábios que a beijaram tantas vezes. Jamais quisera tanto despertá-lo com um beijo.

E então fitou aquela parte para a qual vinha evitando olhar, pois uma das vantagens, ou desvantagens, do pijama cirúrgico fino era que dava para se ver que James o vestira para a esquerda.

Pondo fim ao intervalo, Lorna lavou a caneca e voltou para fora. Parou no posto das enfermeiras para tomar um café, e, é claro, Abby teve de passar correndo naquele instante a caminho de atender um paciente na unidade de reanimação.

– Precisa de ajuda? – gritou Lorna, mas Abby apenas virou a cabeça.

– Continue com seu intervalo.

– Chama isto de intervalo? – Lorna revirou os olhos para Lavinia, que riu.

– Ela é uma grande médica – afirmou Lavinia. – Apenas costuma irritar as pessoas.

– Até mesmo você?

– Até mesmo eu.

– Sei que ela é uma grande médica. Sou prova viva disso. Tenho de ficar me lembrando de que Abby salvou minha vida.

– Ela deve ter se arrependido de tê-lo feito.

Foi a primeira vez, a primeiríssima, em que Lorna viu uma chance de se encaixar. Nunca antes pôde rir ou conversar tranquilamente com alguém da panelinha esnobe da equipe de emergência, e tudo o que Lorna sabia era que queria mais.

– Bem – Lavinia engoliu o que estava em sua caneca –, é melhor darmos uma geral neste lugar antes que o turno do dia chegue. Foi um fim de semana infernal!

– Foi mesmo.

– Terrível! – Lavinia assentiu. – Ainda assim, está quase no fim.

Ela bateu na madeira no instante em que falou isso, mas já era tarde demais. O telefone de alerta tocou, e o controle das ambulâncias avisou que havia uma parada cardíaca pediátrica a caminho. A ambulância chegou cantando pneu, e paramédicos entraram correndo no departamento com uma trouxinha azulada desfalecida, e, de súbito, para Lorna, a pressão foi ao máximo.

– Onde está Abby?

– Cuidando do aneurisma – respondeu May, calma, sentindo um aperto no coração quando os paramédicos puseram na maca sua carga quase sem vida.

Lorna manuseava o balão de ar enquanto May massageava o peito do bebê.

– Os pediatras chegarão assim que possível, mas estão retidos na UTI – explicou a enfermeira chefe. – Mandei chamar os pediatras e anestesistas de sobreaviso.

– Vá buscar James. – Apesar da voz carregada de emoção, Lorna falou com toda a clareza.

Na verdade, sua vontade era de que James cruzasse as portas do departamento naquele exato instante.

– Ele acabou de ir para casa.

– Chame-o de volta.

Ela já lidara com a morte. Como clínica geral rural, fazia parte de seu cotidiano, e chegara até a lidar com bebês e crianças. Mas foram tão poucas e em um espaço de tempo tão grande que, ao fitar aquele corpinho branco e mosqueado, Lorna teve de se perguntar o que diabos estava fazendo ali, e por que alguém haveria de *querer* aquele trabalho, quando a morte era uma ocorrência diária.

May fazia a massagem naquele pequenino receptáculo de vida, Lavinia tentava obter acesso intravenoso, e Lorna sabia que tinha de tentar a entubação. Normalmente já estava feito quando o paciente chegava, mas, neste caso, a tentativa fora malsucedida, e decidiram

por usar o balão de ar para conseguir levar o bebê até o hospital. Na ausência de um anestesista, cabia a ela tentar.

Lorna inseriu o laringoscópio e limpou as vias respiratórias até conseguir enxergar a epiglote e as cordas vocais. Procurou manter a calma e, embora as mãos tremessem, passou o tubo, que May firmou no lugar para ela, assumindo o balão de ar. Enquanto isso, Lorna tentava encontrar uma veia no outro bracinho rechonchudo, já que Lavinia tinha dificuldades em fazê-lo.

As mãos tremiam tanto que Lorna teve quase certeza de que erraria o alvo. Contudo, enfiou a agulha, e pôde sentir o suor brotar na testa de puro alívio quando notou o pequenino refluxo de sangue, o que significava que acertara a veia.

– Bom trabalho – elogiou May, mandando Lavinia prender bem o cateter com esparadrapo, para, em seguida, ajudar Lorna com as minúsculas dosagens de remédio necessárias para uma parada cardíaca pediátrica.

Lorna vinha se arranjando muito bem por conta própria. Afinal, já lidara com isto antes e se mantivera atualizada. Também era tão obsessiva que lera e relera o protocolo até ele estar gravado em seu cérebro.

– Há sangue no canal auditivo...

Lorna verificou-lhe os olhos, viu o estrago, e, por um instante, cerrou as pálpebras. Era errado tirar conclusões precipitadas, por isso evitou fazê-lo, examinando-o com atenção e desenhando no pequeno diagrama. Notou o inchaço na coxa e o encurtamento da perninha, que parecia estar fraturada.

Tinha parentes soluçando na sala de espera, um bebê vítima de abusos que se encontrava moribundo, e tudo o que queria fazer era segurá-lo e abraçá-lo, só que não podia.

– Ligue para o pessoal do raio X.

Já estavam lá, assim como, graças a Deus, os pediatras, com James chegando logo atrás deles.

Foram dadas ao bebê todas as chances possíveis e impossíveis, mas todos sabiam que ele não iria sobreviver.

Os peritos chegaram cerca de 15 minutos antes de a breve vidinha ser oficialmente dada como encerrada. A polícia já falava com os pais, e tudo o que Lorna pôde fazer foi observar quando James foi dar a notícia.

– Quer vir comigo?

Era uma pergunta idiota. Não havia pessoa na face da terra que iria querer estar lá, mas ela sabia o que ele queria dizer: que se esse era o trabalho dela, aquele era o tipo de conversa que precisaria se acostumar a ter.

A coisa certa a fazer seria dizer *sim*, engolir as lágrimas que ameaçavam engasgá-la, observar e aprender com um colega muito mais experiente a lidar com pais, policiais e inúmeros interesses conflitantes antes de ter de fazer isso por conta própria... Só que não conseguia.

– Eu prefiro não ir.

– Lorna. – A voz de James foi firme. – Eu me encarrego de falar. Você deveria observar.

– Prefiro não fazê-lo – repetiu ela.

Ela era uma coisinha muito esquisita, James pensou, decidindo deixar para lá. Como um graveto que poderia se partir ou quebrar, só que este se curvava. De acordo com May, Lorna fizera um trabalho extraordinário, e isso era o que mais importava. Talvez fosse mesmo melhor não arriscar forçá-la até seu limite, insistindo que lidasse com a família.

– Vou aprontá-lo para os pais.

May, a adorável May, estava toda prática, mas chorando discretamente ao embrulhá-lo no lençol e tomá-lo nos braços,

todos os tubos no lugar, pois este era um caso para o médico-legista.

– Eles poderão segurá-lo? – perguntou Lorna, acariciando a face pálida, assombrada com a velocidade com que a vida terminava. – Quero dizer...

– Os tribunais decidirão quem é o responsável. – May abraçou com força o menininho. – Não nós. Trate-os com dignidade e respeito, mesmo que isso a consuma por dentro.

– E consome você por dentro? – perguntou Lorna, de algum modo satisfeita por ter visto May chorar.

Não que houvesse muitas evidências disso agora. May enxugara as faces com um pano e aguardava que James lhe fizesse sinal para trazer o bebê para a família. Lorna ficou aliviada por não ter sido a única a ficar totalmente arrasada com o que acabara de acontecer.

– Quero dizer, você acaba se acostumando?

– Nunca – afirmou May. – Se eu me acostumassem, iria embora. Sim, bebês morriam, e sim, não era uma ocorrência rara em um departamento de emergência movimentado, mas ainda foi uma equipe calada que recebeu o turno do dia.

A polícia e a família ainda estavam lá, o bebê também, e todo o mundo tratou todo o mundo com um pouco mais de gentileza naquela manhã. Na realidade, ninguém se queixou por ela levar uma eternidade em suas anotações.

Lorna sentou-se com uma enorme caneca de chá e anotou tudo o que fizera. Até conseguiu esboçar um sorriso ante uma piadinha de um dos porteiros, contudo, seu rosto estava tão pálido, a maquiagem sutil agora parecia ter sido feita às pressas, duas riscas amareladas desciam pela lateral do rosto. Suas mãos tremiam quando entregou o relatório para o pediatra, e, apesar das aparências, James sabia que ela vinha tendo dificuldades para manter o controle. Ele não suportava a ideia de Lorna voltando sozinha para casa para lidar

com tudo isso, em vez de desabafar um pouco ali, entre a equipe, que poderia lhe oferecer algum apoio.

Quando ela vestiu o casaco e o estado de sobreaviso dele oficialmente chegou ao fim, em vez de ficar ali arrumando o lugar, James caminhou pelo departamento com Lorna. Não podia permitir que ela voltasse de metrô para casa, sozinha.

E não só porque ela era sua ex-esposa; ou talvez fosse, mas tinha de tentar falar com ela.

– Não vá para casa ainda.

– Estou cansada. – Lorna marchava para fora do departamento, recusando-se a desacelerar.

– Você nem sequer chorou – falou James. – Você chora por tudo.

– Se eu começar, não sei se vou conseguir parar.

– Conseguirá, sim – garantiu James. – Precisa superar isso, Lorna.

– Por quê? Por acaso vai trazê-lo de volta? – Ela estava quase correndo agora, mas ele a segurou pelo braço e a fez parar.

Ficaram postados no corredor do lado de fora da emergência, que, às 9h, estava tumultuado, e não era nem a hora e nem o lugar para isso. Foi o que Lorna lhe disse quando James a puxou para um pequeno anexo ao lado da recepção.

– Não me surpreende que estejam tendo dificuldades para manter os médicos. Meu turno acabou há mais de uma hora.

– Fale comigo, Lorna.

– Não, porque estou cansada e só quero ir para a cama. Não preciso de uma sessão de exploração dos sentimentos para me dizer que o que estou sentindo é normal ou para me dar permissão para ficar zangada.

– Não, não precisa. – James a soltou, pois *estava* ultrapassando os limites. Mas era muito difícil ser apenas um colega com ela por perto, e não suportava a ideia de deixá-la ir para casa chorar sozinha.

– Mas você precisa. . .

– Preciso ir para casa, James. Para longe deste lugar. Estou farta de me fazerem sentir uma inútil. Estou farta de escutar que sou lenta demais ou cautelosa demais.

– Você está se saindo bem.

– Ah, faça-me o favor! – zombou Lorna. – Sem dúvida serei repreendida agora por mandar chamá-lo sem pedir permissão para Abby.

– Abby falou comigo antes, e disse que você realmente aprendeu. Ela me contou da úlcera perfurante e de como você a notou quando ela deixou passar.

– Abby contou para você?

– Sim. E você sabe que fez um bom trabalho com o bebê.

– Não foi o suficiente.

– Lorna, ninguém poderia tê-lo salvado. Será que não se dá conta do bom trabalho que fez lá dentro? Você o entubou, obteve o acesso intravenoso. Você, com as suas mãos trêmulas, conseguiu colocar o cateter em um bebê desfalecido.

– Como? – perguntou ela a parte que realmente não conseguia entender, a parte que mais a apavorava, a parte que tinha certeza de que jamais conseguiria fazer: – Como pode falar com eles, ser cortês com eles, quando sabe que...

– Nós não sabemos, Lorna.

– Como assim?!

Ela não devia tirar conclusões apressadas, tivera todo o cuidado para não fazê-lo ao examinar o paciente, mas agora, após ter lido o histórico médico do menininho, ambos no fundo sabiam a verdade.

– Como pôde sentar ali com eles, e ser cortês, sabendo o que aconteceu, James?

– Porque, para mim, é mais fácil. Porque, como você com seu choro, se eu começasse a dizer todas as coisas que realmente tenho vontade, não seria capaz de parar.

Ele sempre gostara de crianças. Brincara, no início do casamento dos dois, que queria pelo menos cinco filhos, e James teria sido um pai brilhante. Era difícil acreditar que, após dez anos, ainda não tivera nenhum, e que tudo estivesse acabado entre eles, exceto por uma coisa, exceto pela única coisa que jamais haviam sido capazes de discutir.

E talvez fosse porque enfim estava tudo acabado, ou porque estivesse exausta, esgotada, e chorando por dentro pelo desperdício da vida de um menininho que, pela primeira vez, Lorna disse:

– Teríamos sido pais tão bons...

Embora ele não estivesse insistindo para que ela conversasse agora, embora Lorna pudesse ter ido embora, optou por ficar. As comportas se abriram, e, por mais inútil que fosse, afinal a vida era assim mesmo, afirmou:

– Não é justo, James!

CAPÍTULO VINTE

PAULINE PASSAVA o aspirador quando James abriu a porta, mas seu sorriso alegre desapareceu no instante em que avistou Lorna, pálida e trêmula atrás dele.

– James, estou com uma tremenda enxaqueca – disse. – Vou ter que ir para casa.

– Tudo bem, Pauline.

– Já liguei a máquina de lavar pratos.

– Certo – falou James, aliviado por ela estar indo embora.

Essa conversa, dez anos atrasada, não precisava de plateia.

– Não é justo – repetiu Lorna, sentando-se no sofá. – Por que nosso bebê não pôde sobreviver?

– Porque não pôde. – James se sentou ao lado dela, tomando-lhe as mãos geladas. – Porque não sobreviveu...

– Sei que já faz uma eternidade, sei que eu já deveria ter superado. E superei. – Ela ergueu o rosto, tentando explicar. – É só que... Ver aquele bebê...

– Nós todos sentimos. E não é justo, pois teríamos amado tanto o nosso.

E as lágrimas começaram, mas eram lágrimas diferentes das suas costumeiras. Suas lágrimas costumeiras eram silenciosas e constantes, um rio pequenino que fluía com facilidade. Essas, porém, eram como uma represa se rompendo, um dilúvio que fez até mesmo James se perguntar se ela algum dia iria parar.

James a abraçou enquanto ela chorava, não apenas pelo pequenino bebê daquela manhã, mas pelo próprio bebê, pelo bebê que jamais puderam segurar.

– Eu nem soube o que era. Não perguntei. Eu nem perguntei.

Lorna estava curvada para a frente na cadeira, e ele lhe segurava os ombros. Vinha fazendo isso pela última hora.

– Uma menina – James revelou, pois, após dez anos, enfim podiam falar a respeito disso. – Foi uma menininha que perdemos.

E foi bom poderem chorar juntos; horrível e triste, mas bom. Foi bom abraçarem um ao outro e prantearem a menininha que, naquele momento, deveria estar indo para a escola, que teria sido tão amada se ao menos houvesse sobrevivido.

E foi ótimo, James pensou, ser capaz de dizê-lo, de deixar Lorna saber que realmente se importava, que também o fizera sangrar, só que por dentro.

E, mesmo que achassem que Lorna jamais pararia de chorar, é claro que parou. Na realidade, parou antes que a máquina de lavar pratos chegasse ao final de seu ciclo.

Lorna permitiu que James continuasse a abraçá-la e ficou escutando os sons da casa vazia, o gorgolejo da máquina de lavar louça sendo esvaziada. Em vez de pensar, Lorna preferiu apenas *ser* por um instante, até James falar:

– Amo você, Lorna.

Ela ficou paralisada em seus braços, desejando que ele não dissesse isso.

– Sempre amei e sempre amarei.

– Você disse que não amava.

– Não. – Dessa vez James diria tudo que tentou e não conseguiu anos atrás. – Em uma briga eu falei que me sentia aprisionado. E é verdade. Afinal, eu tinha 25 anos, mal havíamos começado a namorar e seus pais insistiram que nos casássemos. Eu me senti aprisionado porque perdemos o bebê e você passou a me odiar.

– Não.

– Sim. Você apenas ficava deitada no sofá, olhando para mim como se me odiasse.

– Não.

– Sim! – insistiu James, porque era fato. – E depois nós brigamos e você arrancou de mim que eu não a amava no dia de nosso casamento. Droga, Lorna, eu não a conhecia no dia de nosso casamento – admitiu, pois decidira usar de toda a sinceridade agora –, e não sabia como amá-la depois que perdemos o bebê. Vou lhe dizer quando eu soube que a amava. No instante em que você saiu porta afora, no segundo em que a perdi, eu me dei conta do quanto a adorava. Só que você não quis me escutar. Voltou para seus pais e permitiu que eles continuassem com sua lavagem cerebral.

– Não.

– Sim – repetiu James, desta vez inflexível.

– Não. – Lorna voltou a dizer. – Voltei para a Escócia e enfrentei meu pai. Disse para ele que eu não era uma meretriz só porque fiz sexo antes do casamento, que você era um bom homem e que divórcio não era pecado... Apenas não deu certo.

– Você disse isso?

– Disse.

E ele a abraçou com força, sabendo como devia ter sido difícil.

– E acreditando em cada palavra, James. Não nos falamos por vários anos após isso. Mas, James... – Ah, isto era difícil, tão difícil.

– Eu o amava tanto, eu o amei desde o primeiro dia da faculdade de medicina e estava de olho em você naquela noite.

– Lorna...

– Não, escute. Naquela noite, eu me vesti para você, coloquei maquiagem e perfume e estava determinada a conseguir que você me notasse.

– Lorna! – interrompeu ela dando um basta ao terrível legado que o pai deixara para ela. – Isso se chama flertar. É o que as pessoas fazem quando gostam umas das outras. Você não é uma espécie de bruxa que lançou um feitiço em mim naquela ocasião. Eu também era louco por você.

– Eu não esperava que fosse ser tão... – Ela virou o rosto para cima, tentando explicar. – Não achei que seria tão intenso, que iríamos querer tanto um ao outro!

E, apesar da explicação confusa, James realmente entendeu. Pois não haviam apenas flertado naquela noite, mas se conectado, e de uma maneira que James passara os últimos dez anos tentando recapturar. Eles adentraram um mundo onde falavam uma nova língua, decifraram o código, descobriram novas cores. Sua virgem de 22 anos destrancara a porta e libertara um tigre, e culpava a si mesma por isso.

– Fui determinada a fisgá-lo naquela noite, e foi o que fiz, e fiquei com o prêmio... Você se casou comigo pelo bebê, só que subitamente não havia um. Você só se casou comigo por causa do bebê, James.

– Sim – admitiu ele. – Mas também acredito que, de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde teríamos chegado lá.

Foi então que James sentiu a mudança nela, quase pôde ver a névoa se dissipando quando Lorna olhou para o passado e colocou de lado toda a mágoa e a dor que os levara a isso.

– Nunca fui mais feliz do que com você, Lorna. – E, agora, dez anos mais tarde, enfim podia dizê-lo. – E lamento que não pudemos

falar sobre o bebê na época, mas estamos falando agora, e *haverá* outros.

Era a pior coisa para se dizer para uma mulher que perdera um filho, mas dez anos tinham se passado. Com certeza Lorna não tinha problemas agora, contudo, vendo o rosto dela contorcido de dor, James arrependeu-se de ter falado qualquer coisa.

– Você tem 33 anos.

– Não haverá outros. – Ela deixou escapar. Se estivera triste antes, não se comparava a isso. – Meu pai afirmou que meus pecados me alcançariam, e não acreditei nele. Sei que não fiz nada errado. Sou uma médica, pelo amor de Deus. Mas naquele ano, naquele ano horrível, cada vez que retornei aos médicos, senti como se meus pecados estivessem pesando na balança. Coalescências de meu apêndice, endometriose... Estou uma bagunça por dentro, James. Não haverá mais bebês.

– Você não sabe disso.

– Eu sei! – Lorna soluçou. – Porque não consigo mais conviver com a dor, e, em quatro semanas, vou me submeter a uma histerectomia.

E não era mais segredo. Lorna contara tudo, e James ainda a estava abraçando.

Ele queria jamais parar de abraçá-la... Ali, naquela sala de estar, sua cabeça ameaçava implodir. Havia uma dose de arrependimento, de raiva pelos anos e os futuros desperdiçados, pelo estrago que havia sido feito, não só nessa manhã, com o bebê que lutaram para salvar, mas também com a mulher que ele segurava nos braços agora.

James sabia que Lorna estava esgotada, que necessitaria de tempo para pensar antes de meter os pés pelas mãos e falar a coisa errada. Sendo assim, ficou de pé e disse a única coisa que sabia que ela queria escutar:

– Cama.

James lhe deu o seu beijo de *homem bom*, um beijo na testa que lhe dizia que ele sabia que ela estava cansada, esgotada, completamente exausta. Levou-a até o andar de cima, desabotoou-lhe o casaco, assim como o próprio, retirou-lhe as roupas e as suas também. Afastou a colcha e a puxou para si, abraçando-a, não dizendo uma só palavra.

De repente, ela se deu conta. Foi a mesma maneira como ele a abraçou na noite após o pai dela gritar com eles, e lhe dizer que ela era uma ordinária e uma meretriz. A mesma maneira como ele a abraçara na noite em que voltaram do hospital, após terem perdido o bebê.

Sua menininha.

Lorna também pensava nela.

– Ela é o L no seu chaveiro?

– Ela mesma – respondeu James.

– Lily...

Não restavam lágrimas, apenas alívio por ser capaz de, por fim, poder sentir a perda da menininha, além da tristeza paralisante pelo bebê que também morrera nesse dia. E, então, havia James, sua mão pousada sobre sua barriga, como se a amasse, mesmo com todas as coalescências, endometriose e tuba uterina faltando.

Como se, de algum modo, ele ainda a amasse.

CAPÍTULO VINTE E UM

LORNA NÃO fazia ideia de que horas eram quando acordou. Por algum tempo, permaneceu deitada ali, o corpo dele envolvendo o seu, sem tentar se situar, suspensa no momento e tentando lembrar.

O turno da noite infernal.

Ela contando a verdade para James.

E acordando nos braços dele.

Ah, James era por demais cavalheiro para fugir diante do infortúnio. Deitada ali, ela quase se preparou para uma conversa de que ele gostava dela, e que sempre gostaria, mas já fazia dez anos... Contudo, sua palma quente pressionava com mais força o seu seio, e sua boca, atrás do ombro. E por um instante Lorna perguntou-se se realmente havia lhe contado, pois parecia que nada mudara, como se, mesmo com a verdade, ele ainda a quisesse.

E então, Lorna parou de pensar, virou-se na escuridão e ficou de frente para ele, beijando-o nos lábios e fundindo a pele à dele. Não importava se era manhã, tarde ou noite, pois o tempo adquiria um significado diferente quando estava nos braços dele.

James meio que a virou de barriga para cima, e ainda a beijava. Às vezes era capaz de ser prático em seu modo de fazer amor, mas de uma maneira deliciosa que a levava à loucura. Como se seu corpo estivesse recoberto por marcas de braille e ele as lesse, apoiando o peso nos cotovelos, afastando-lhe as pernas com os joelhos. E quem precisava de preliminares? Pois quando ele a penetrou, ela já estava pronta para ele, pronta para que James fizesse o que quisesse a seu tempo.

Ele não disse uma só palavra, e Lorna também não. Deliciaram-se com os corpos um do outro, e quem quer que tivesse afirmado que a posição papai e mamãe era monótona, não conhecia James.

Não havia pressa, apenas uma deliciosa e longa jornada, na qual ela ia à loucura enquanto ele invadia seu corpo, aceitando as sensações oferecidas por James, o deslizar de sua pele por sobre a dela, o gosto de seu peito, as mãos que passavam sem pressa pelo torso dele, antes de se apoderar de suas nádegas, puxando-o mais para dentro.

Lorna adorava escutar a respiração ofegante de James em seu ouvido, adorava sentir seu peso sobre si. Contudo, ele estava sendo gentil, preocupando-se com o peito dela, quando não precisava mais fazê-lo. Ou talvez precisasse, pois doía um pouquinho. Mas ele logo solucionou tal problema, passando os braços por baixo dela, de modo que Lorna agora tinha o contato sem o peso, e era tão gostoso que teve vontade de ficar ali para sempre.

Lamentou não conseguir parar de gemer, pois não queria sinalizar seu apogeu. Lamentou não conseguir fazer as mãos pararem de se fincar nele e as pernas pararem de apertá-lo de encontro a si, pois queria que ele jamais parasse.

E ele não parou. Mesmo ao chegar ao clímax, James continuou arremetendo, e foi delicioso, como se empanturrar de sorvete de

chocolate e encontrar a geladeira ainda cheia. Ele ainda estava lá, ainda arremetendo para dentro dela, e, se o controle de James era digno de admiração, Lorna não possuía nenhum.

E, para a filha de um pastor, seu vocabulário era no mínimo chocante. Teria de ter uma ligeira conversa consigo mesma mais tarde.

James não pareceu se importar; na realidade, *obviamente* não se importou, pois quando ela chegou de novo ao clímax, ele esqueceu-se de ser gentil e a abraçou com força, sempre arremetendo para dentro dela, abafando suas palavras com o peito, e a possuiu. Simplesmente porque podia.

– VOCÊ QUER filhos – falou Lorna para a escuridão.

Após fazerem amor no quarto escuro de James, estavam os dois deitados ali, agarrados e saciados. E, quando surgiu o assunto, foi bom saber que, agora, eram suficientemente maduros para serem capazes de conversar a respeito.

– Quero muitas coisas – disse James –, mas quero você mais.

– Poderíamos adotar.

– Sem dúvida – concordou James.

– Estou preocupada. – Ela respirou fundo, expirou, e experimentou voar suas novas asas da sinceridade. – Tenho medo de ficar deprimida outra vez após a operação e fazer você passar por tudo de novo.

– Não vai – afirmou James –, porque vou arrancar tais pensamentos sombrios de sua cabeça e, desta vez, você conversará comigo. Se for necessário, irá ver algum profissional. Lorna, se você soubesse o inferno que foram esses últimos anos. Venho tentando encontrá-la, encontrar uma mulher que me fizesse rir, que combinasse...

– James...

– Nós combinamos. Ou combinávamos antes de você me dar as costas.

– Combinávamos – concordou Lorna, em seguida tocando em um assunto que a enchia de culpa: – E quanto a Ellie? O que vai dizer a ela?

O corpo dele foi tomado de receio, pois Ellie não lhe passara pela cabeça até então. Que ele a houvesse magoado uma vez por causa de Lorna já era terrível, mas magoá-la duas vezes era impensável.

– Dizer a ela?

James pôde senti-la encolher-se e, em seguida, lembrou-se daquele olhar na unidade de reanimação, onde ela entendera tudo errado e ele escolhera, por mais difícil que tivesse sido fazê-lo, não esclarecer a confusão... Só que podia esclarecê-la agora.

Podia, pois, enfim, estavam sendo sinceros.

– Ellie perguntou se poderíamos sair para jantar, que havia algo que queria me dizer. Sendo assim, eu fui. Devia isso a ela.

– Devia mesmo – admitiu Lorna. – E o que ela disse?

– Muita coisa! – Na escuridão, James revirou os olhos. – Que eu nunca gostei de verdade dela, que nunca a levei aos eventos do trabalho, que estávamos saindo fazia um ano e eu jamais sugerira morarmos juntos, que eu era ligado demais no trabalho. Na verdade, ela me disse poucas e boas. Depois, me falou que merecia coisa melhor, com o que eu concordei. Foi quando Abby ligou me chamando para ir até o hospital, o que Ellie disse que só fazia provar seu ponto. Então, ela pegou o celular, esbravejou contra Abby, deixou o restaurante marchando, e eu paguei o jantar.

– Ah.

– A propósito, também sou ruim de cama – acrescentou James, taciturno. – Não foi lá a melhor das noites, mas suponho que tinha de ser feito.

– Ela ficará bem.

– Sei que sim, porque tinha razão. Ellie merecia coisa melhor. Agora... – Ele virou-se de lado, para fitá-la. – Quanto a você, irá falar com Henry Lowther. Ele é o melhor ginecologista...

– Já obtive segundas, terceiras e quartas opiniões.

– Ótimo, mas Henry é o melhor. Fará um trabalho maravilhoso; e quem sabe também não resolverá o problema das coalescências? É por isso que você toma tantos analgésicos? – James beijou-lhe a testa quando ela assentiu. – Bem, em breve não terá mais de fazer isso. Não deveria ter de viver com dor.

Ele estava sendo tão gentil, aceitando tudo com tanta facilidade que, no fim das contas, ainda restavam algumas lágrimas.

– Tem estado melhor – admitiu Lorna. – Muito melhor, na verdade. Como ir ao dentista para subitamente se dar conta de que sua dor de dente desapareceu.

– Vá ver Henry.

– Mas ele atende no mesmo hospital.

Lorna encolheu-se, mas James apenas riu.

– Estou certo de que ele já viu de tudo!

E JÁ vira mesmo.

Henry Lowther folheou o histórico médico de Lorna, que, desde apenas o acidente de carro, era da grossura de uma lista telefônica, examinou todas as suas chapas, todos os seus laudos e prescrições e, em seguida, examinou a própria Lorna.

– Hummm. – Ele era um daqueles médicos excêntricos da velha guarda que usavam gravata-borboleta. – Quero dar uma olhada antes de proceder com a histerectomia.

Isso a fez gemer; afinal, tantos médicos deram tantas olhadas.

– Você ainda parece estar um pouco anêmica. Vou receitar alguns exames de sangue, mas gostaria que ingerisse mais ferro, e minha secretária providenciará um ultrassom. Depois, quero que

façamos uma laparoscopia rápida, para eu dar uma olhada antes de decidirmos como proceder.

E Lorna estava prestes a dizer *não*, a ir com o médico que já a estava tratando, porque passara por isso tantas vezes... mas ele era muito meticoloso e tranquilizador, e era seu único útero. Desse modo, ao arregçar a manga e sentir a agulha entrar, Lorna se deu conta de que apenas para que James visse que ela fizera de tudo valia a pena mais um pouco de desconforto.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

— PRONTO, PRONTO, querida – May disse para Rita, que estava de volta com uma mancha no mamilo.

A emergência realmente não era o tipo de lugar para um procedimento de rotina como aquele, Lorna sabia disso, e Abby não perdera tempo em salientá-lo. Mas permitiu que Lorna cuidasse da situação, e para Lorna foi bom ver Rita cuidando de si mesma.

Rita especificamente pedira a médica escocesa, nem sequer acrescentara o “bacana”, como costumava ser o caso. E não era apenas por causa da mancha no mamilo que estava ali. Como Lorna fizera as perguntas certas, outros problemas que ela já esperava apareceram.

Naquele momento, Rita se encontrava sentada, enrolada na coberta.

- Vou pedir a um ginecologista que desça para falar com você.
- Lorna a encarou. – Há vários tratamentos diferentes que...
- O médico é homem ou mulher?
- A equipe de Lowther – informou May, porque sempre sabia desse tipo de coisa sem verificar.

– Ele tem uma plantonista na equipe. – Lorna sorriu. – Vou chamá-la e perguntar se pode descer.

– Será que não posso simplesmente agendar uma consulta? – Rita sugeriu.

Mas Lorna não queria vê-la passando pela porta para nunca mais voltar.

– Deixe-me dar uma palavrinha com ela.

May seguia para a cantina para almoçar quando Lorna escreveu suas anotações.

– Posso lhe trazer alguma coisa?

– Rosbife, espinafre e um enroladinho de rabanete com uma garrafa de suco de laranja, por favor.

– Boa garota! – May deu risada, pegando o dinheiro e atendendo ao telefone que tocando, por um instante usando sua voz oficial. – É Lowther...

– Eu ainda nem o chamei. – Lorna franziu a testa. – De qualquer modo, é a plantonista dele que eu quero.

Sua voz falhou ao atender ao telefone. As lágrimas arderam-lhe nos olhos quando escutou a voz calma e prática do médico. Sua mão tremia demais para devolver o telefone ao lugar, assim, May o fez por ela.

– Ele quer me ver.

– Tudo bem.

– Não. Eu fiz alguns exames.

– E, sem dúvida, seu nível de ferro deve estar no pé. Eu poderia ter lhe dito isso só de olhar para você.

– Um chefe de departamento não ligaria apenas por conta disso. – Lorna estava apavorada com o que ele poderia ter descoberto; jamais sentira tanto medo.

– Você é médica – salientou May calmamente. – Ele deve achar que está lhe fazendo uma cortesia, não apavorando-a. Agora... –

sempre calma e prática, ela tomou a frente das coisas – ...ligue para a plantonista e peça-lhe que venha ver Rita. Depois, eu a acompanharei até o consultório de Lowther.

Lorna ficou feliz por James não estar trabalhando. Queria lidar com o que quer que fosse primeiro ela mesma, em vez de preocupá-lo.

Mas as nuvens nas quais vinha caminhando nos últimos dias se dissiparam. Suas pernas pareciam feitas de chumbo ao caminhar pelos compridos corredores ao lado de May, que conversava, animada, tentando mantê-la distraída, embora nada fosse capaz de conseguir isso.

– Vamos poder ficar com você? – perguntou May, ao se sentarem na sala de espera, aguardando para entrar. – Você realmente pegou o ritmo nas últimas semanas.

– Não tenho certeza...

Distraída, mal escutando direito, o cérebro de Lorna esforçava-se para encontrar uma resposta. James sugerira que ela continuasse, mas ambos queriam conversar direito sobre a dinâmica de trabalhar e morar juntos.

Morar juntos. Lorna ficou zonha só de lembrar a alegria para a qual acordara naquela manhã, e não queria estragá-la, não queria que Henry Lowther destroçasse aquele frágil sonho novo de terem se reencontrado.

Estava segurando o chaveiro; na verdade, segurava o L de prata que James comprara para ela. Jamais se sentira mais sozinha. Tinha de falar com May.

– Em breve, vou fazer uma histerectomia. – Seus olhos apavorados se voltaram para May, que apenas lhe ofereceu um suave sorriso triste que foi de grande ajuda. – Tenho tantos problemas médicos. Estou com tanto medo, May. Talvez deva mesmo ligar para James...

Lorna cerrou a boca com força, pois havia decidido não espalhar a notícia. Mas sabia que ele a perdoaria, compreendendo que ela não deixara a novidade escapulir em meio a seu intervalo para o cafezinho.

– Nós meio que estamos juntos de novo.

– Conte-me algo que eu não saiba! – May sorriu largo. – Agora, primeiro escute o que Lowther tem a dizer antes de ir se preocupando com algo de que não faz a menor ideia. Ele é um médico maravilhoso. Já fiz alguns acompanhamentos com ele e não há homem mais meticoloso. Quer que eu entre com você?

Intensamente reservada, Lorna balançou a cabeça. No entanto, quando May apertou-lhe a mão, assim que a secretária a mandou entrar, Lorna mudou de ideia.

– Por favor.

Foi a caminhada mais longa de sua vida.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— GOSTO DE ser meticuloso – Henry disse quando ambas se sentaram.

May se portava com reverência diante do grande médico.

– Após examiná-la, Lorna, tive minhas suspeitas, e tomei a precaução de fazer um beta HGC... um teste de gravidez – explicou ele, ante a expressão confusa dela. – E os níveis hormonais estavam altos.

– Não pode ser.

– Compreendo que isto seja um choque. – Henry Lowther meneou a cabeça. – E também compreendo que, com seu histórico, talvez seja melhor não ficar muito empolgada. Assim, quero submetê-la a um breve ultrassom antes de continuarmos.

Ele apontou para a mesa de tratamento. A princípio, Lorna apenas ficou ali parada. Em seguida sentiu-se grata por May ter vindo com ela, pois jamais teria chegado à mesa por conta própria.

May a conduziu até lá e puxou o biombo, conversando enquanto a ajudava com o zíper da saia, e depois lhe dobrando as roupas. Ela falou de saias de lã e do revestimento confortável da roupa dela, até o médico aparecer, quando então segurou a mão de Lorna.

– Boa garota! – falou ela. – Apenas um pouco de gel gelado em sua barriga.

Lorna não queria olhar e não ousava ter esperanças. Pôde escutar o som rápido das batidas do pequenino coração que provavam que Lowther não estava fazendo alguma brincadeira de mau gosto com ela; embora, é claro, soubesse que não era esse o caso. Mas batimento cardíaco não significaria nada se não estivesse no lugar certo.

Agora, o médico movia a sonda para sua esquerda. Lorna sabia que ela estava sobre sua tuba uterina remanescente. Decerto, Deus não seria cruel a ponto de fazer isso com ela de novo.

– Apenas verificando se não há outro em nenhum lugar...

– Meticuloso! – sussurrou May para Lorna quando seus olhos se arregalaram de alarme.

Meticuloso é bom, Lorna decidiu, gostava de meticuloso, ainda mais quando ele disse as palavras que ela queria escutar:

– Apenas um... Bem firme no alto do útero.

– Estou grávida.

– Parabéns.

Foi a melhor palavra do mundo, e o médico a repetiu. E May também a disse.

– Estou usando pílula – argumentou Lorna, pois não podia estar grávida, porque, mesmo com a foto que ele estava imprimindo, ela não se permitia acreditar.

Henry sorriu.

– Bem, doutora, pílulas podem ser afetadas por antibióticos, e você tomou uma boa dose...

– Bom Deus... – May sorriu. – Tomou sim. Eu mesma os administrei.

– Você ainda é fértil, Lorna – disse Henry. – Sim, com apenas uma tuba uterina, as chances são reduzidas à metade, e, sim, com as

coalescências e a endometriose podia ficar difícil. Porém, o ovário está funcionando muito bem, e a sua trompa esquerda deve estar desobstruída. Disse que vem se sentindo melhor recentemente?

Lorna começava a aceitar.

– Ela está comendo como um cavalo. – May sorriu quando Henry voltou para sua mesa. – Eu sabia que Lorna estava grávida, há vários dias que sabia.

– Sabia nada – zombou Lorna.

– Sabia sim! – insistiu May. – Eu ignorava seus problemas passados. E você tem estado radiante nos últimos tempos.

– Isso era o sexo! – sussurrou Lorna, e as duas mulheres quase foram ao chão de tanto rir.

Havia uma maravilhosa euforia, uma espécie de leveza, uma liberdade pela qual Lorna fazia muito ansiara, e, agora, queria compartilhá-la com James.

– Vá para casa – disse May, após Lorna ter agradecido, agradecido e agradecido a Henry Lowther, e marcado a sua primeira consulta pré-natal.

Consulta pré-natal.

Lorna teve vontade de beijar o rosto entediado da recepcionista quando ela lhe entregou o cartão de marcação.

– Ainda estou de plantão até as 17h.

– Vá para casa! – repetiu May, e Lorna assentiu, com um frio na barriga, mas o dever falou mais alto.

– Só vou dar uma palavrinha rápida com Rita e depois irei...

Contar para James.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Coloque champanhe no gelo!!!

Pauline franziu a testa ao ler a mensagem de texto de May.

Estou trabalhando, respondeu.

Eu sei, apenas obedeça. Beijo!

Pauline fez o que foi mandado e ficou arrumando a sala de estar, assistindo a seu programa de autoajuda, enquanto James trabalhava no jardim. A primavera logo chegaria, e ele vinha fazendo a limpeza do pequeno pátio, o que significava que Pauline poderia se sentar e assistir ao final de seu programa favorito.

Não teve a intenção de adormecer. Acordou sobressaltada quando Lorna entrou e desculpou-se profusamente.

– Não tem problema. – Lorna sorria largo. – Por que não encerra por hoje, Pauline?

Quando Pauline abriu a boca para protestar, Lorna ainda sorria.

– Depois compensaremos as horas. Sei que você faz muita hora extra. Onde está James?

– Lá fora no jardim – informou Pauline, vestindo o casaco e abrindo a porta da frente enquanto Lorna se despedia e seguia para os fundos.

E Pauline teria ido embora, mas, como deixou os óculos sobre a mesa da sala de estar, retornou para buscá-los. E ficou parada, observando Lorna caminhar até James. Pauline o viu ao mesmo tempo sorrir e franzir a testa ante a inesperada chegada de Lorna, e interromper o que fazia. Pauline sentiu-se tentada, muito tentada a ficar ali observando-os por mais algum tempo. Porém, não era de sua conta. Assim, deixou-os e seguiu em silêncio para a rua.

No momento em que chegou lá fora, pegou o celular e ligou para May.

– Ei!

Lorna pôde escutar a pergunta no tom de voz dele quando James aproximou-se.

– O que está fazendo em casa?

– Não aguentava mais ficar no hospital. – Ela teria continuado com a encenação por mais algum tempo, só que não conseguia conter o sorriso. – Henry Lowther pediu que eu fosse vê-lo.

– E você está sorrindo? – Agora, ele também estava. – Ele acha que não vai precisar da operação, no final das contas?

– Provavelmente ainda vou precisar, mas não por algum tempo. Na realidade, não por alguns meses.

– E você aceitou isso numa boa? – James verificou. – Você disse que a dor...

– Já faz algumas semanas que não sinto muita dor – revelou Lorna. – Mesmo quando parei de usar os remédios, após o acidente.

Achou que ele fosse entender, antes mesmo que lhe contasse, mas parecera um sonho tão impossível, algo tão fora do alcance dela, que Lorna compreendeu que os pensamentos de James não houvessem seguido para esse lado.

Significava que teria de contar para ele. E as palavras simplesmente saíram, voaram de sua boca, pois tinha de compartilhar a notícia naquele mesmo instante, pois James merecia cada segundo dessa maravilhosa alegria da novidade que também lhe pertencia.

– Estou grávida. – Lorna jamais achou que fosse dizer isso outra vez, ainda mais para ele. – Fiz um ultrassom, e a posição é boa.

E James havia aceitado tão completamente que eram palavras que jamais escutaria, ainda mais vindas de Lorna, que levou algum tempo para assimilá-las.

Calado, havia lidado com a tristeza de jamais vir a ter filhos, porque, embora nunca fosse contar para Lorna, *houve* uma sensação de perda quando descobriu a respeito da operação dela. E, embora a tristeza fosse digna de mérito, também valia totalmente a pena, se significasse ter Lorna. Mesmo assim, houve uma perda com que precisou lidar em particular.

– Vai dar certo – afirmou Lorna, sem sorrir agora, nem mesmo chorando quando ele a tomou nos braços. – Não estou com medo, James. Sei que tudo dará certo.

– Concordo. – Ele a beijou, um beijo para o qual ela não tinha nome, um beijo que jamais havia experimentado até então.

Tinha o gosto de finais e de inícios, de passado e de futuro, de amor e de paixão. Mas havia também outro ingrediente, e, quando voltaram para dentro, Lorna compreendeu o que era.

Esperança.

Sentou-se à mesa da cozinha e ficou fitando seu cartão da consulta pré-natal, olhando para sua data prevista, a de seu último período menstrual, e a de sua próxima consulta marcada.

O delicado sol de inverno entrava pela janela, e Lorna se permitiu ser tomada de esperança quando James seguiu para a geladeira para preparar o seu almoço. Pois, mesmo sendo aquele um instante maravilhoso, ela acabara de se lembrar de que estava faminta e louca por uma xícara de chá.

Sim, havia chances e riscos, bem como muitos pontos negativos, caso alguém quisesse se dar ao trabalho de procurá-los. Mas havia também a fé, que era uma trilha muito mais benigna a se seguir. Havia a fé de que tudo estava bem com o mundo, que alguém, em algum lugar, cuidava deles.

– Não acredito! – A voz de James a despertou de seus pensamentos.

– Eu também não.

– Não é isso. – James sorriu. – Estou falando disto! – Ele retirou uma garrafa de champanhe do congelador. – Como o champanhe veio parar aqui?

– Simplesmente apareceu – disse Lorna, referindo-se a champanhe, a bebês, a acidentes automobilísticos e a vidas que seguiam, apesar de todas as chances contra. – Simplesmente aconteceu.

EPÍLOGO

JAMES NÃO precisava estar casado com ela para amá-la.

Podia ser um bom sujeito, mas ainda era humano, e havia uma pequena parte dele que extraía certo prazer de viver em pecado com a filha do pastor McClelland. Contudo, como amava Lorna mais do que odiava o pai dela, sugeriu um casamento em cartório. Um serviço rápido e simples para tornar as coisas oficiais, com apenas um par de testemunhas, escolhidas na hora. Contariam para todo o mundo mais tarde.

Só que Lorna queria uma igreja.

E, quanto mais pensava a respeito, mais James queria uma também. Não só porque as duas fotos de casamento diferentes ficariam ótimas na cornija da lareira e sempre serviriam de assunto para conversa, como ele tinha muito pelo que agradecer.

Muito mesmo.

E, embora pretendessem oferecer apenas a menor das cerimônias, havia muitas pessoas querendo compartilhar a alegria dos dois. Por isso, o número de convidados foi crescendo com o tamanho da barriga de Lorna.

No entanto, Lorna tinha essa estranha lógica de que não queria que as pessoas pensassem que estavam se casando apenas porque ela engravidara. Desse modo, para o horror do pai dela, o serviço foi devidamente adiado.

Só que Lorna não dava a mínima.

Eram a vida e o casamento dela, e, como Lorna dissera para o pai ao telefone, certa noite, enquanto James fingia estar assistindo à televisão, também era seu Deus.

E foi um evento casual e formal ao mesmo tempo, uma adorável mistura de rostos recebendo-os quando adentraram a igreja.

Juntos.

James a levaria ao altar desta vez, e não havia motivo para ninguém entregar a noiva, que lhe fora entregue anos atrás; e, apesar da interrupção, no fundo, jamais fora embora.

Não, eram três que caminhavam até o altar.

James usava um terno, que não era novo, e Lorna, um vestido lilás-claro, que era novo, mas que comprara em um site de leilões e economizara uma fortuna. Precisariam economizar, pois o pequeno sobrado começava a ficar pequeno demais para eles, e estavam de olho em uma grande propriedade em St. John Wood.

Vinham tentando encaixar pelo menos mais um bebê antes que Lorna tivesse a sua operação. Mas, fosse qual fosse o resultado disso, sabiam que já eram abençoados.

Sendo assim, encaravam o futuro como uma família. James com o pequenino James nos braços, ou JJ, como já começava a ser conhecido. Os olhos azuis do bebê começavam a ficar esverdeados e, de acordo com Lorna, seu loiro começava a avermelhar. Lorna trazia nas mãos um único lírio, o que não significava nada para as outras pessoas, mas tudo para eles.

E foi o melhor casamento do mundo. Até mesmo o pastor McClelland conseguiu esboçar um sorriso ao dar as boas-vindas a

James de volta à família enquanto segurava nos braços o neto. Aos 3 meses, com um sorriso capaz de iluminar Londres, JJ tinha o dom de amaciar até mesmo o mais duro dos corações.

Betty chegou até a perder a pose, beber champanhe e dançar, e depois dançar mais um pouco.

– Não ficará confuso... – perguntou Pauline quando Lorna e James sentaram-se à mesa para falar com os convidados. – ...dois drs. Morrell trabalhando no mesmo departamento?

– Como a maioria dos cirurgiões ingleses, James gosta de ser chamado de sr. Morrell – afirmou Abby, completando sua taça.

– De qualquer modo, médicas costumam manter o nome de solteira – explicou May. – Sendo assim, não haverá muita confusão.

– Não esta médica aqui. – Lorna esvaziou o copo. – Vou ser Morrell para tudo. Desta vez, mudarei o nome. Sinto muito, pessoal.

Sorriu para os rostos desapontados, porque realmente *seria* um pouco confuso. Mas, afinal, ela não estava nem aí! Era a esposa de James e queria que todos soubessem.

– Vamos, May. – Pauline ficou de pé quando uma canção animada começou a tocar. – Adoro essa música.

– Elas estão se dando muito bem. – James sorriu ao ver as amigas fazendo a maior festa na pista de dança. – Foi bom termos colocado as duas sentadas juntas. Quem vê pode chegar a pensar que elas se conhecem desde sempre.

Ele puxou a esposa para a pista.

– James...

A música ficou mais lenta, e Lorna teve a sensação de que os dois eram os únicos dançando. Era uma alegria estar nos braços dele no final desse dia perfeito. E era hora de lhe contar o que ela deduzira já fazia algum tempo. Que sempre houvera alguém cuidando deles, só que o destino às vezes precisava de uma ajudinha. Garrafas de champanhe não apareciam do nada nas geladeiras.

– O quê?

Lorna estava prestes a lhe contar quando se conteve. Por que estragar tudo? Fitando aqueles olhos verdes e lógicos, Lorna pensou que, se revelasse a ele, James poderia desconsiderar o milagre que, de fato, ocorrera.

Sendo assim, preferiu apenas dizer que o amava.

– Sei disso. – Ele enterrou o rosto no cabelo dela, inspirando a alfazema de seu xampu, e sentiu as reentrâncias do corpo magro de Lorna encaixando-se perfeitamente no seu, não conseguindo acreditar que tivera tanta sorte. – Mas pode falar de novo.

E ela falou.

E ainda o falaria muitas vezes.

Para todo o sempre.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: EMERGENCY: WIFE LOST AND FOUND

Copyright © 2009 by Carol Marinelli

Originalmente publicado em 2009 por Mills & Boon Medical Romance

ISBN: 978-85-398-0790-1

Arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Diagramação:

Editoriarte

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br